

REVISTA DA SEMANA

Nº 13



CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

29-3-47





UMA FILHA DE HAROLD LLOYD NO CINEMA

GLORIA LLOYD, filha de antigos "astros" cinematográficos Harold Lloyd e Mildred Davis, - uma das novas descobertas de Hollywood e fez sua estreia num filme da Universal International, dirigido pelo antigo ator e hoje "metteur-en-scène" Irving Pichel. Mas, apesar de existir um diretor, Harold Lloyd, em pessoa, deu uma mãozinha nas cenas em que sua filha aparece. Em cinema, vemos Glória Lloyd, numa atitude de seu filme de estreia e sendo maquiada pelo técnico do estúdio. E, em baixo, sendo ensaiada por Harold Lloyd em uma cena de amor com Charles Corvin.





O maior sucesso teatral de 1947 acaba de ser assinalado, no Teatro Regina, pela Companhia Artistas Unidos, com a senhora Henriette Risner Morineau à frente, na interpretação de "O pecado original", a primeira peça do famoso poeta Jean Cocteau, dada em nosso idioma. E' grande, por outro lado, a expectativa em torno da estréia da Companhia Brasileira de Comédia, no Municipal, com a peça de Ernani Fornari, "Quando se vive outra vez", interpretada por Maria Sampaio, Rodolfo Mayer, Sarah Nobre, Mario Salaberry e outros. Diz um título da primeira página de "O Globo": "Grave o ferimento da vítima do senhor Benjamin Vargas", acrescentando que a senhorita Rosa Conde, que levou o tiro na "bolte" Casablanca, foi a novo corpo de delito. Morreu Ozéias Motta, velho jornalista que fundou o jornal "Vanguarda", foi diretor da A.B.I. e do Sindicato dos proprietários de Jornais e Revistas. Era um grande trabalhador e só há pouco deixara o seu posto, obrigado, por motivos de saúde, a vender a terceiros o jornal que fundara. O presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, exerceu pela primeira vez o direito de veto em relação ao projeto que assegurava aos oficiais administrativos e datilógrafos determinadas vantagens, que o chefe do Executivo julgou excessivas. O Congresso decidirá sobre o veto em sessão especial, conjunta, a 29 do corrente. Medida singular, a do governo russo, proibindo o casamento de cidadãos russos, de ambos os sexos, com estrangeiros... Medida de caráter ultra-nacionalista e também fascista... Onde está a liberdade dos russos e russas, de escolherem os companheiros de suas vidas, de acordo com o seus corações? O general Góes Monteiro foi exonerado de representante do Brasil na Comissão Consultiva de Emergência Para a Defesa Política do Continente, com sede em Montevideu. Parece que é uma comissão de título comprido e programa curto. O ilustre general foi eleito senador e vem tomar posse de sua cadeira no Palácio Monroe. Vamos ter entrevistas. Vamos ter muitas entrevistas. Diz-se que é de âmbito nacional a cisão do P.T.B. e que o senhor Hugo Borgi está engulindo o senhor Getúlio Vargas. Mais uma vez, a criatura contra o criador... Mas o senhor Getúlio Vargas também não devorou seu criador, o senhor Washington Luis? Começou a ser vendida na cidade a carne empacotada. Mas os açougueiros não estão gostando da inovação, segundo se diz. E' que a carne já vem pesada e não há lugar para os quilos de oitocentas gramas?... Eles dizem que não é bem isso... E' que a carne empacotada está fora do racionamento e é vendida sem osso... Bravos à Noruega! O Parlamento de Oslo, por uma esmagadora maioria de 110 vo. contra 13, deliberou cortar relações com o governo fascista do general Francisco Franco. O governo de Oslo deliberou não aceitar o encargo de negócios da Espanha. Entraram em greve, em São Paulo, os operários das fábricas de "rayon" Labor, Cotonicil e Rodieseta. O Departamento de Estado Norte-Americano anunciou que o presidente Truman determinou que fossem demitidos todos os funcionários federais considerados desleais, mesmo que esses estejam associados apenas por simpatias a grupo totalitário de qualquer tendência. O "Correio da Manhã" protesta contra a desordem dos horários dos trens da Central do Brasil e diz que somente essa companhia não quer reconhecer a balbúrdia dos seus serviços. Um telegrama da Agência Reuters diz que o caudilho espanhol, general Francisco Franco, já está querendo agora a monarquia. E que nomeou uma comissão para organizar uma Constituição, tendo essa comissão começado os seus estudos pela carta monarquista de 1876. Dizem que, na Rússia, foi descoberta a cura do cancer, mediante a aplicação de um parasita existente no sangue do tatú. Notícias semelhantes sobre a cura do cancer também nos chegam da Itália. E ainda da Rússia vem uma esperança para os leprosos, no conteúdo deste telegrama da Agência Reuters: "Moscou, 22 (R.) — Dois cientistas soviéticos descobriram um preparado eficiente para tratar a lepra, considerada até agora como doença incurável. O novo preparado, descoberto pelo bioquímico Gubalov e pelo dermatologista Torsuyev, foi denominado ácido oxidiférico. Foi extraído de micróbios da difteria e produziu resultados notáveis quando experimentado em ratos e coelhos infetados de lepra. Há já um ano que o novo produto está sendo experimentado em pacientes humanos na clínica do professor Torsuyev, e úlceras que geralmente resistiam meses foram curadas em semanas. O Conselho Científico do Ministério da Saúde Pública aprovou o método de tratamento e decidiu aumentar a produção de ácido oxidiférico — ao que anunciou a Tass". Parecia terrível a crise em que se debatia o gabinete francês, chefiado pelo senhor Paul Ramadier, mas o ilustre homem público pleiteou um voto de confiança, aprovado por unanimidade, embora com a ausência dos comunistas. O fato é que não houve um único voto contra o governo. O presidente da República visitou a Exposição do Centenário de Castro Alves, no Ministério da Educação, sendo recebido pelo ministro Clemente Mariani, pelo governador Olívio Mangabeira e ministros do Trabalho, Marinha, Viação, reitor da Universidade, etc. E a Avenida Castro Alves, em que fica? Lord Louis Mountbatten, o mais jovem vice-almirante da Marinha Inglesa, foi nomeado vice-rei da Índia, em substituição a Wavell. Será ele o último dos vice-reis, agora que a Índia está a caminho da sua independência e será totalmente livre dentro de um ano. Apareceu um surto de paralisia infantil em Itaperuna, no Estado do Rio. E na Associação Brasileira de Imprensa realizou-se uma manifestação de simpatia ao povo do Paraguai e, ipso facto, de desagrado ao ditador Higinio Morínigo. O ditador paraguaio, aliás, já bem mal, quando fechávamos esta edição. Já estava sem aviação. Ao que parece, o Paraguai agora caminha, como o resto do mundo, para a democracia...

Revelando o Brasil aos brasileiros

Com o título acima a revista EU SEI TUDO inicia, no seu número de março, uma interessante secção informativa sobre a história e a geografia de cidades e regiões brasileiras, dando-se preferência a fatos curiosos que tenham alguma relação com episódios descritos em livros célebres de nossa literatura. A referida secção foi confiada à senhora Ignez Mariz, que ultimamente se vem dedicando a intensos trabalhos de pesquisa histórica. No número que circulará dentro de poucos dias será focalizada a cidade de Casa Branca, Estado de São Paulo, a qual consta como sendo a terra natal de Cirino, o herói de INOCENCIA, o imortal romance do Visconde de Taunay. Nos números subsequentes do EU SEI TUDO serão tratados os seguintes assuntos: municípios de Castro Alves e Curitiba, contribuição às comemorações do centenário do Poeta dos Escravos; Santa Leopoldina, região que serviu de cenário ao romance CANAAN, de Graça Aranha, no Estado do Espírito Santo; Nova Lisboa (ex-futura capital do Império do Brasil) cidade imaginária do interior de Mato Grosso; Macaíba, Rio Grande do Norte, terra de Auta de Souza e Augusto Severo; e assim por diante, cada mês um tema de palpitante interesse.

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

* * *

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer

* * *

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlantida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal; "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo) e "Villa São Jorge", de Eduardo Grotto Carreiro.

Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇNONS

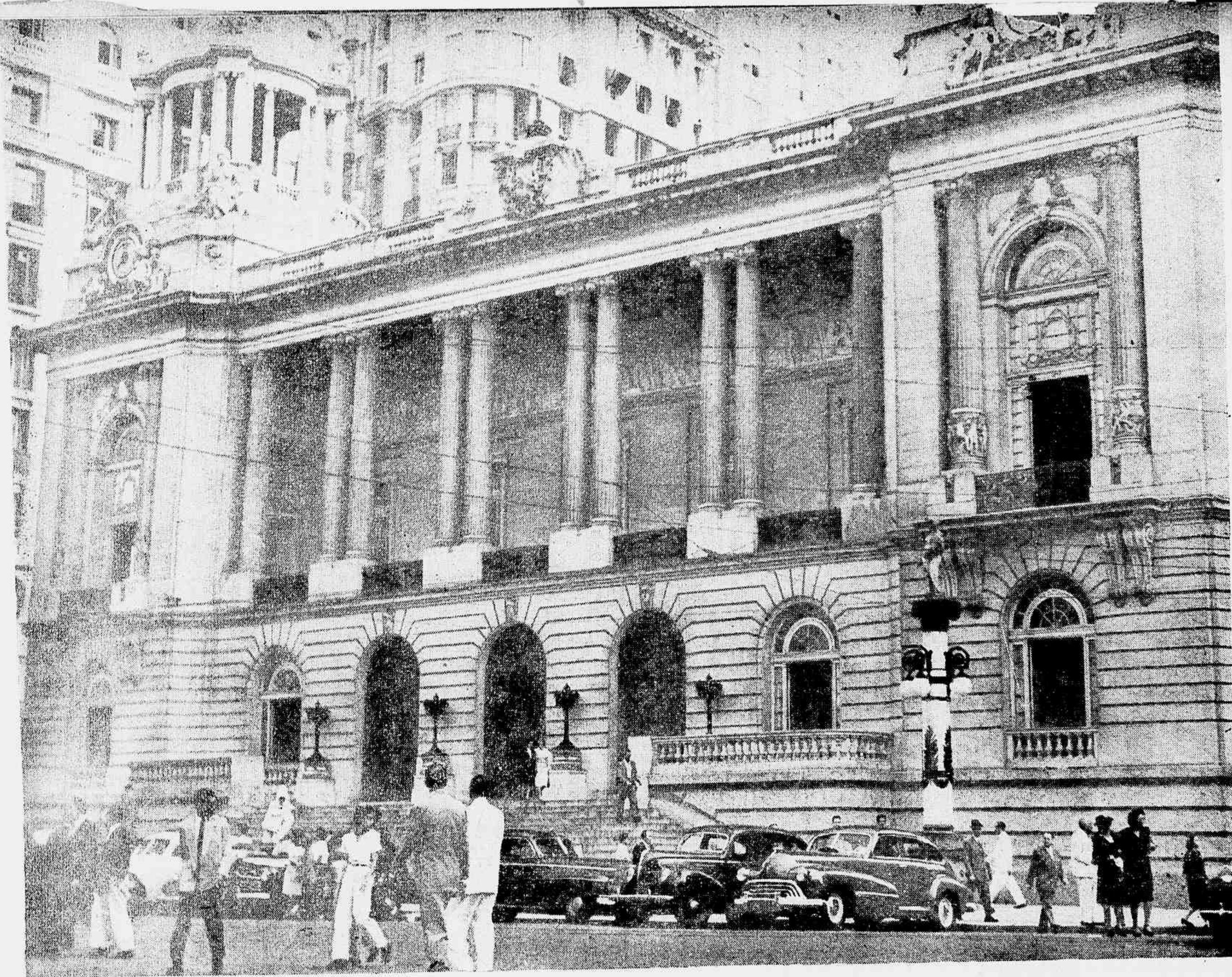
R. CARIOCA N.º 28

Loalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



A Câmara Municipal e o mais antigo órgão político do Rio de Janeiro. Já foi excomungada por um bispo e promovida a "ilustríssima" por D. Pedro I. José Clemente Pereira a presidiu no passado. Quem a preside agora, é o senhor João Alberto Lins de Barros.

A CÂMARA MUNICIPAL E' EXCOMUNGADA!

POR TER TOMADO A DEFESA DO POVO CONTRA OS JESUITAS

Grandeza e declínio de um corpo legislativo — Quando os vereadores eram "fidalgos cavaleiros" — De José Clemente Pereira ao senhor João Alberto — Uma Avenida muda de nome — O povo carioca já pode falar outra vez.

Reportagem de MARCELO TORRES



Especial para REVISTA DA SEMANA

O fato de ter voltado a funcionar a Câmara Municipal, após dez anos de fechamento, constitui, decerto, um fato de grande repercussão na vida não só da cidade, mas de toda a nação. O povo da capital federal, a gente carioca, tão ciosa dos seus sentimentos cívicos e das suas prerrogativas políticas, voltou outra vez a ter foros de cidadania, a ter voz ativa na discussão dos seus próprios interesses. O homem que habita a mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, de agora em diante, não se valerá somente das pilhérias anônimas, dos gracejos de esquina, para manifestar o que sente. Tem agora a quem se dirigir. Tem quem fale por si. Tem quem interprete os seus sentimentos. Ninguém pode se queixar. Na Câmara Municipal há vereadores de todos os matizes, desde os vermelhos, como o senhor Agildo Barata e a senhora Arcelina Mochel, aos verdes, como o senhor Jaime Ferreira da Silva, integralista e representante, portanto, da extrema direita. Há os democratas, de diversos matizes, e mesmo um socialista, como o senhor Osório Borba, representante único da Esquerda Democrática. U.D.N., P.S.D., P.R., P.T.B., P.T.N., P.C.B., E.D. e P.R.P., — nove partidos, ao todo, estão representados naquele corpo de cinquenta legisladores, sobre cujos ombros pesam as mais sérias responsabilidades.

A CÂMARA MUNICIPAL É EXCOMUNGADA

As responsabilidades dos vereadores são tanto mais sérias quanto é sabido que a Câmara Municipal do Rio de Janeiro se acha sob o peso de uma velha excomunhão que até hoje não foi levantada. E por que foi a Câmara Municipal excomungada? Apenas por uma coisa: por ter cumprido bem o seu dever. A excomunhão data exatamente de duzentos e setenta anos. Eis como é narrada por um velho cronista, Moreira de Azevedo, do Instituto Histórico, em "O Rio de Janeiro":

"Representando a Câmara, em 22 de agosto de 1677, contra abusos praticados pelos jesuitas, irritaram-se estes, e seu reitor, Barnabé Soares, persuadiu ao prelado Francisco da Silveira Dias, para (sic) excomungar a (sic) Câ-

mara, por consentir no livre exercício dos mangues, onde o povo ia buscar o marisco, o carangueijo, a lenha e a madeira (sic), e aqueles padres fulminaram excomunhão sobre o povo se fizesse uso dos mesmos mangues, mas a carta régia de 4 de dezembro de 1678 ordenou ao governador fizesse conservar aos moradores a pose, em que estavam, dos mangues".

O pitoresco cronista comenta: "Patenteia essa questão o zelo que manifestava a Câmara pelo bem público". Vemos que os jesuitas queriam um privilégio contra o povo. A Câmara decidiu contra os jesuitas. E a justiça real preferiu ficar com a Câmara e com o povo, a ficar com os jesuitas. A Câmara continua excomungada, porque a excomunhão nunca foi levantada. Mas, em casos como esse, mais vale a excomunhão do que a capitulação.

A CÂMARA E O SEU PAPEL NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

A Câmara Municipal do Rio de Janeiro, hoje novamente em funcionamento, é uma das mais antigas instituições políticas do Brasil. É uma Câmara tão antiga quanto ilustre. Começou a funcionar no século XVI, com o nome de Corpo da Câmara, embora não se possa precisar a data exata, em razão de um incêndio que, em 1790, devorou grande parte do arquivo municipal.

Hoje, os cariocas não podem eleger o seu prefeito, mas a ilustre Câmara Municipal, por alvará de 27 de setembro de 1644, foi autorizada a nomear governador interino, quando acontecesse falecer o governador. Mais tarde, pelo decreto real de 6 de junho de 1647, — que este ano completará trezentos anos redondos, — a Câmara foi autorizada, na ausência do governador ou do alcaide-mór, a fazer o ofício de capitão-mór e tomar as chaves da cidade. De fevereiro a abril de 1661 o Rio de Janeiro foi governado pela Câmara Municipal e, novamente, em 1863, na ausência do governador Duarte Teixeira Chaves. A Câmara, pois, já teve função executiva.

Em 1748, um decreto real concedeu à Câmara o privilégio de fazer-se chamar Senado da Câmara. E' com esse

nome que aparece nos compêndios de história do Brasil, ao ser narrado o episódio do "Fico". Foi o Senado da Câmara, ou, melhor, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, que deu esse grande passo para a proclamação da independência, indo com José Clemente Pereira à frente, à presença do príncipe D. Pedro, pedir-lhe que não embarcasse na fragata "União", que devia transportá-lo para Lisboa.

— Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, digam ao povo que fico, — foi a resposta do príncipe, representando sua primeira declaração formal de desobediência ao governo de D. João VI, estabelecido em Lisboa.

A VELHA CÂMARA, AS IMUNIDADES E A LIBERDADE DE IMPRENSA

Foi a Câmara Municipal, sob o nome de Senado da Câmara, que conferiu a D. Pedro o título estimulante de "defensor perpétuo do Brasil". Antes do episódio do "fico" esse mesmo corpo legislativo se dirigira ao então príncipe regente, pedindo-lhe que pusesse em execução uma lei assecuratória da liberdade de imprensa. Foi também a Câmara Municipal que, em 1825, propôs a ereção de uma estátua equestre a D. Pedro I, projeto só realizado, afinal, trinta e sete anos mais tarde. Uma coisa que muita gente ignora é que, outrora, até mesmo os assuntos atinentes à defesa nacional, eram da alçada da Câmara Municipal. Foi essa casa legislativa que determinou a construção da Fortaleza da Lage e a reparação das de Santa Cruz, Gragoatá e Villegaignon, entre 1695 e 1700. O rei de Portugal agradeceu esses serviços em carta assinada do seu punho e, em recompensa, enviou seis peças de artilharia para a defesa da cidade.

As imunidades dos vereadores não existiam, a princípio. Essas imunidades foram estabelecidas somente em lei de 7 de novembro de 1685, porque o rei de Portugal se condeou dos vereadores, que sofriam "palavras injuriosas e outras ofensas dos governadores", quando não se vergavam à vontade destes. Aquela lei determinou que os vereadores "não podiam ser presos nem vexados durante



Em cima : com a mão no microfone, o presidente da Câmara Municipal, senhor João Alberto Lins de Barros controla a marcha dos debates, dos quais participam representantes de nove partidos. Em baixo : um aspecto do recinto, vendo-se no primeiro plano a comunista Arcelina Mochel em conversa com a "pêrre-queremista" Sagamor de Seuvero. Ao fundo, está Jorge de Lima, que apresentou a indicação-bomba, sugerindo o nome de Castro Alves para a Avenida Getúlio Vargas, — além de outros vereadores.



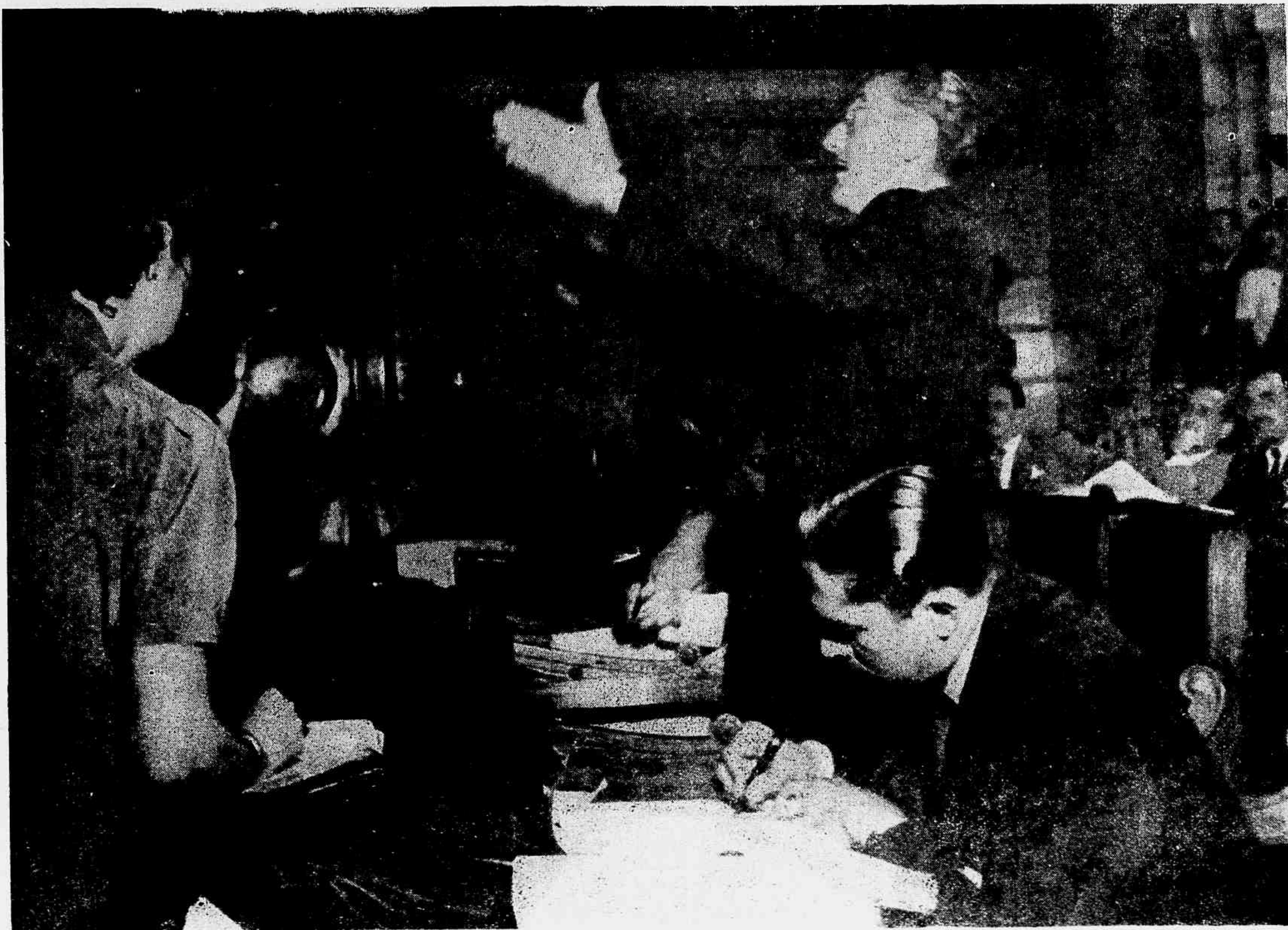


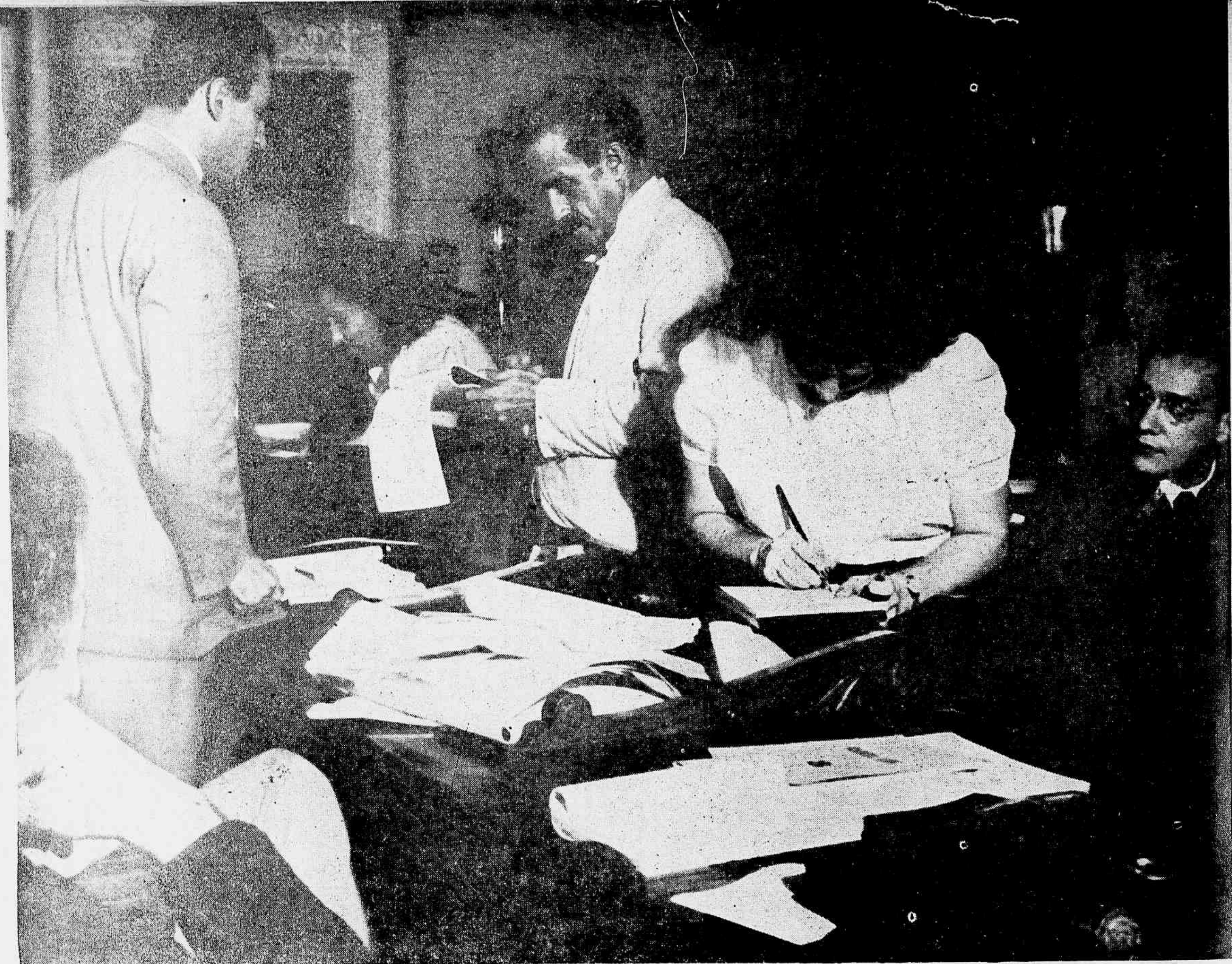
Eles eram nove em 1830 e, agora, são cinquenta... Em cima, vemos um grupo de vereadores, entre os quais os senhores Frota Aguiar, João Machado, Julio Catalano e Leite de Castro. Em baixo : três vereadores da bancada comunista, liderada pelo senhor Pedro de Carvalho Braga, que era, anteriormente, funcionário da Light.





Em cima : Carlos de Lacerda, vereador udenista, que foi o mais votado do Distrito Federal. Em baixo : Ari Barroso, compositor, locutor, comentarista de futebol, animador de programas de calouros, jurista e bacharel, fazendo um dos seus discursos. O popular vereador carioca também pertence à U.D.N.





Um aspecto da Câmara Municipal durante os trabalhos, vendo-se de pé o vereador Luis Pais Leme, da U.D.N., e, sentado, Aloisio Nelva Filho, do Partido Comunista.



seus cargos, salvos nos casos compreendidos nas leis de Ordenações do Reino" e bem assim que fossem respeitados os privilégios dos legisladores municipais. Ser vereador não era honra das menores, nos tempos de antanho. Em 1818, a Câmara recebeu o tratamento de senhoria e os vereadores foram nomeados "fidalgos cavaleiros". D. Pedro I, a 21 de junho de 1822, concedeu aos vereadores entrada na sala do docel, quando comparecessem ao paço incorporados, e em 1823, melhorou o tratamento da Câmara, que passou, de senhoria, a ilustríssima...

A lei de 1º de outubro de 1828 reformou o antigo Senado da Câmara, criando em seu lugar a Câmara Municipal, que se instalou a 16 de janeiro de 1830, constituída por nove vereadores e um secretário, além de suplentes.

DE NOVE A CINQUENTA... E ONDE SE FALA NO PADRE OLÍMPIO DE MELO

De 1830 a 1930, a Câmara Municipal funcionou com a mais absoluta regularidade, a não ser no período ditatorial, aliás breve, que se seguiu à proclamação da República. Depois de 1930, houve outro hiato, recomeçando suas atividades após a promulgação da Constituição de 1934. Mas durou pouco, pouquíssimo tempo, mesmo, a nova Câmara, que, embora excomungada, era então presidida por um padre, — o padre Olímpio de Melo. Os acontecimentos de 1935 fizeram com que o prefeito Pedro Ernesto fosse envolvido pelas medidas de repressão ordenadas pelo senhor Getúlio Vargas, que via com maus olhos a crescente popularidade do médico humanitário e do administrador d'ânimo, que a cidade ainda hoje lembra com saudade. Preso o senhor Pedro Ernesto, o senhor Getúlio Vargas nomeou o presidente da Câmara Municipal, padre Olímpio de Melo, para o cargo de interventor. E finalmente, alguns meses antes do golpe de Estado de 1937, de que resultou a dissolução violenta e brusca do Congresso Nacional, em consequência de uma conspiração do chefe do Executivo e dos seus ministros, juntamente com governadores de alguns Estados e elementos militares, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro era dissolvida e vários dos seus vereadores metidos na cadeia, sem nenhuma forma de processo. Um desses vereadores, o senhor Tito Livio de Santana, conseguiu voltar, agora, ao antigo lugar, eleito pelo União Democrática Nacional. Tendo ape-

O vereador comunista Iguatemy Ramos em conversa com seu colega Tito Livio de Santana.



Ao alto : o vereador petebista Levi Neves e a vereadora udenista Ligia Maria Lessa Bastos, na tribuna.

nas nove vereadores, em 1930, — eleitos de quatro em quatro anos, — a ilustríssima Câmara Municipal tem agora nada menos de cinquenta e, pela primeira vez na sua história, nela têm assento quatro mulheres: Ligia Maria Lessa Bastos, Sagrator de Scuvero, Arcelina Mochel e Odila Schmidt.

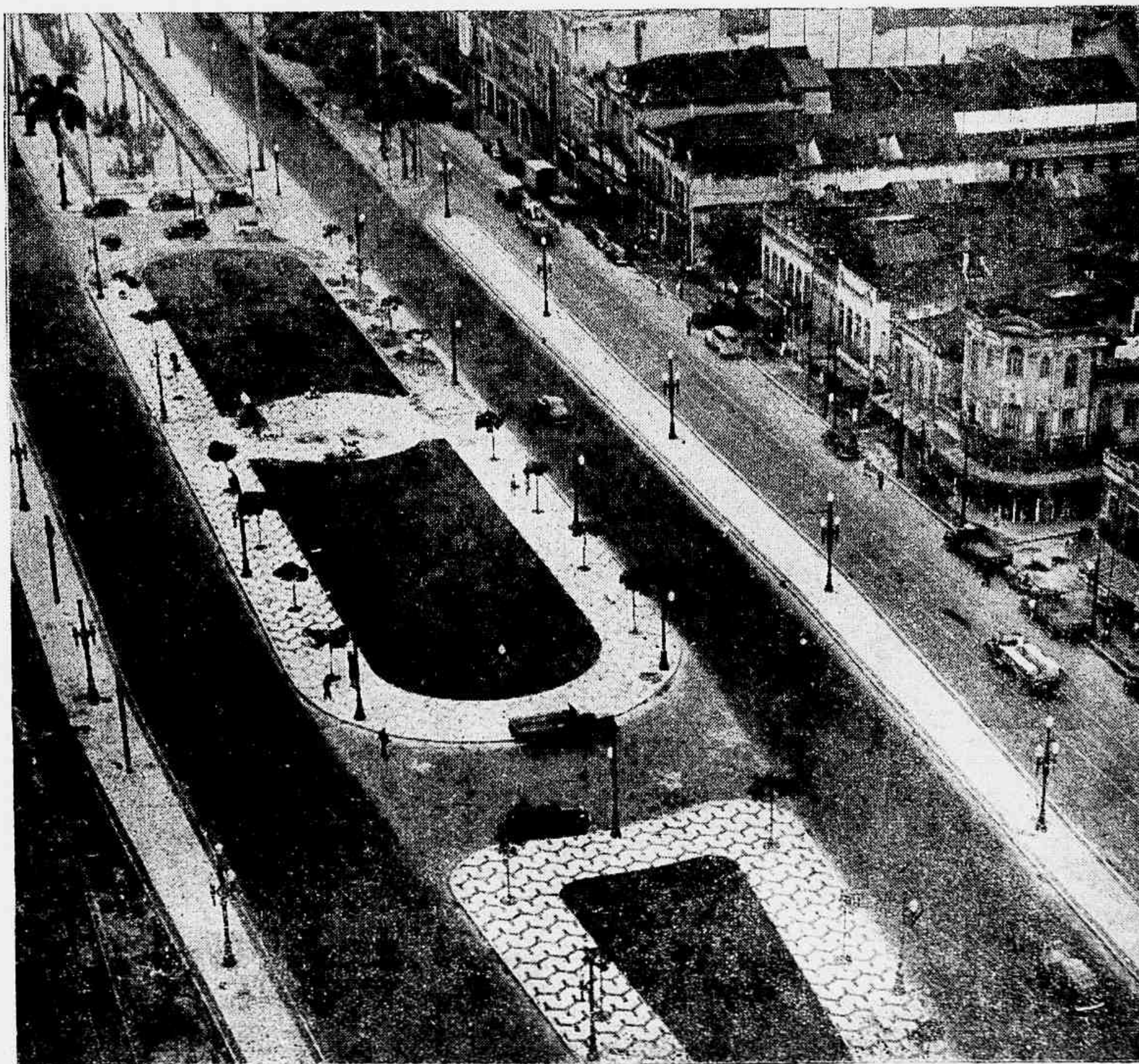
O SR. JOÃO ALBERTO VITORIOSO E DERROTADO...

O senhor João Alberto, que há muitos anos acompanha o senhor Getúlio Vargas fielmente, — e que foi depois de 1930 interventor em São Paulo, chefe de Polícia no Rio de Janeiro, deputado por Pernambuco, ministro plenipotenciário no Canadá, comandante da batalha da borracha, coordenador da Mobilização Econômica, presidente da Fundação Brasil Central e outra vez chefe de Polícia, até sair o decreto de nomeação do senhor Benjamin Vargas, pingou d'água que fez transbordar o copo dos ressentimentos nacionais contra a ditadura, — agiu com consumada habilidade e inteligência, na eleição da mesa da nova Câmara Municipal. E assim, pertencendo a uma bancada que não representa senão uma quinta parte daquele corpo legislativo, conseguiu se fazer eleger presidente, a despeito dos esforços ingentes da U.D.N., para torpedear essa candidatura. Conquistando o apoio dos comunistas e podendo negociar cargos na mesa com outras bancadas, o senhor João Alberto conquistou uma autêntica vitória. Mas logo dias depois o presidente da Câmara Municipal via, com tristeza, o seu partido ser fragorosamente derrotado, ao propor a bancada da U.D.N., pela palavra do vereador Jorge de Lima, que se trocasse o nome da antiga Avenida Getúlio Vargas pelo nome de Avenida Castro Alves, em honra do maior dos nossos poetas, o grande cantor da liberdade, o ardoroso defensor dos escravos, cujo centenário o Brasil acaba de comemorar. Antes, já havia a Câmara Municipal, aliás, aprovado uma moção de veemente protesto contra a violação daquela casa, em 1937, pelo senhor Getúlio Vargas.

Mudar o nome de ruas e avenidas não é atribuição da Câmara Municipal, mas do prefeito da cidade. O que a Câmara Municipal fez foi aprovar uma indicação do pre-

(Continua na pág. 57)

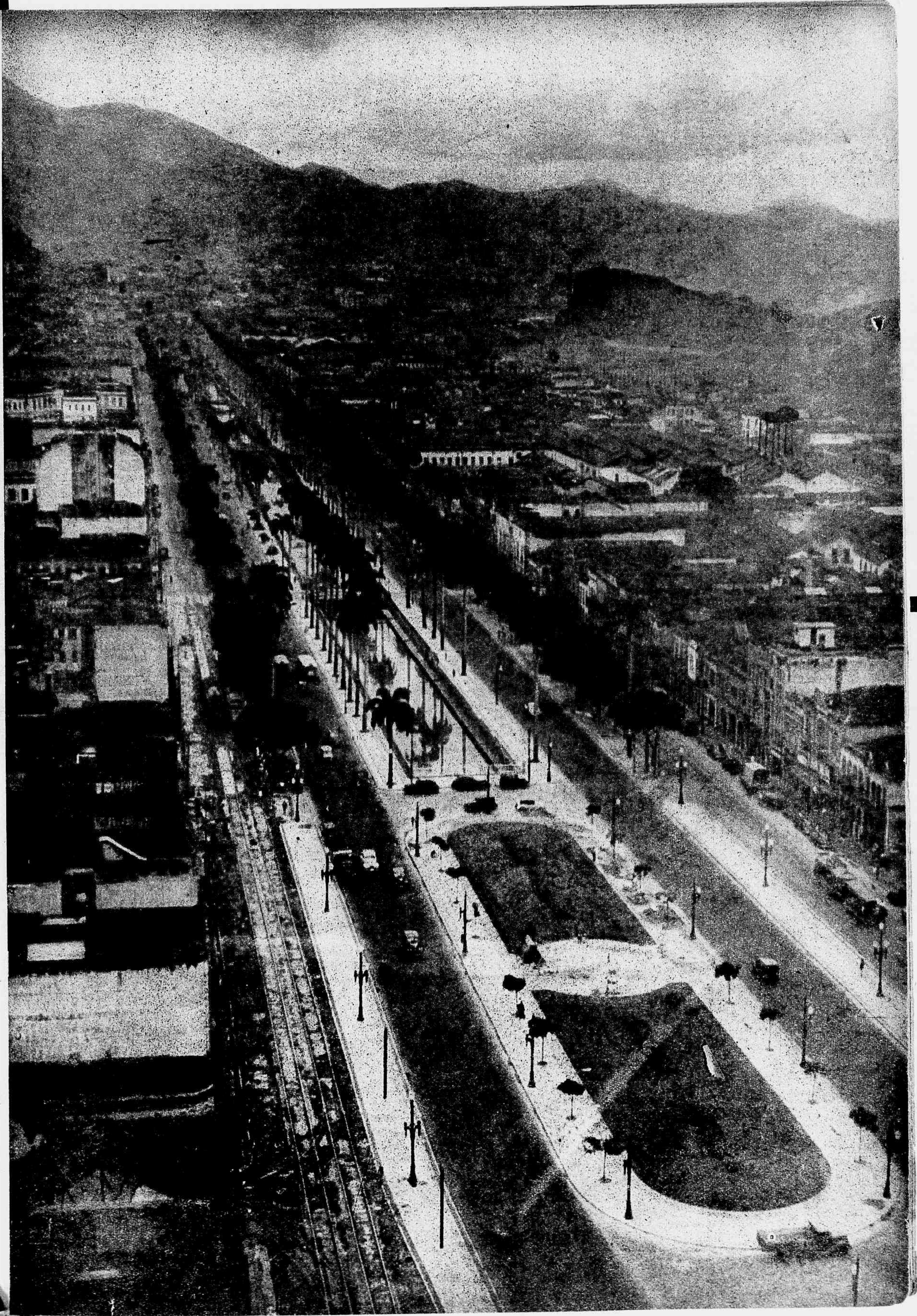
A Avenida Getúlio Vargas resume, em sua história, o esplendor e a decadência da ditadura. No local ao lado, lá ser erigido o "grande monumento da gratidão nacional" ao senhor Getúlio Vargas. Mas as obras foram paralizadas, a despeito do acoadamento oficial. O que consta é que o Exército disse "não" e o senhor Getúlio Vargas fingiu renunciar ao monumento...

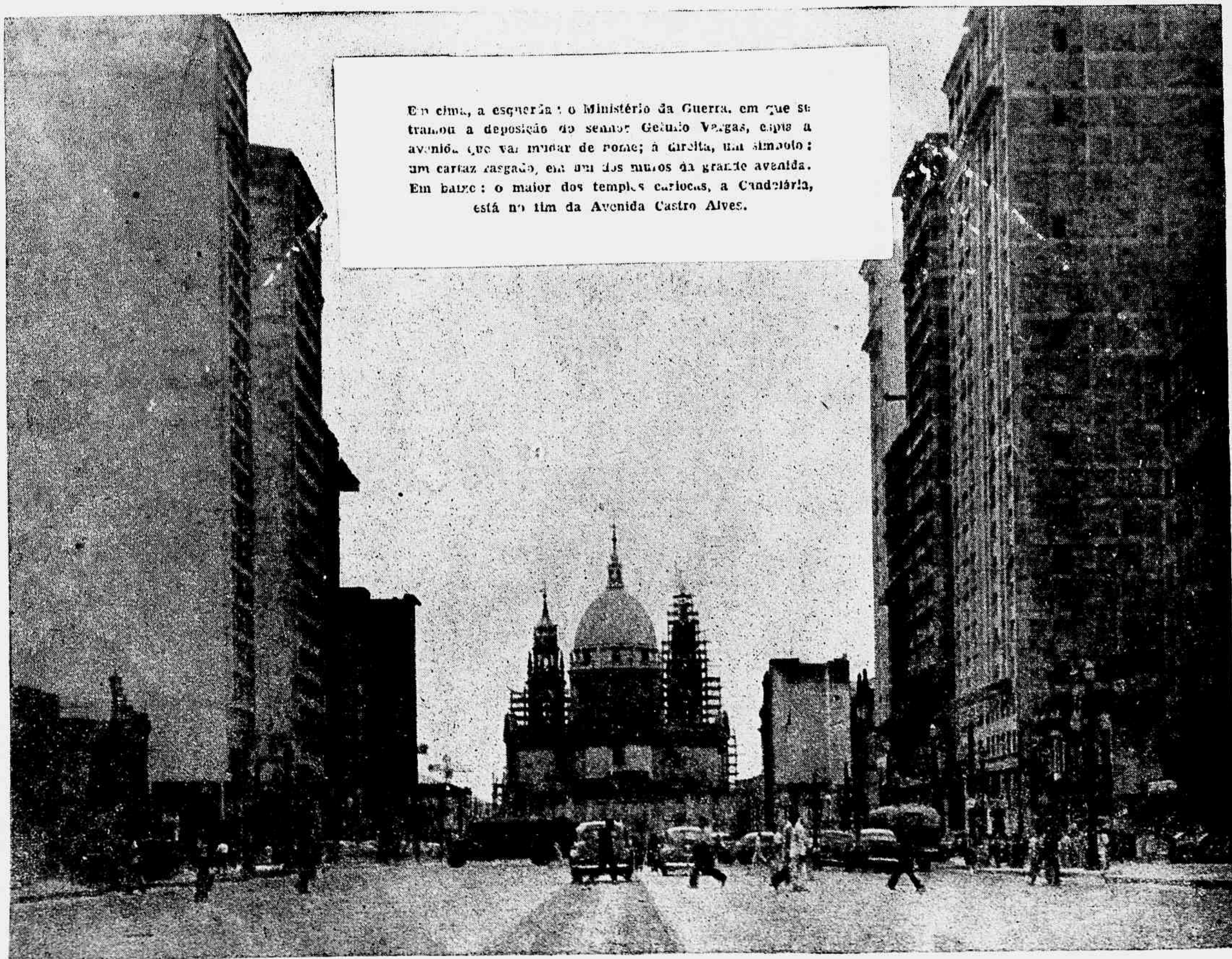
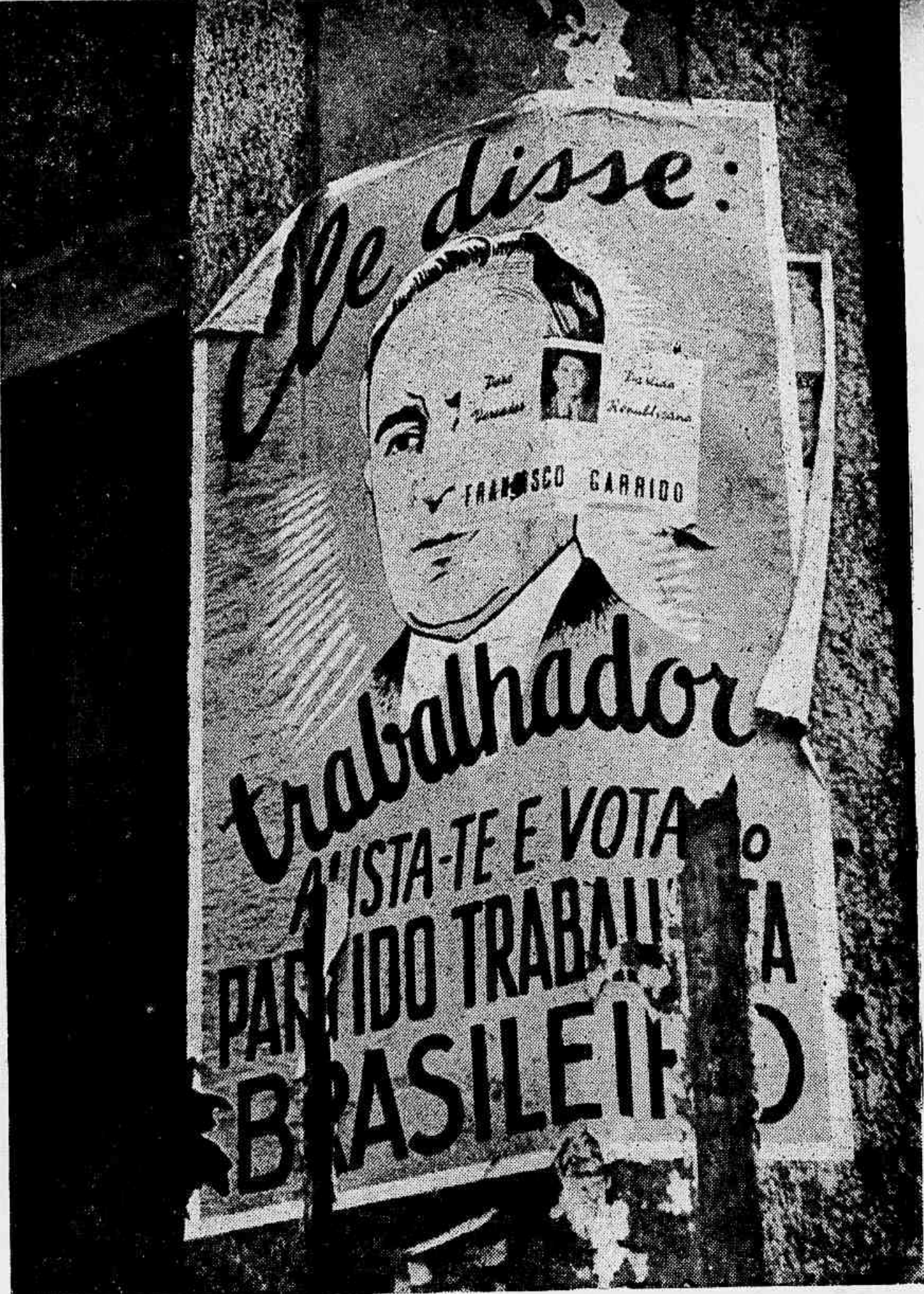




Se o prefeito Hildebrando de Góes quiser satisfazer aos desejos da maioria da Câmara Municipal a placa que se vê acima será mudada por outra, em que se lerá: "Avenida Castro Alves". O prefeito é baiano. Castro Alves também... Em baixo e na página à direita: duas perspectivas da avenida mais importante da cidade. Construída por um delegado do ditador Getúlio Vargas, recebeu o nome deste. Mas os representantes do povões do povo carioca querem que ela tenha o nome do grande cantor dos escravos.







Em cima, à esquerda: o Ministério da Guerra, em que se
trouxe a deposição do senhor Getúlio Vargas, após a
avenida, que vai mudar de nome; à direita, um símbolo:
um cartaz rasgado, em um dos muros da grande avenida.
Em baixo: o maior dos templos cariocas, a Candelária,
está no fim da Avenida Castro Alves.

Marcel Pagnol, o autor de "Topaze", de "Marius" e de "Fanny", o colaborador de Paul Nivoix em "Les marchands de gloire" e o cineasta vitorioso de "A mulher do padeiro", filme de sucesso verdadeiramente mundial, Marcel Pagnol é recebido, neste momento, na Academia Francesa, como um dos "quarenta".

QUE um autor teatral, após retumbantes sucessos, renuncie ao teatro para se dedicar ao cinema, eis o que quase toca o inverosímil. Foi todavia, o que sucedeu um belo dia a Marcel Pagnol. Com "Topaze", com "Marius", e e vinha de alcançar triunfos que lembravam os de Edmond Rostand (outro marselhês), quando recebeu, por assim dizer, uma "iluminação" que o desviou de uma concepção da arte dramática para a qual a natureza parecia tê-lo expressamente criado.

Eis como o caso se deu. E' e' mesmo que no-lo conta com infinito humor e aquele espírito perspicaz que constitui parte essencial do seu talento pois ele não é apenas um excelente dramaturgo, mas um crítico que muito tem refletido sobre as condições da sua arte e de toda a arte em geral, ainda que, graças a Deus, não haja na sua obra nem pretensões filosóficas nem essas teorias literárias que apenas dissimulam, na maioria das vezes, falta de imaginação e de espírito.

Pois, uma noite ("Topaze" e "Marius", representados simultaneamente em Paris haviam já alcançado juntos mais de mil representações), jantava ele sozinho, num pequeno restaurante da rua B'anche, quando um de seus amigos se vem sentar diante dele e lhe diz todo absorvido pelo seu assunto:

— Chego de Londres e acabo de ver lá uma coisa extraordinária: um filme falado!

— O quê? — retorquiu Pagnol, queres falar de um fonógrafo que distribui palavras de acordo com todos os movimentos dos atores e da ação?

— Não te sei dizer, mas vai ver. Juro-te que é admirável. O filme chama-se "Broadway Melody" e está sendo exibido no Paladium.

No dia seguinte Pagnol achava-se em Londres, sentado numa poltrona do Paladium escutando com todos os cuícos e olhando com todos os olhos a estranha novidade de que lhe falara o amigo: uma peça, uma verdadeira peça, com ação e diálogo em que as imagens as imagens falavam! A dizer a verdade, o que ele escutava não passava ainda de uma cacofonia. As vozes pareciam sair de um cano de régua. Nem por isso se sentia menos aturdido. Aquela associação das imagens do movimento, do pensamento e da palavra humana, era bem outra coisa além de um espetáculo de diversão, era um trabalho maravilhoso que não se podia comparar senão à invenção da mais completa escrita que conhecíamos, pois registrava em conjunto o pensamento, a voz o gesto, toda a vida enfim e, uma vez impressa, essa extraordinária escrita podia difundir-se através do mundo por meio de uma simples bobina com tanta facilidade como um livro. Teve imediatamente a sensação de que um meio inédito de expressão acabava de nascer; que essa mecânica seria amanhã a ferramenta perfeita de que se serviria a arte dramática, e que bem cedo o velho teatro não teria serventia além de formar atores ao serviço da arte nova.

Na sua poltrona do Paladium arrebatado pela sua imensa imaginação, pensava com encantamento que aquela mecânica iria permitir a um autor dramático apresentar-se simultaneamente em cem lugares diferentes e que, de ora avante, não seria já por centenas, mas por milhares e milhares que ele teria de contar as representações teatrais (o que não era um sonho pois a "Fanny" ultrapassou, de aí a muito tempo, a centésima milésima). Ao mesmo tempo, apresentava-se ao seu espírito veloz a multidão das vantagens do cinema falado sobre o velho sistema teatral: a mudança instantânea de cenário, que permite transportar, num abrir e fechar de olhos a ação para onde se quer, sem necessidade de explicações fastidiosas, e realizar essa



MARCEL PAGNOL NA ACADEMIA FRANCESA

A ESTRADA DE DAMASCO DE UM AUTOR DRAMÁTICO

Por JEROME e JEAN THARAUD

(Da Academia Francesa)

(Copyright da FRANCE PRESSE)

mobilidade que Shakespeare se esforçou por atingir pelo corte dos seus atos em quadros que ele ataca e termina a seu gosto, deixando-nos sempre no cume do movimento dramático; a possibilidade de apresentar simultaneamente duas ações fundidas uma na outra, mas passadas em lugares diferentes; isolar, numa cena determinado grupo de personagens, enquanto o autor prossegue, por uma via diferente, na ação, todavia indispensável para lhe dar o

ambiente; finalmente e sobretudo, a vantagem de manter constantemente em plena luz o ponto central do interesse desejado pelo autor dramático.

— Mas então, dizia-se ele, ainda no cinema nunca mais teremos sob os olhos o ator vivo, em carne e osso; nunca mais teremos senão a sua imagem!

E a si mesmo respondia:

— Tanto melhor! tudo é falso no teatro; tudo é falso, exceto os atores. E esse mesmo o seu grande defeito. No meio de um cenário fictício, a brutal realidade do ator imprime uma nota falsa. Futuramente, ele será como todas as coisas que o rodeiam, uma imagem entre imagens, uma sombra entre sombras. Tornar-se-á tão falso ou tão verdadeiro quanto o resto do espetáculo. Sua voz não será mais de um homem mas de um personagem liberto das misérias e variações humanas; seu rosto será o seu rosto cuidado nos seus melhores momentos. E é precisamente essa ausência de toda a carne que dará ao cinema a sua realidade esplêndida, sua magia, sua poesia...

(Continua na pág. 56)



Jerome Tharaud, na sua farda de acadêmico, e seu irmão, Jean Tharaud, quando tomava posse de sua cadeira e fazia seu discurso de recepção na famosa Academia Francesa.

MARCEL PAGNOL, que é, ao lado de Paul Claudel, de Jean Anouilh, de Jean-Jacques Bernard e de Marcel Achard, indiscutivelmente um dos valores máximos do teatro francês, já foi aplaudido várias vezes no Brasil, quer através dos seus filmes, como "A mulher do padeiro", quer através de suas peças, entre as quais "Topaze" é a mais famosa. Neste momento o grande dramaturgo está sendo recebido na Academia Francesa, como um dos "quarenta imortais" da França. Sua posse fora marcada para o dia 27 do corrente. E', pois, oportuníssima a publicação deste artigo, de dois outros acadêmicos, os ilustres escritores Jerome e Jean Tharaud, sobre o novo membro do ilustre sodalício, — artigo cuja exclusividade a REVISTA DA SEMANA adquiriu com a "France Presse".

A VIDA DE EMANUEL KANT

(1724 — 1804)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

Os joviais cidadãos de Königsberg tinham uma maneira infalível de acertar os seus relógios. Todas as tardes, precisamente às três e meia, sala de casa Emanuel Kant para o seu passelo diário. Era um homúnculo singular — mal media cinco pés de altura e tinha o peito chato, o abdômen saliente, o ombro direito torcido para trás, o ombro esquerdo deprimido, a cabeça inclinada para um lado, um chapéu cinzento, um capote cinzento e uma bengala cinzenta com que percutia delicadamente o pavimento, ao se encaminhar para a avenida das tilhas que os seus concidadãos apelidaram o "Passelo do Filósofo". Afanando-se, fielmente, atrás dele, com um guarda-chuva na mão para proteger o amo, caso rompesse inesperada tempestade, vinha o velho criado Lampe, que adorava Kant e para quem, como veremos, devia Kant criar uma religião e um Deus.

O pequeno sábio aleijado de Königsberg era tão pontual em seus hábitos quanto o sol. Levantava-se, vestia-se, tomava o seu café, escrevia, dava aulas, jantava, caminhava — tudo à mesmíssima hora diariamente. "A vida de Kant", observa um dos seus biógrafos, "semelhava o mais regular dos verbos regulares". Mas não era um verbo conjugado, pois Kant nunca se casou. Não era homem capaz de encher uma cabeça de mulher com pensamentos românticos.

Quando, porém, dava aulas, enchia os assistentes com algo semelhante à veneração. Pois, ficando atrás de uma secretária que lhe ocultava o corpo desproporcionado, parecia aos alunos, ser apenas uma cabeça. Cabeça forte, as sobrancelhas espessas, os ossos do rosto salientes, os grandes olhos de um azul penetrante, complexão rubicunda e boca eloquente da qual fluía "a linguagem mais profunda" "que jamais pronunciaram lábios humanos" — para citarmos Herber.

★

"O fogo", diz velho provérbio oriental, "destrói a madeira mas fortalece o ferro". O ferro da alma de Kant foi fortalecido por uma infância de privações. Nasceu (1724) numa Europa pobre, assolada de conflitos e devastada pela peste. Mais de sessenta por cento das pessoas haviam perdido a vida numa quase interminável sucessão de guerras, e muitos dos que tinham conseguido sobreviver, estavam na iminência de morrer à fome. A família Kant pertencia ao grupo dos esfalmados da fortuna. O pai de Emanuel era um cortador de correias de couro, "cujas pontas", observa humoristicamente, "ele nunca conseguiu fazer com que se encontrassem". Mas tinha a tenacidade escocesa de propósito — os Kants, ou Kants, haviam emigrado da Escócia no século dezessete — e sabia como "educar bons homens com pequenos meios". Embora incapaz de proporcionar aos onze filhos um variado cardápio físico, educou-os numa dieta, rica de alimento mental e inspiração moral. Para as crianças Kant o pão branco era um sonho mas os pensamentos sinceros e a afeição simples, uma diária realidade. Foram educadas numa religião prática baseada sobre os ensinamentos da Bíblia. Pois os Kants eram pietistas — seita de puritanos alemães que dominavam a si mesmos Soldados da Paz.

Foi nessa atmosfera religiosa que Emanuel recebeu a educação familiar e a primeira instrução. Destinava-se o currículo da escola a desenvolver mais as faculdades morais que as faculdades mentais das crianças. "Prefiro", dizia um dos mestres pietistas, "salvar uma alma a produzir uma centena de eruditos". Não imaginava uma entã que, em sua escola, produzia um erudito que iluminaria um milhão de almas.

De feito, ressentiu-se Kant da importância exagerada dada ao lado religioso de sua educação em detrimento do lado intelectual. Não se agradava dos intermináveis catecismos, das formalidades cerimoniais, das longas horas de instrução religiosa e da continua ronda de orações desde o primeiro almoço até à hora de deitar. Como resultado dessa aversão cedo adquirida pela religião formal, recusou-se Kant, durante toda a sua vida madura, a atender ao culto público.

Todavia, não era cego aos valores éticos do Pietismo. "Dizei o que quiserdes

dessa doutrina, ninguém poderá negar o verdadeiro valor dos caracteres que formou". E, sem dúvida, não desempenhou pequena parte na formação do caráter de Kant; porque os seus mestres pietistas lhe deram "o que de mais excelso pode possuir um homem — aquela calma, aquela paz, aquela íntima serenidade que paixão alguma perturba".

Permaneceu nessa escola "construtora de caracteres" por oito anos, entrando,

Kant entrara para a Universidade com a bênção dos pais, que esperavam vê-lo, um dia, a "sacudir a cabeça num púlpito". Porque o ministério eclesiástico era o cume da ambição profissional dos artifices escoceses do tempo. Kant, porém, preferiu a filosofia à teologia — especialmente porque o departamento filosófico de Königsberg contava então com os serviços de dois dos mais brilhantes intelectos alemães — os professores Knutzen e Tes-



EMMANUEL KANT

depois, na Universidade de Königsberg. Durante toda a sua carreira colegial foi um "familiar da pobreza", ensinando os condiscípulos mais atrasados em troca de sua própria instrução e de seu pão, e muita vez — nomeadamente nos dias em que a instrução se vendia — sem o pão. Suas roupas durante esse período eram quase esfarrapadas. Mas conservava as calças, como as idéias, sempre muito bem passadas, e as segurava com engenhosa invenção — amarrava-as a uns atilhos que fazia passar pelos bolsos de suas calças conservando-os esticados por meio de caixinhas de molas. Não era à toa que nascera numa família de fabricantes de correias!

Contudo, apesar de todas as privações, logrou conservar a saúde. Porque cuidava de si mesmo com germanica meticulosidade e escocesa perseverança. Quando saía de casa, especialmente no inverno, respirava apenas pelo nariz e recusava-se a travar conversação com quem quer que fosse. Decidira impedir que lhe entrassem pela boca aberta os "ventos da pneumonia".

ke. Eram esses homens, no modo de falar do tempo, considerados como "pollmatas" — doutos em muitos sentidos. Os seus interesses não eram apenas filosóficos, mas também científicos. E debaixo de sua influência amplificadora foi dado a Kant não só mergulhar nas abstrações de metafísica, mas ainda nas realidades da física, da geometria, da álgebra, da psicologia, da astronomia e da lógica. Lançou, em suma, breve mas vasta vista de olhos sobre todo o mundo conhecido àquele tempo.

E a impressão geral que lhe causou o mundo foi a de uma propriedade infinita com um amo ausente — Deus. Kant decidiu consagrar a vida ao exame da propriedade e à procura do amo. "Nada", disse ele, "desviar-me-á desse curso".

Antes de tudo, porém, era-lhe preciso prover à sua subsistência. Empregou-se como preceptor no campo, posição degradante para um jovem filósofo, menos, porém, que a de suas irmãs, obrigadas a empregar-se como criadas. De feito, tão superior se considerava Kant em relação a elas — e foi esta a mais séria mancha

em seu caráter — que nunca as visitou, após graduar-se na universidade.

Continuou a prelecionar os fidalgos prussianos por nove anos — período em que lhe foi dado conhecer "as maneiras do mundo". E, o que é estranho para um filósofo, não se desagradou delas. Entre os empregadores que lhe admiravam os conhecimentos, embora lhe desprezassem a posição social, estavam o conde e a condessa von Keyserling. Sob a benevolente proteção deles foi apresentado "aos mais altos círculos sociais" onde, para surpresa de toda a gente, achou-se à vontade, "como peixe dentro d'água". Vestia o seu corpinho retorcido de traços elegantes, se bem que baratos; animava os saraus nos salões das grandes damas; tornou-se o "diretor inofensivo" do falatório local; jogava com habilidade, cartas e bilhar e transformou-se, enfim, em elegante "causer" e "bon vivant". Em resumo, o filho do cortador de couro aprendera a fazer figura na sociedade do seu tempo.

Mas apenas por breve espaço. Kant preferia, por temperamento, a vida interior à exterior. Após a breve excursão física e social pelo mundo de seus semelhantes, recolheu-se à carapaça de seu espírito. Nomeado professor (Docente) da Universidade de Königsberg (em 1755), entrou a levar vida de estudo e nunca viajou mais de quarenta milhas além dos limites da cidade. As suas aventuras, desse momento em diante, teriam por cena as montanhas da imaginação humana e os labirintos do humano pensamento.

★

Kant encetou a sua carreira acadêmica não como filósofo mas como cientista. Escreveu tratados sobre "Fogo", "Ventos", "História Natural", "Antropologia", "A Teoria dos Céus" e "O Envelhecimento da Terra". Prefigurou a hipótese nebular de Laplace e a teoria darwiniana da evolução. Os seus principais interesses, contudo, eram mais especulativos que analíticos. Gradualmente voltou-se-lhe o espírito, da física, para a metafísica.

A corrente de suas especulações metafísicas foi alimentada por muitas influências tributárias, das quais quatro podem ser mencionadas em particular — o idealismo de Berkeley, o materialismo de Hume, o racionalismo de Voltaire e o emocionalismo de Rousseau. Berkeley destruiu a matéria. Hume demolira o espírito. Dissera Voltaire: "Que uma peste arrase ambas as vossas casas! Esqueçamos as abstrações e agarremo-nos à razão". E Rousseau contrariava: "Esqueçamos a razão e apoiemo-nos no sentimento". Kant, com germanica inteireza, decidiu examinar cada uma dessas quatro teorias discordantes, por seu turno, e descobrir, se possível, algum denominador comum que combinasse todas essas teorias funcionárias numa unidade integral de verdade.

Publicou os resultados de suas investigações em três livros monumentais: "A Crítica da Razão Pura", "A Crítica da Razão Prática" e "A Crítica do Juízo". Esses três livros podem ser grosseiramente comparados a um templo de três andares — um envasamento obscuro que serve de cripta para os ídolos mortos, um auditório que permite a entrada de um feixe místico de luz através dos vidros coloridos das janelas, e uma cúpula que se ergue para a beleza azul do céu. Lançamos rápida vista de olhos sobre eles.

★

Em sua introdução à "Crítica da Razão Pura" Kant avisa o leitor das dificuldades dos livros. "Estamos aqui", escreve, "oprimidos por problemas que não podem ser ignorados... e que não podem ser solucionados". Para aumentar a necessária obscuridade do assunto, exaspera, Kant, o leitor, com uma desnecessária obscuridade de estilo. Os filósofos alemães têm por hábito, falando de maneira figurada, coçar a orelha esquerda com a mão direita. Por que serdes simples quando podéis ser complexos? Por que agradardes os vossos leitores quando podéis amofiná-los? Kant inventou todo um dicionário de termos abstrusos, e era tão prolixo que, em seu esforço para explicar um passo, frequentemente o modificava.

(Continua na pág. 54)

MÚSICA

A HISTÓRIA DO "MARTENOT", UM INSTRUMENTO MÁGICO

Opinião de compositores e intérpretes; Cortot, Milhaud, D'Indy, Strawinsky e Canteloube — Algumas partituras com efeitos inéditos — A aplicação tem efeito direto e físico sobre o público — Intensifica os conjuntos ou aparece como solista.

De ROBERTO LYRA FILHO ★ Especial para REVISTA DA SEMANA

CERTO crítico disse que o romantismo trouxe, para o campo da arte musical, a inflação dos instrumentos. Para se entender essa observação, basta passar os olhos pelas orquestrações opulentas de um Richard Strauss, por exemplo, esse romantico retardado, que dedica toda a sua atenção de compositor às concepções monumentais — uma orquestra rica, brilhante.

Daria um capítulo interessante, paralelamente à história dos grandes compositores e suas obras, pesquisar o desenvolvimento dessa organização que já atravessou tantas etapas — a orquestra. Não um estudo erudito, como aquele grosso volume de Curt Sachs, um regalo para os técnicos e um aborrecimento para os leigos, mas uma história movimentada e pitoresca da maneira pela qual nasceu, cresceu e foi engordando a orquestra, desde os tempos em que um Lulli regia, batendo o compasso com um bastão — certa vez bateu no próprio pé, feriu-se e foi morrer em consequência desse acidente — até os tempos em que, depois do ideal grandioso que os românticos forjaram, a orquestra entrou em dieta, à procura de uma depuração, num banho revigorante, que eliminou as excrescências, para dar-lhe, novamente, aquela musculosa agilidade da época clássica — o néo-classicismo — um ponto de vista mais consentâneo com a nossa época trepidante, que entrou com sua dose de tensão, cacofonias e força dinâmica nas partituras embebidas no espírito desse tempo de desequilíbrio e transição.

O "MARTENOT"

Há pouco mais de dez anos Leopold Stokowski que, com todo o seu insuportável cabotinismo, sempre foi um entusiasta da música moderna, declarava que o "martenot" era o único instrumento de alcance ilimitado nas quatro dimensões da música.

Essa divisão em quatro dimensões, aliás, escapa à regra geral que concebe somente três: altura, intensidade e timbre. Stokowski, por outro lado, sustenta que são quatro: a altura, duração, volume e timbre. Dentro desses quatro elementos, proclamou ele, em certa ocasião, o "martenot" não conhece restrições.

O "martenot", inventado e aperfeiçoado por Maurice e Ginette Martenot, produz sons por intermédio de um instrumento radioelétrico cujos elementos essenciais os inventores descrevem da seguinte forma:

"Uma lâmpada e seu circuito oscilante, as pilhas ou acumuladores que fornecem a energia necessária à vibração e substituem o sopro e, para completar, o autofalante que transforma as vibrações elétricas em vibrações sonoras.

Um tal conjunto por si já era suficiente para produzir o som e entendemos por isso que ali estava a matéria prima necessária para que se transformasse em música, linguagem dos sons. Para chegar a este resultado, porém, foi preciso obter, em primeiro lugar, um instrumento cujas variações e altura de som obedecessem a uma lei rigorosamente constante, de modo que com um deslocamento idêntico das mãos, se obtivessem um intervalo musical igual, mantendo-se essa relação em toda a escala sonora. Resolvemos o problema servindo-nos de dois sistemas oscilantes de alta frequência cujas oscilações sofrem interferências regulares".

A OPINIÃO DE D'INDY

Vincent D'Indy referiu-se à qualidade do som produzido pelo "martenot", nos seguintes termos:

"O que mais me impressionou na demonstração do "martenot" foi que o resultado das experiências conserva sempre uma nota de interpretação humana direta e não é, como a maior parte das tentativas no gênero, uma transposição mecânica — o que, na minha opinião, nada tem a ver com a arte".

Além da opinião do compositor francês, discípulo de Liszt, outros críticos se manifestaram. Disse um deles, André Samson:

"Quando os sons da onda elétrica apareceram só se ouvia falar em música celeste, imaterial, esses sons, de uma pureza até então inatingida, elevavam a platéia a alturas insuspeitadas, digamos, mesmo, a um plano supra terrestre. Porém não se trata somente disso. Um instrumento, para ser completo, não deve ser capaz de exprimir toda a infinita gama das emoções humanas? Depois de tornar capaz de cantar, não deve ser aperfeiçoado até que aprenda a gemer, gritar, atingir o paroxismo do sofrimento humano? A ação das ondas sobre o estado físico do público é considerável. Em alguns fortíssimo, todo o corpo vibra às ressonâncias. Quem sabe se esta ação direta da música não terá influência sobre uma nova etapa na história da música levando os compositores a novas pesquisas que recolocarão esta arte no seu posto primitivo de ritual, de religião em seu sentido mais puro?"

O USO DO MARTENOT

Espalhando-se pelo mundo, as ondas foram ouvidas em quase todas as capitais, como instrumento solista, enquanto que algumas das maiores orquestras adquiriram o instrumento, sendo que a de Filadélfia, quando sob a direção



Strawinsky, o famoso compositor do "Pássaro de Fogo", diz que os "Martenot", utilizados em quatuor, trazem "uma nova família de cordas e madeiras".

de Stokowski, foi uma das primeiras a encomendá-lo. Além da Orquestra Sinfônica de Filadélfia, já Colonne, Pasdeloup, A Academia Santa Cecilia de Roma possuem "martenots".

A respeito da ação do "martenot", dentro da orquestra, os inventores escreveram o seguinte:

"1 — na orquestra: Não importa qual seja o número de instrumentos da orquestra, no momento dos grandes "tutti" ou dos "fortissimi", as ondas atingem uma intensidade tal que quebram a força da orquestra substituindo-a por uma outra, uma força irreprimível e inexcedível. Por outro lado, num conjunto que atinja um pianíssimo de extrema doçura, as ondas intensificam aquela impressão, porque, sem tirar o caráter de pianíssimo ao som, purificam-no, despojam-no de tudo o que eles têm de supérfluo. Ora identificando-se às sonoridades dos instrumentos, as ondas duplicam, quadruplicam sua intensidade, sem lhes desvirtuar o timbre, ora destacando-se do conjunto, as ondas produzem som próprio, de acordo com a partitura. Utilizadas em quatuor, elas trazem, segundo Strawinsky, "uma nova família de cordas e madeiras".

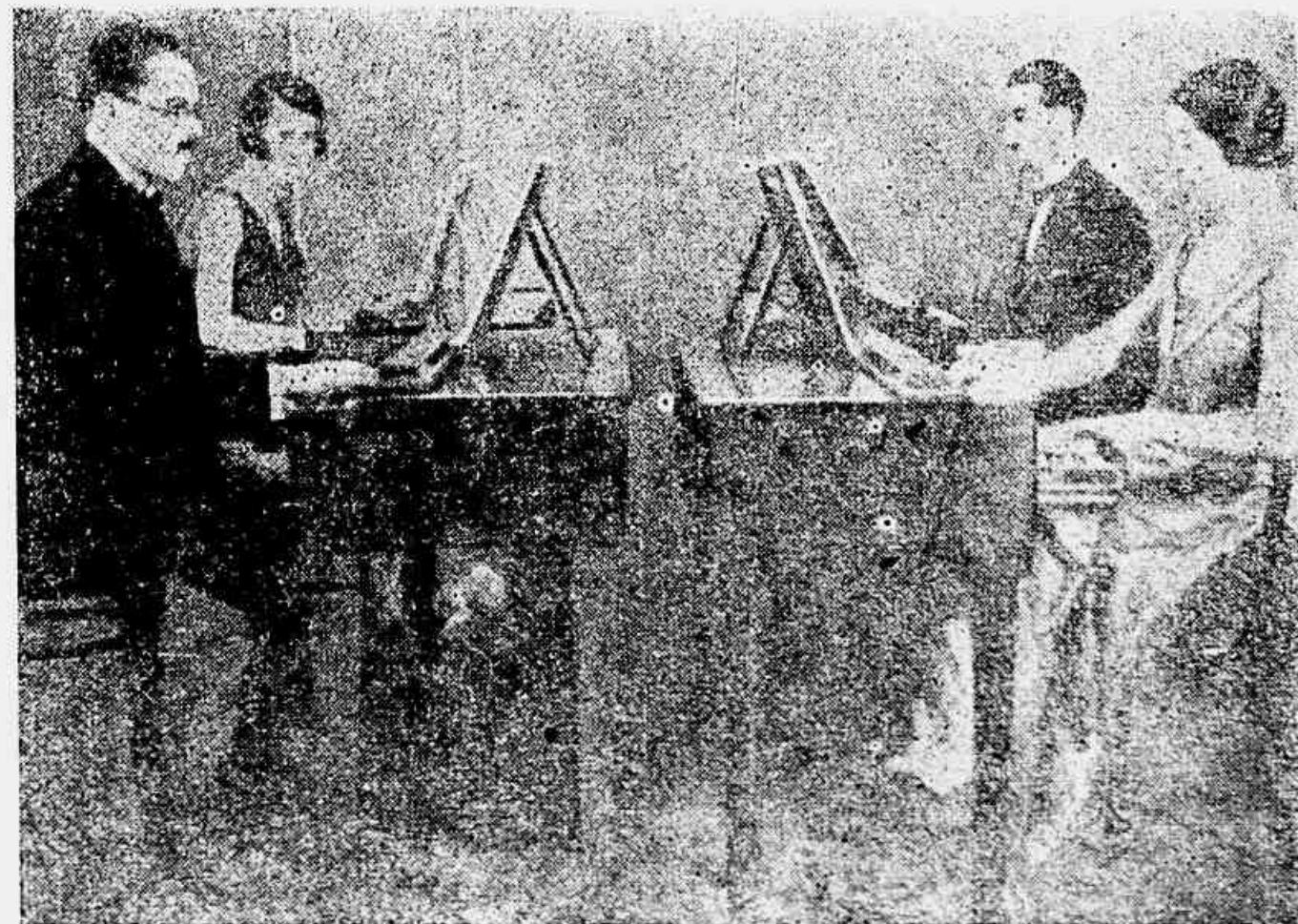
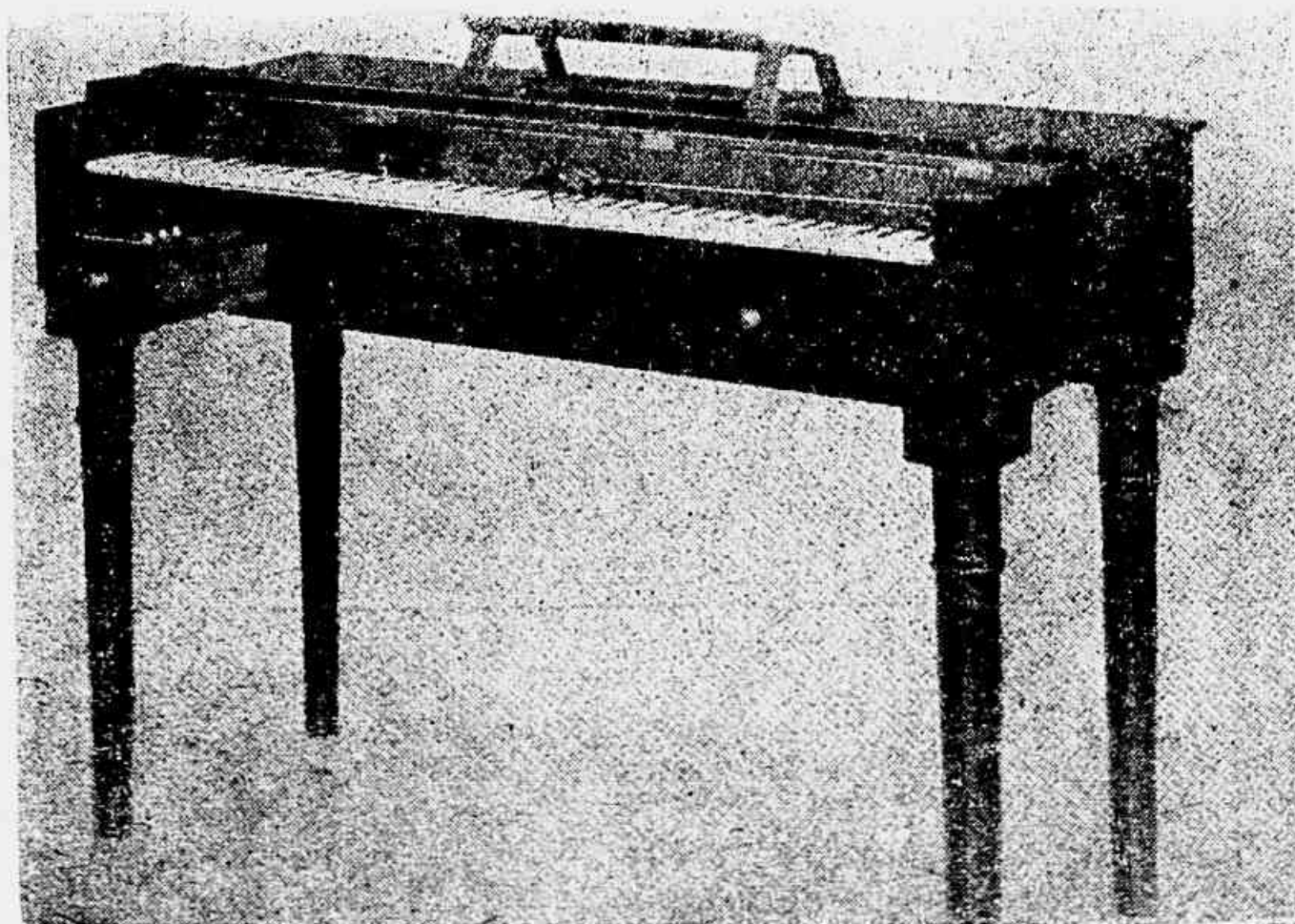
Canteloube utilizou-se das ondas para salientar o motivo dos druidas, em Vercingetorix.

Por outro lado, no teatro lírico, é extraordinária a capacidade que têm as ondas de intensificar as vozes. Pode-se dar ao público uma impressão de multidão, quando, na realidade, há somente um punhado de coristas. Assim fez Darius Milhaud na famosa cena dos gigantes de "L'Annonce Faite à Marie". Nesta ópera, como no "Castelo dos Papas", Milhaud usa efeitos inéditos de ondas e sons de sinos misturados.

Alfred Cortot disse, dos "Martenot":

"A descoberta na qual Martenot teve posto tão destacado, e que ele definiu com tanta clareza em sua aplicação técnica, abre ao engenho do músico um horizonte insondável e que séculos de pesquisa não poderão exgotar. Nenhum limite se opõe às variações de timbre, às modulações de intervalos até agora mais ou menos indefiníveis. São estes os princípios da arte do futuro".

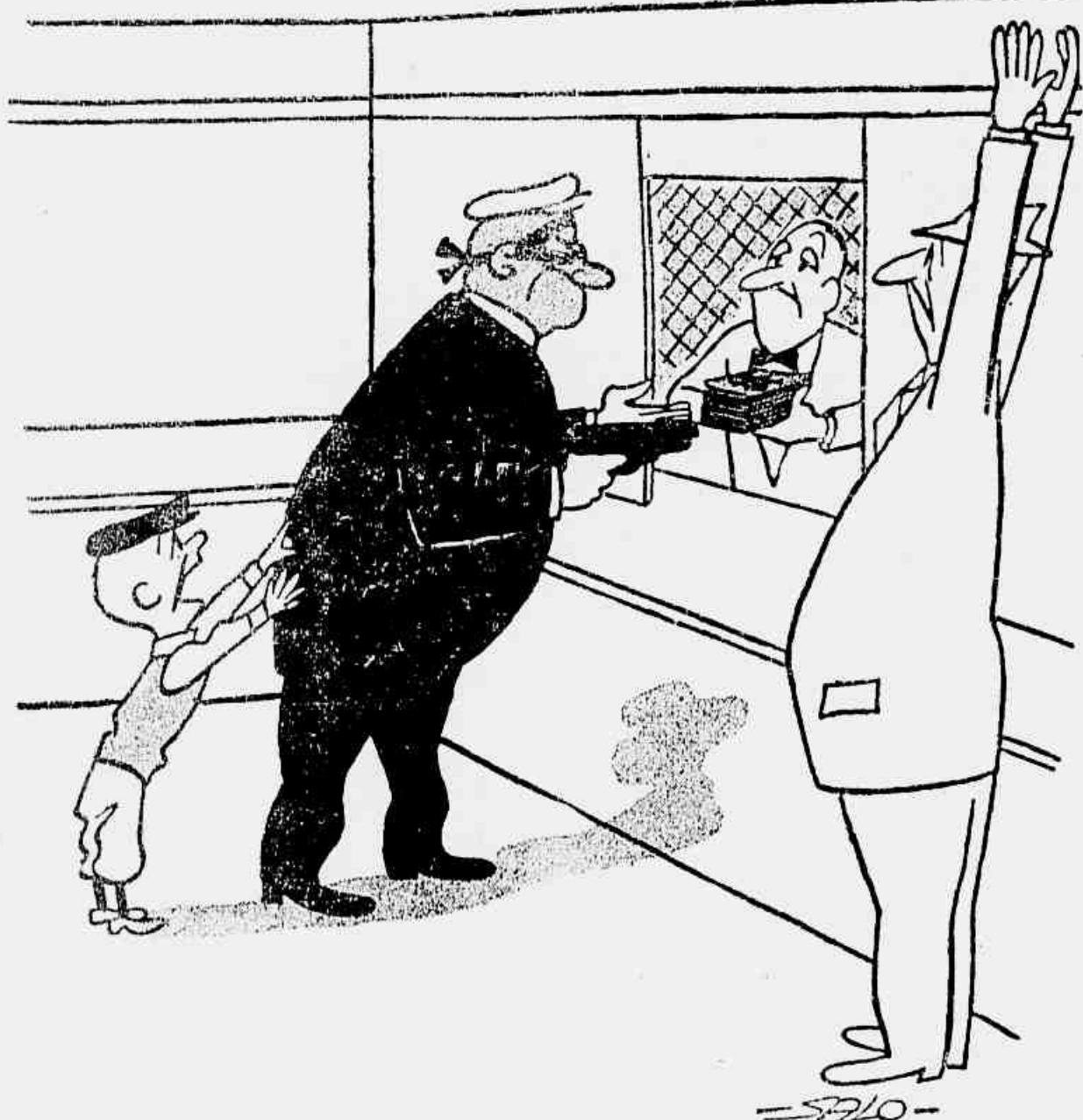
A esquerda: O "Martenot", o instrumento mágico. A direita: Os inventores, Maurice Martenot e Ginette Martenot, numa demonstração com dois acompanhantes.





— Desculpe... Eu me esque... esqueci de olhar para trás!

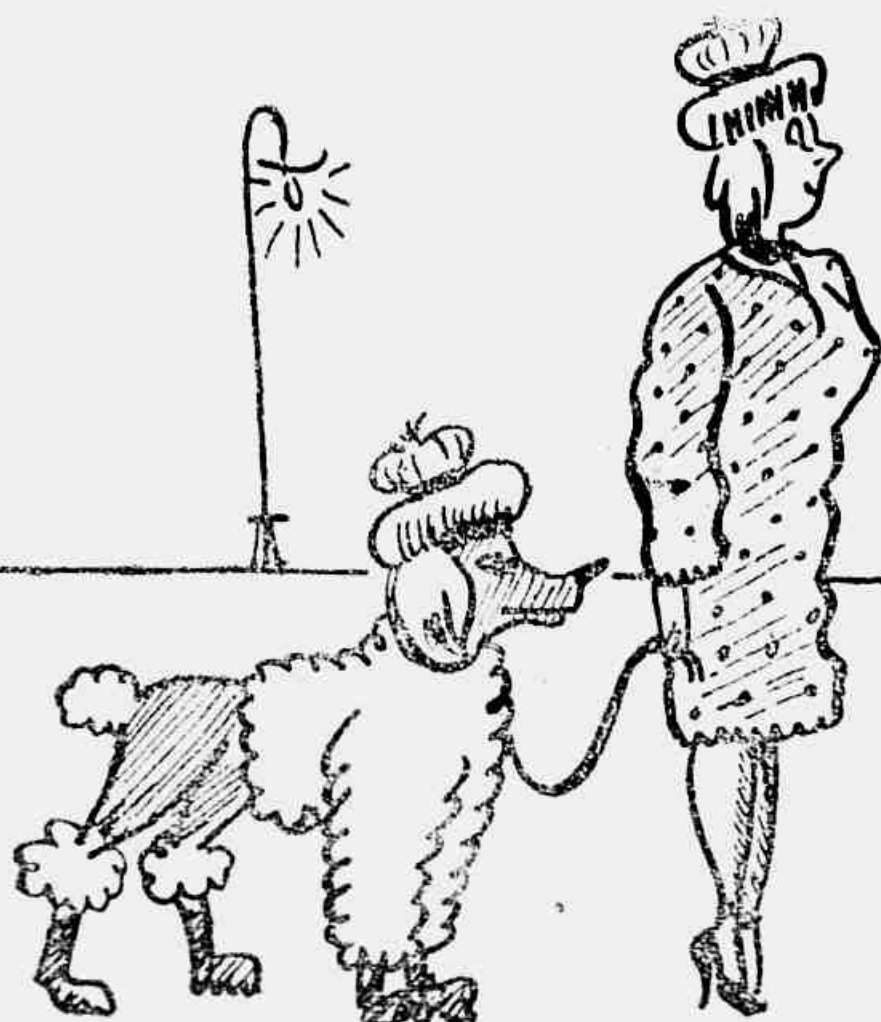
BOM HUMOR



— Papai, peça também um níquel para mim!



— Quero um pouco disto e minha mulher quer um pouco daquilo!





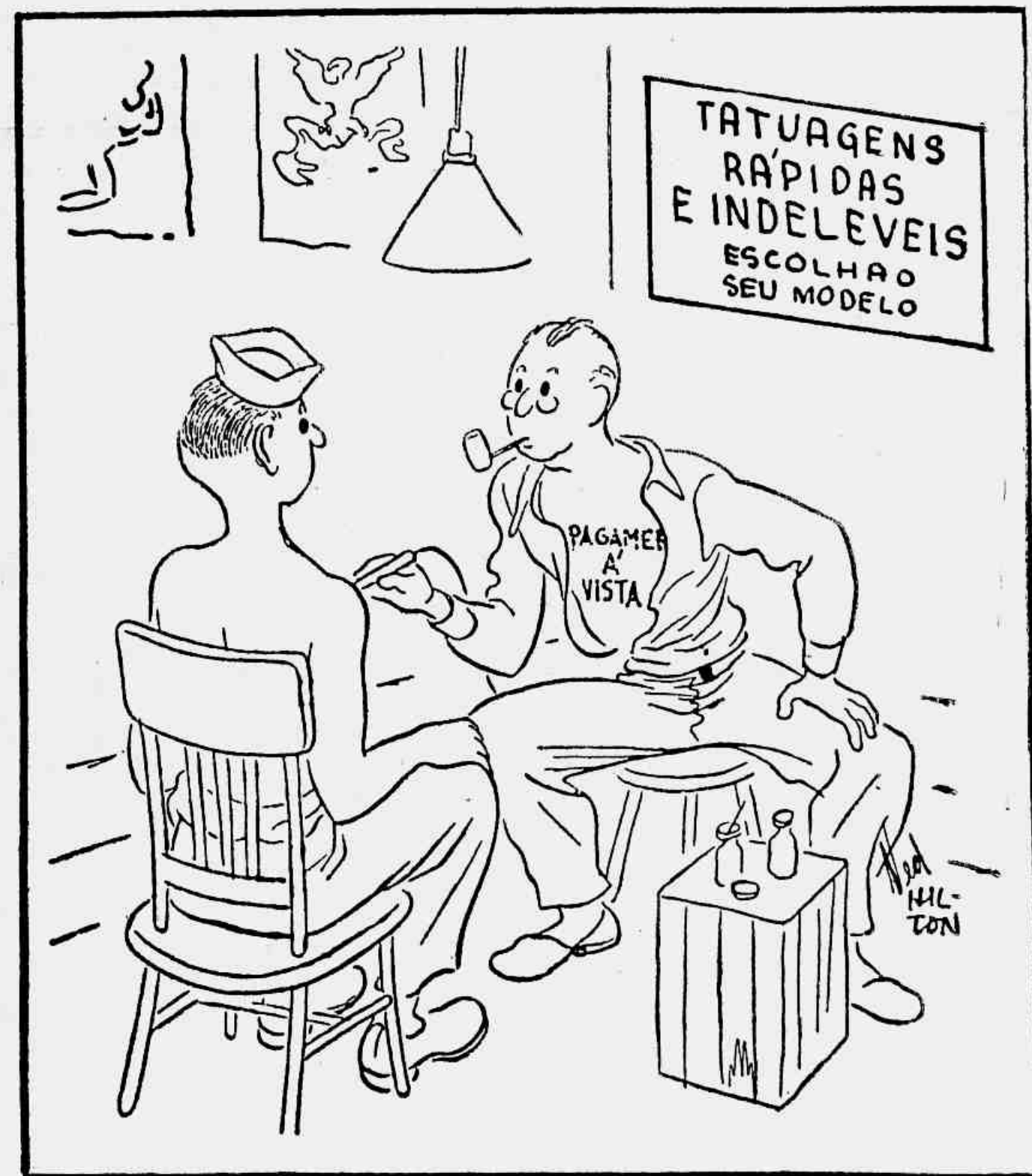
— O que eu mais gosto a respeito de dinheiro é que os homens estão sempre guardando e nós estamos sempre tirando...



— Haroldo! Pensei que você ainda estava na lua!



— Ele quis acabar o nosso notivado, mas eu lhe disse que ele tinha de esperar a vez...



O AGENTE DA "EMPRESA RATIFICADA", APLICADOR DE MÉTODOS INFALÍVEIS...



ATENDE A UM CHAMADO E EMPREGA O PROCESSO QUE NÃO FAZ LHA...



ASSEMBLEIAS PROVINCIAIS E ESTADUAIS

ESCRAGNOLLE DORIA



EM 1946, a Constituição ressuscitou no Brasil. Com ela ressurgiu o sistema representativo nacional nascido no Império. Fôra parcialmente por nós ensaiado tal sistema pela presença de deputados brasileiros às Cortes de Lisboa nas quais aqueles deputados disseram boas e falaram franco a recolonizadores de sua pátria. Como enlaçar de novo o que por si mesmo se estava desenlaçando rapidamente?

Em breve veio o Ipiranga, veio um Império em vez de um Reino Unido, aquele a desembaraçar-se militar e diplomáticamente de Portugal.

Em março de 1824 tinha o Brasil Constituição sua formadora de duas grandes casas legislativas, Senado vitalício de um lado, Câmara dos Deputados temporária e dissolúvel do outro.

Assim viveu o Primeiro Reinado, assim existiu a Regência, o período regencial, pela sucessão de regentes, parecendo aos detentores supremos do governo lhes dar assento em balanços políticos de retólicas tão oscilantes quanto as dos verdadeiros balanços, de sobe e desce, cortando ar.

A Regência Permanente, de cai não cai pois, julgou firmar melhor o mando por meio de regência una, decretada a 12 de agosto de 1834 pelo Ato Adicional à Constituição. Descongestionava aquele ato o poder legislativo, todo de Câmara e Senado, pela criação das assembleias provinciais, da primeira figura nos procuradores do povo atuantes ao ser proclamada a Independência. Os Conselhos Gerais de província precedendo as assembleias provinciais, como os governos provisórios provincianos precedendo os presidentes de províncias.

O Ato Adicional deu franquias às províncias sob as vistas de um delegado do poder central. Em ponto pequeno fez o que em ponto grande, a Inglaterra pratica nos seus "domínios" onde o rei ou a rainha da Grã-Bretanha são representados por personagens até com a categoria de vice-reis. Isto até hoje, amanhã... Deus sabe.

Tornada quadrienal a Regência Una, pelo ato de 1834, com ele, de complemento à Constituição única, viveria o Império até 1899, quando como qualquer mortal morreu por síncope.

Os regimes políticos têm atestado de óbito com declaração de "causa mortis". Com a síncope o Império entrou na necrópole da História para que à luz de manhã carloca tivesse a República certidão de nascimento.

Recomeçou-se o trabalho de 1824 com o elaborar de uma Constituição assás de cópia norte-americana na sua feição presidencialista e federativa.

Transformadas em Congressos Estaduais reviveram as Assembleias Provinciais. No Império a primeira de tais assembleias a abrir sessões foi a de Sergipe por instalação em janeiro de 1835, instaladas por último as Assembleias do Amazonas e do Paraná, províncias criadas em 1852 e 1854.

Com a República cada Estado teve assembleia constituinte e consequente Constituição Política de preâmbulo diverso.

"Nós, representantes da sociedade riograndense, reunidos para organizar o Estado do Rio Grande do Sul, decretamos e promulgamos em nome da Família, da Pátria e da Humanidade, a seguinte Constituição Política".

Nesta declaração é preceptível a colaboração de Augusto Comte. No momento os congressistas estaduais de Minas decretavam e promulgavam a Constituição do seu Estado — em nome de Deus **Todo Poderoso**.

Acompanhando colegas constituintes mineiros, os fluminenses decretavam e promulgavam a Constituição do Estado do Rio de Janeiro — em nome de Deus Onipotente e por vontade do povo fluminense.

Em nome de Deus Onipotente o Povo da Bahia, decretava

va por seus representantes a Constituição de um Estado em tempos idos Vice-Reinado.

Os constituintes paraenses declaravam-se representantes da Seberania do Povo do seu Estado, os constituintes cearenses se tendo por singelos representantes do Ceará.

Pela Constituição sul-riograndense o presidente do Estado era no mesmo uma das figuras do "aparelho governativo". Além de riograndense residente no Estado, o presidente sulino devia ter mais de trinta anos de idade.

Mais de 35 anos, tal a idade exigida para presidir S. Paulo, bastante ao candidato ao cargo ser domiciliado no Estado durante o quinquênio precedente à eleição.

Ao chefe do seu poder executivo a Constituição do Estado do Rio de Janeiro pedia prova de residência efetiva no Estado por mais de dez anos ou prova de exercício de profissão no mesmo Estado, devendo em qualquer dos casos dar prova de ser maior de 35 anos. Do contrário inútil pensar no palácio governamental do Ingá nesse Niterói que de Vila Real subira a Imperial Cidade, cabeça de próspera e prestigiada província.

O "aparelho governativo" no Rio Grande do Sul abrangia três poderes, o executivo, o judiciário e o legislativo, este exercido por uma câmara denominada Assembleia dos Representantes.

Em relação a estes o artigo 38 da Constituição sul-riograndense encerrou a disposição seguinte: o mandato do representante não será obrigatório, podendo ser renunciado em qualquer tempo e também cassado pela maioria dos eleitores. Quem dava podia retomar.

Estados como os de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas, entenderam criar Senado e Câmara estaduais com maior ou menor número de legisladores, palavra esta a reclamar patriotismo, de-

Manoel de Carvalho Paes de Andrade, o revolucionário de 1824, senador do Império em 1834, presidente de Pernambuco e em 1835 instalador da Assembleia Provincial em Pernambuco.



cência de atitudes e amor ao erário público por parte de mandatários da nação.

O Rio Grande do Norte, a Paraíba, Sergipe, o Espírito Santo, o Paraná, Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso entregaram o poder legislativo à câmara única de deputados.

Segundo o Ato Adicional, interpretado por lei em 1840, o número de representantes variava nas assembleias legislativas de cada província. As da Bahia e Minas eram compostas de 50 membros, as do Pará e do Rio Grande do Sul de 28 membros, 20 em Sergipe e Goiás, os deputados provinciais com mandato bienal e direito a reeleições.

Variou também o número dos mandatários legislativos nos congressos estaduais. Na Bahia a Câmara dos Deputados compor-se-ia de 42 membros, em Mato Grosso apenas de 18.

Nas diversas Constituições elaboradas logo após a proclamação da República existiam disposições interessantes.

A Constituição sul-riograndense, foi datada de 14 de julho de 1891, 102º aniversário da Tomada da Bastilha. A referida Constituição dispunha serem inadmissíveis no Serviço do Estado os privilégios de diplomas escolares ou acadêmicos, quaisquer que fossem. No território do Estado era livre o exercício de todas as profissões de ordem moral, industrial ou intelectual.

A Constituição mineira de 1891 aboliu as aposentações em qualquer cargo, emprego ou comissão, vedada a concessão de pensões.

Disposições draconianas e por isto mesmo abrandadíssimas pela ação do tempo sobre as idéias e conveniências dos homens, sobretudo de cima.

Resta admirar sem reservas o bom emprego vernáculo da palavra aposentação em vez de aposentadoria, termo próprio para significar hospedagem.

Diga-se em Minas o estudo do português vigorado pela cultura da latindade como se diga no Maranhão, o português castiço ensinado e praticado por bons linguistas.

Deles discípulo, um do Maranhão, Belfort Duarte, criticando certo ato do governo do seu Estado, chegou a exclaimar: o ato é mau, mas nele salvou-se a gramática.

As Constituições dos Estados elaboradas em 1891 cuidaram não só da organização e funcionamento das assembleias legislativas locais como deram atenção à vida municipal em cada região do Brasil.

Para melhor clareza da importância do município, a Constituição de Alagoas definiu aquele dizendo-o "a circunscrição de território na qual cidadãos associados pelas relações comuns de localidade, trabalho e tradições vivem sob uma organização livre e autônoma para fins de economia, administração e cultura.

Cabe a todos os municípios do país, e não só de Alagoas dizerem se têm estado no gozo de quanto a definição anunciou e prometeu.

Com a morte de Sebastião Fleury Curado, em maio de 1944, o número dos constituintes colaboradores da Constituição Federal de 24 de fevereiro de 1891, por sua vez finada, reduz-se à existência de dois antigos deputados Thomaz Delfino dos Santos e Antonio Augusto Borges de Medeiros.

Dos constituintes estaduais de 1891 vivem talvez poucos, lembrado Olyntho de Magalhães, deputado à Constituinte Mineira reunida em Ouro Preto, a cidade dos alcañtis.

As diversas classes da sociedade brasileira achavam-se reunidas nos Constituintes estaduais de 1891. Médicos, militares de terra e mar, padres, jornalistas, proprietários figuraram naquelas assembleias onde de ordinário predomina o formado em Direito. A Constituição cearense de 1890 traz vinte e quatro assinaturas. A penúltima é esta — Clóvis Beviláqua.



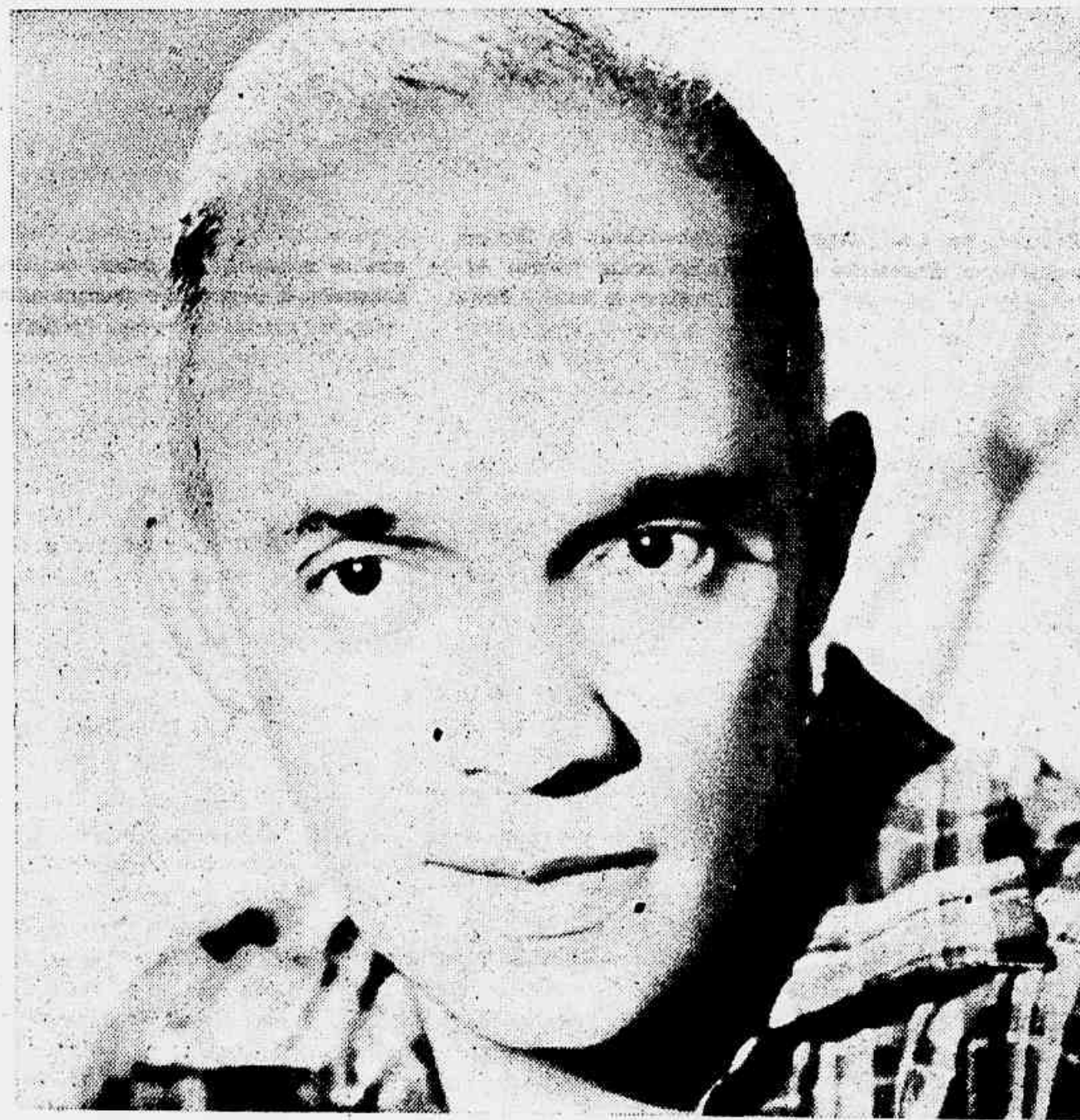
CARMEN MIRANDA não poderia faltar nesta série de biografias, apesar de se achar distante da Cidade Maravilhosa, que lhe admira. Embora nascida na localidade portuguesa de Marco de Canavezes, ela é uma perfeita intérprete de nossa música popular, tendo conquistado os americanos, com aquela maneira toda sua de cantar o nosso samba. Criada no Rio, onde chegou a exercer a profissão de costureira, sua vocação artística abriu-lhe as portas do rádio, que mais tarde lhe proporcionou o acesso ao cinema, tendo filmado em Hollywood "Serenata Tropical", "Alegria, rapazes", "Se eu fosse feliz", etc. Estrela do "broadcasting" nacional, Carmen Miranda começou na extinta Rádio Philips, ao lado de Almirante, Lamartine Babo, Gastão Formenti e outros elementos de destaque da radiofonia carioca. Mais tarde, tornou-se exclusiva da Mayrink Veiga, lançando ao microfone da PRA-9 seus maiores êxitos musicais, como "O que é que a balana tem?", feito em dueto com Barbosa Junior; "Táí"; "Uva de caminhão", "Cachorro vira-lata" e outros. Esteve numa temporada na Tupi, excursionou por vários Estados e cantou nas principais emissoras argentinas. No cinema brasileiro, tomou parte em alguns "Alô", ao lado de Cesar Ladeira e de Barbosa Junior. Quando da sua visita ao Brasil, após regular estadia nos Estados Unidos, recebeu verdadeira consagração popular, a ponto de interromper o trânsito na Avenida. Carmen é irmã de Aurora e Cecília Miranda, e esposa de David Sebastian, produtor cinematográfico norte-americano, com quem casou na terça-feira da semana passada, em Beverly Hills.



O nome de José Abelardo Barbosa é por demais conhecido dos rádio-ouvintes cariocas. Locutor de uma centena de programas populares, dentre os quais destaca-se "Cassino da Chacrinha", irradiado pela Tamolo, atuou nas principais emissoras, inclusive na Nacional e na Tupi, sendo que desta última saiu para desempenhar importante cargo na extinta Rede Fluminense de "Broadcasting". Nascido a 20 de janeiro de 1916, na cidade de Surubim, Pernambuco, cedo revelou sua tendência para o microfone, estreando na Rádio Clube de Recife. A seguir, levado por seu espírito aventureiro, embarcou para a França, ingressando numa orquestra, na qualidade de baterista. Nesse país permaneceu até 1940, quando retornou à sua terra natal, a fim de concluir seus estudos. Terminados estes, veio para o Rio, aqui passando a trabalhar na PRG-3, depois na PRE-6 e, mais tarde, na PRB-7. Gênio folgazão, revelou-se um ótimo animador de programas, sendo aproveitado pela Rádio Guanabara para comandar seus programas de auditório. Na PRC-8, além de locutor e animador, torna-se discotecário, mostrando boas qualidades para o desempenho de tais funções. Embora ligado ao rádio, nem por isso deixou de seguir o curso médico, sendo terceiro anista da Escola Hanemanniana. Também exerceu funções jornalísticas, escrevendo no "O Reporter", órgão do Centro Acadêmico de Pernambuco e foi redator de "Vitrine", onde escreveu sobre os assuntos radiofônicos.



O interesse com que a Rádio Nacional seleciona valores para o seu "cast" constitui justo prêmio àqueles que de fato possuem mérito, como no caso de Leda Barbosa, uma jovem e futura intérprete de nossas melodias populares. Surgindo através de "Hora do guri", quando ainda vestia o uniforme de aluna da Escola Superior de Comércio, Leda Barbosa foi galgando todos os postos ambicionados por uma estrela, tendo passado pelo "cast" da Transmissora, nos áureos tempos de Dermeval Costalima; pela Cruzleiro do Sul, quando esse prefixo contava com Ari Barroso e Paulo Roberto; pela Educadora, então dirigida por Gastão Lamounier; pela Globo, na sua grande fase e, finalmente, agora se encontra na PRE-8, animando a programação de estúdio desse prefixo. Bastante jovem, com um futuro risonho à sua frente, Leda Barbosa além de cantora, sabe dedilhar o violão, embora não o faça publicamente. Tendo começado como cantora de foxes e blues, hoje prefere a canção e o samba-canção, gênero em que é uma das primeiras, não só pela maneira com que os interpreta, como ainda pela bonita voz que possui. Fluminense de nascimento, pois nasceu em Niterói, a graciosa cantora possui o diploma de contadora, sabe falar inglês, gosta de praticar a natação, desconhece o que seja superstição e frequenta assiduamente os cinemas. Conhece alguns Estados do Brasil, inclusive o de Minas Gerais, onde cantou na Rádio Inconfidência, com verdadeiro sucesso.



A carreira artística de Sadi Cabral data de quando fez o exame vestibular de medicina. Empolgado pelo teatro, não hesitou em seguir também o curso da Escola Dramática mantida pela Prefeitura, onde teve como professores Coelho Netto, José Otília, João Ribeiro, Fernando Magalhães, Eduardo Vieira e Oduvaldo Viana. O primeiro destes impressionou-se com o talento do aluno, induzindo-o a ingressar na Companhia Abigail Mala. Antes, ele havia tomado parte em dois espetáculos: um com Lucília Peres e outro, com Leopoldo Fróes. Na ribalta, fez impecavelmente alguns papéis marcantes, inclusive o de "maitre" Catilino, na famosa peça "Carlota Joaquina", de R. Magalhães Junior, e o moleque de "Iaiá Boneca", de Ernani Fornari. Recentemente, integrou o elenco da Companhia Bibi Ferreira, aparecendo numa das peças encenadas por essa festejada artista. Também o "ballet" contou com o seu concurso, sendo ele primeiro bailarino e, como tal, tomou parte em várias temporadas do Teatro Municipal. No rádio, apareceu por intermédio do Programa Casé, adaptando "Os miseráveis" e "O Guarani". A seguir, idealizou e lançou vários programas de sucesso, como "Ribalta do espaço" e outros. Chamado para o elenco de rádio-teatro da Globo, viveu grandes papéis nas novelas de Amaral Gurgel, como o "Guimba" de "Noturno" e "Viralata" de "Imigrantes", além de ter abrilhantado os programas "Casal de bicos" e "Família Espalha-braza". No momento, Sadi Cabral dirige a "Novela semanal", atua em "A família Davison", é o narrador de "No mundo do sonho" e trabalha em "No mundo da Carochinha".

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

UM LADRÃO

O QUE o desgraçou por toda a vida foi a felicidade que o acompanhou durante um mês ou dois. Coisa estranha: sem nenhuma preparação, um tipo se aventura, anda para bem dizer de olhos fechados, comete erros, entra nas casas sem examinar os arredores, pisa como se estivesse na rua — e tudo corre bem. Pisa como se estivesse na rua. E' aí que principia a dificuldade. Convém saber mexer-se rapidamente e sem rumor, como um gato: o corpo não pesa, ondula, parece querer voar, mal se firma nas pernas, que adquirem elasticidade de borracha. Se não fosse assim, as juntas estalariam a cada instante, o homem gastaria uma eternidade para deslocar-se, o trabalho se tornaria impossível. Mas ninguém caminha desse jeito sem aprendizagem, e a aprendizagem não se realizaria se as primeiras tentativas fossem sem descobertas. Deve haver uma divindade protetora para as criaturas estouvadas e de articulações perras. No começo usam sapatos de corda — e ninguém desconfia delas: conseguem não dar nas vistas, porque são como toda a gente. Nenhum polícia iria acompanhá-las. Se não batessem nos móveis e não dirigissem a luz para os olhos das pessoas adormecidas, não cairiam na prisão, onde ganham os modos necessários ao ofício. Aí apuram o ouvido e habitam-se a deslizar. Cá fora não precisarão sapatos de bano ou de tenis: mover-se-ão como se fossem máquinas de molas bem azeladas rolando sobre pneumáticos silenciosos.

O indivíduo a que me refiro ainda não tinha alcançado essa andadura indispensável e prejudicial: indispensável no interior das casas, à noite; prejudicial na rua, porque denuncia de longe o transeunte. Sem dúvida o homem suspeito não tem só isso para marcá-lo ao olho do tira: certamente possui outras pintas, mas é esse modo furtivo de esquivar-se como quem não toca no chão que logo o caracteriza. O sujeito não sabia, pois, andar assim, e passaria despercebido na multidão. Por enquanto nenhuma esperança de se acomodar àquele ingrato meio de vida. E Gaúcho, o amigo que o iniciara, havia sido fraco: era bom que ele escolhesse ocupação menos arriscada. Mas o rapaz tinha cabeça dura: animado por três ou quatro experiências felizes, estava ali, rondando o portão, como um técnico.

Entrara na casa, fingindo-se consertador de fogões, e atentara na disposição das peças do andar térreo. Arrependeu-se de não ter estudado melhor o local: devia ter-se empregado lá como criado uma semana. Era o conselho de Gaúcho, que tinha prática. Não o escutara, procedera mal. Nem sabia já de que lado da sala de jantar ficava a porta da copa.

Afastou-se, receoso de que alguém o observasse. Desceu a rua, entrou no café da esquina, espionou as horas e teve desejo de tomar uma bebida. Não tinha dinheiro. Doidice beber álcool em semelhante situação. Procurou um níquel no bolso, estremeceu. As mãos estavam frias e molhadas.

— Tem de ser.

Tornou a olhar o relógio. Não é que se havia esquecido das horas? Passava de meia-noite. Felizmente a rua

topava o morro e só tinha uma entrada. A exceção dos moradores, pouca gente devia ir ali.

Afinal aquilo não tinha importância. Agora temia encontrar um conhecido. O que mais o aterrorizava era o dia-bo da tremura nas mãos. Estava quase certo de que o garçon lhe estranhava a palidez. Saiu para a calçada e ficou indeciso, olhando o morro, enxugando no lenço os dedos molhados, dizendo pela segunda vez que aquilo não tinha importância. Como? Sacudiu a cabeça, aflito. Que é que não tinha importância?

Seria bom recolher-se. Sorriu com uma careta e subiu a ladeira, colando-se às paredes. Como recolher-se? Vivía na rua. A medida que avançava a frase repetida voltou e logo surgiu o sentido dela. Bem. A perturbação diminuiu. O que não tinha importância era saber se a porta da copa ficava à direita ou à esquerda da sala de jantar. Ia levar talheres? Hem? Ia correr perigo por causa de talheres? Mas pensou num queijo visto sobre a geladeira e sentiu água na boca.

Aproximou-se do morro, as pernas bambas, tremendo como uma criança. Provavelmente a copa era à direita de quem entrava na sala de jantar, perto da escada.

— Tem de ser.

Foi até o fim da calçada e, margeando a casa do fundo, passou para o outro lado. Parou junto ao portão, encostou-se a ele, receando que o vissem. Se estirasse o pescoço, talvez o guarda, lá em baixo, lhe percebesse os manejos. O coração bateu com desespero, a vista se turvou. Não conseguiria enxergar a esquina e o guarda.

Encolheu-se mais, olhou a janela do prédio fronteiro, imaginou que por detrás da janela alguém o espreitava, talvez o dono da loja de fazenda que o examinara com ferocidade, através dos óculos, quando ele estacionara junto do balcão. Tentou libertar-se do pensamento importuno. Porque haveriam de estar ali, àquela hora, os mesmos olhos que o tinham imobilizado na véspera?

De repente sentiu grande medo, pareceu-lhe que o observavam pela frente e pela retaguarda, achou-se impellido para dentro e para fora do jardim, a rua encheu-se de emboscadas. A janela escureceu, os óculos do homem da loja sumiram-se. Pôs-se a tremer, as idéias confundiram-se, o projeto que armara surgiu-lhe como fato realizado. Encostou-se mais ao portão.

Durante minutos lembrou-se da escola do subúrbio e viu-se menino, triste, enfezado. A professora interrogava-o pouco, indiferente. O vizinho mal-encarado, que o espetava com pontas de alfinetes, mais tarde virara soldado. A menina de tranças era linda, falava apertando as pálpebras, escondendo os olhos verdes.

Um estremeamento dispersou essas recordações pelo apagadas. Quis fumar, temeu acender um cigarro. Levantou a cabeça, distraiu-se vendo um bonde rodar longe, na boca da rua.

Sim, não, sim, não. Duas idéias voltaram: o homem que se ocultava por detrás da janela estava aquecido e tranquilo, a menina das tranças escondia os olhos verdes e tinha um sorriso tranquilo. Os dentes bateram castanholas, e isto alarmou-o: talvez alguém ouvisse aquele barulho esquisito de porco zangado. Mordeu a manga do paletó, o som esmoreceu.

Sim, não, sim, não. Havia um relógio na sala de jantar, estava quase certo de que escutava as pancadas do pêndulo. Os dentes calaram-se, felizmente já não havia precisão de mastigar o tecido.

Mudou de posição, espreguiçou-se, os recelos esfriaram. Agora se mexia como se não houvesse nenhum perigo. Segurou-se aos ferros da grade, uma energia súbita lançou-o no jardim. Pisando os canteiros, subiu a calçada, arriou no sofá do alpendre. Se o descobrissem ali, diria que tinha entrado antes de se fechar o portão e pegara no sono. Era o que diria, embora isto não lhe servisse.

Para que pensar em desgraças? Levantou-se, chegou-se à porta, meteu a caneta na fechadura. O tremor das mãos havia desaparecido. A lingueta correu macia, uma folha da porta se descerrou. Estacou surpreendido: como nunca havia trabalhado só, imaginara que a fechadura emperrasse, que fosse preciso trepar no sofá e cortar com diamante um pedaço de vidraça. Deitaria por baixo da porta um jornal aberto, enrolaria a mão no lenço e daria um murro no vidro, que iria cair sem ruído em cima do papel. Agarrar-se-ia ao caixilho com as pontas dos dedos, suspender-se-ia, entraria na casa, a cabeça para baixo, as mãos procurando o chão. Ficaria pendurado algum tempo, feito um macaco, os dedos dos pés curvos à borda da abertura, como ganchos. Era quase certo não se sair bem nesse pulo arriscado. Falharia, sempre falhava.

Procurou a vidraça, inutilmente: não existia vidraça. Nem existia jornal. Estupidez fantasiar dificuldades.

Entreabriu a porta, mergulhou na faixa de luz que passou pela fresta, correu o trinco devagarinho. Avançou, temendo esbarrar nos móveis. Acostumando a vista, começou a distinguir manchas: cadeiras baixas e enormes que estravancavam a saleta. Escorregou para uma delas, o coração aos baques, o fôlego curto. Afundou no assento gasto. As rótulas estalarão, as molas do traste rangeram levemente. Ergueu-se precipitado, encostou-se à parede, com receio de vergar os joelhos. Se as juntas continuassem a fazer barulho, os moradores iriam acordar, prendê-lo. Achou-se fraco, sem coragem para fugir ou defender-se. Acendeu a lampada e logo se arrependeu. O círculo de luz passeou no soalho, subiu uma cadeira e sumiu-se. A escuridão voltou. Temeridade acender a lampada.

Penetrou na sala de jantar, escancarando muito os olhos. Agora os objetos estavam quase visíveis. Uma som-

bra alvaceante descia pela escada, havia luz no andar de cima.

Bem. A porta da copa, um buraco negro, ficava à direita, como ele tinha suposto. Vira um queijo sobre a geladeira dois dias antes. Chegou-se à escada, apoiou-se ao corrimão, voltando para a copa. Realmente não tinha fome. Sentia uma ferida no estômago, mas a bôca estava seca. Encolheu os ombros. Estupidez arriscar-se tanto por um pedaço de queijo.

Subiu um degrau, parou arfando, subiu outros, experimentando uma sensação de enjôo. A casa mexia-se, a escada mexia-se. A secura da boca desapareceu. Dilatou as bochechas para conter a saliva e pensou no queijo, nauseado. Adiantou-se uns passos, engoliu o cuspo, repugnado, entortando o pescoço.

— Tem de ser.

Repetiu a frase para não recuar. Apesar de ter alcançado o meio da escada, achava difícil continuar a viagem. E se alguém estivesse a observá-lo no escuro? Lembrou-se do sujeito da loja de fazenda. Talvez ele fosse o dono da casa, estivesse ali perto, vigiando como um gato. Pensou de novo na menina da escola primária, no sorriso dela, nas pálpebras que se baixavam, escondendo olhos verdes, de gato. Desgostou-se por estar vacilando, perdendo tempo com miudezas.

Chegou ao fim da escada, parou escutando, enfiou por um corredor onde vários quartos desembocavam. Fugiu de uma porta iluminada e encaminhou-se à sala, com a esperança de encontrá-la deserta. O medo foi contrabalançado por um sentimento infantil de orgulho. Realizara uma proeza, sim senhor, só queria ouvir a opinião de Gaúcho. Se não acontecesse uma desgraça, procuraria Gaúcho no dia seguinte. Se não acontecesse uma desgraça. Benzeu-se arrepiado. Deus não havia de permitir infelicidade. Tolice pensar em coisas ruins. Contraria a história no dia seguinte, sem falar no medo, e Gaúcho aprovaria tudo, sem dúvida.

Torceu a maçaneta, devagarinho: felizmente a porta não estava fechada com chave. Aterrorizou-se novamente, mas surgiu-lhe de supetão a idéia singular de que o perigo estava nos quartos, e na sala poderia esconder-se. Entrou, cerrou a porta, fez um gesto cansado, respirou profundamente, afirmou que estava em segurança. A tontura devia ser por causa da fome. Também uma desgraça como ele meter-se em semelhante empresa! Tinha capacidade para aquilo? Não tinha. Um ventanista. Que é que sabia fazer? Saltar janelas. Um ventanista, apenas. A validade infantil murchou de repente. Se o descobrissem, nem saberia fugir, nem acertaria com a saída. O que o preocupava naquele momento, porém, era menos o receio de ser preso que a convicção da própria insuficiência, a certeza de que ia falhar. As mãos tremeriam, as juntas estalariam, movimentos irrefletidos derrubariam móveis.

Apertou as mãos, subitamente resolvido a acabar depressa com aquilo, fixou a atenção na cama enorme, onde um casal de velhos dormia. Baixou-se, alarmado: se uma das pessoas acordasse, ve-lo-ia parado, como estátua. Avançou, de cócoras, foi esconder-se por detrás da cabeceira da cama, permaneceu encolhido, até sentir calbras nas pernas. As janelas estavam abertas, a luz da rua banhava a sala.

Virando o rosto, viu-se no espelho do guarda-vestidos e achou-se ridículo, agachado, em posição torcida. Voltou-se, livrou-se da visão desagradável, avistou um braço caído fora da cama. Braço de velha, braço de velha rica, de uma gordura nojenta. A mão era papuda e curta, anéis enfeitavam os dedos grossos. Pensou em tirar os anéis com agulhas, mas afastou a idéia. Trazia no bolso as agulhas, só porque Gaúcho lhe ensinara o uso delas. Não se arriscaria a utilizá-las. Gaúcho tinha nervos de ferro. Tirar anéis da mão de uma pessoa adormecida! Que homem! Anos de prática, diversas entradas na casa de detenção.

Engatinhando, aproximou-se do guarda-vestidos, abriu-o e começou a revistar a roupa. Descobriu uma carteira e guardou-a sem reparar no que havia dentro dela. Interrompeu a busca, afastou-se, mergulhou no corredor, parou à porta do quarto iluminado. Examinou a carteira, achou várias notas. Tentou calcular o ganho, mas a luz do corredor era insuficiente. Escondeu o dinheiro, soltou um longo suspiro.

Devia retirar-se. Deu alguns passos, recuou vexado, receoso das pilhérias que Gaúcho iria jogar-lhe quando soubesse que ele tinha deixado uma casa sem percorrê-la. O terror desaparecera: estava cheio de espanto por haver escapado àquele imenso perigo. Realmente não tinha escapado, mas julgava-se quase livre.

Abriu uma porta a ferro, acendeu a lampada, viu um oratório. Desejou apoderar-se dos resplendores das imagens e do bordão de São José, de ouro, pesado. Afastou-se, com medo da tentação. Não cometeria semelhante sacrilégio.

Andou em outras peças, arrecadou objetos miúdos. Queria penetrar no quarto iluminado, mas não conseguia saber o que o empurrava para lá. Bolavam-lhe no espírito esboços de projetos: contar o dinheiro, coisa que não poderia fazer no corredor, e descrever a Gaúcho a aventura.

Destrançou a porta, entrou, esquivou-se para trás de um armário. Havia no quarto uma cama estreita, mas nem reparou na pessoa que estava deitada nela. Tirou do bolso a carteira, ficou algum tempo olhando, como um idiota, papéis e dinheiro. Principiou uma soma, que se interrompeu muitas vezes: os dedos tremiam, os números atrapalhavam-se. Impossível saber quanto havia ali. Ma-

(Continua na pag. 56)

ANTOLOGIA BRASILEIRA DO CONTO

GRACILIANO RAMOS é um mestre do romance e um dos grandes produtores do Brasil.

Ainda agora a Livraria Editora José Olympio acaba de iniciar a publicação de suas obras completas, lançando simultaneamente, em edições uniformes, os romances "Os Caelés", "Angústia", "São Bernardo" e "Vidas Secas", juntamente com o livro de contos "Insônia". Nessa excelente coleção, naturalmente aparecerão em seguida, à medida que forem se esgotando as edições de outras livrarias, as "Histórias Incompletas", aparecidas em edição da Livraria do Globo; "Dois Dedos", em edição da "Revista Acadêmica", e "Histórias de Alexandre", em edição de "Leitura". Além desses trabalhos, Graciliano Ramos escreveu o livro de memórias "Infância", edição de José Olympio, e a história para crianças "Na terra dos meninos pelados", edição da Livraria do Globo. Com alguns dos seus romances traduzidos para o espanhol e para o inglês, colaborando assiduamente em "La Prensa" e outras publicações estrangeiras, Graciliano Ramos é uma das figuras mais altas das nossas letras contemporâneas. É uma figura que a Academia Brasileira de Letras já devia ter acolhido em seu seio. Nesta página publicamos hoje o conto "Um ladrão", bem característico, bem ilustrativo da técnica da narrativa, da precisão e do despojamento da linguagem de Graciliano Ramos, que entre os seus maiores dons tem o da concisão e da ausência de falsas galas. É um escritor com um estilo, em suma.

Conto de GRACILIANO RAMOS



Ilustração de ANA ZAGORSKA



Basin



A assistência infantil delira com a comicidade da peça. As reações destas meninas são um testemunho do inteiro agrado da representação...

A INGLATERRA DESENVOLVE O TEATRO INFANTIL

RECENTEMENTE, 800 escolares de Londres lotaram o teatro para crianças em Toynbee Hall, no East End de Londres. Mais de dois terços dessas crianças jamais tinham visto uma peça e muitas haviam assistido a uma representação de atores e atrizes profissionais. A peça era "Tobias e o anjo", de James Bridie, e as crianças acompanharam todo o desenrolar das cenas com o mais ávido interesse. Depois de terminado o espetáculo, representado por adultos, muitos dos pirralhos se dirigiram aos bastidores e ali apertaram solenemente a mão de Tobias, que muito os entusiasmara por suas lutas com bandidos e demônios no bojo da noite. Toby, o cachorrinho de pelo marrom, que é o companheiro constante de Tobias em suas viagens, também mereceu deles especial atenção.

O administrador e o produtor desse teatro para crianças é John Allen, que faz empenho em recolher impressões de sua jovem platéia, tanto escritas como orais. John Allen tem recebido dezenas de cartas dessa gente miuda, cuja idade varia entre 8 e 16 anos. Todas as cartas revelam ampla e arguta percepção da peça. Os missivistas não apenas dizem quais desempenhos que acharam melhor, como também expõem pormenorizadamente o "porquê"; e não deixam de condenar (embora em termos um tanto imprecisos) as coisas de que não gostam. Em muitos casos essas cartas sugerem modificações e melhorias, logo aceitas.

Sob a direção direta da Companhia de Ópera Glyndebourne, o teatro para crianças produziu sua primeira peça, "Grandes Esperanças", tirada de um romance de Dickens, nos princípios de 1946, e pelos fins de junho tinham sido realizadas 200 representações dessa peça para cerca de 100.000 crianças de todas as idades.

A experiência foi mais que bem sucedida. As repre-

Adultos representam especialmente para crianças de 8 a 16 anos — Escassês de repertório — Dia virá em que cada condado terá seu próprio teatro infantil



De CATHERINE PAUL
(Especial para REVISTA DA SEMANA)



sentações foram patrocinadas pelo Comitê de Educação do Conselho Municipal de Londres, e a companhia prosseguiu em suas atividades, realizando uma "tourné" por algumas escolas da Inglaterra e Centros de Juventude em Essex, Hertfordshire, Buckingham, Manchester, York e Liverpool, e em cada um desses lugares recebeu entusiástico apoio dos Comitês de Educação Municipais. Em Cambridge, foram também realizadas representações para adultos, no "Arts Theatre".

Não se pouparam esforços no sentido de que fosse coroada de amplo sucesso a primeira produção. Os cenários e os costumes foram cuidadosamente desenhados e elaborados com plena cõr local. O padrão do desempenho foi elevado e toda a peça foi executada com vigor e precisão.

Realizou-se tudo quanto era possível para atrair as crianças e nelas estimular o desejo de conhecer o teatro, tornando-se críticos inteligentes da arte de representação e das obras teatrais de grande significação literária. Há centenas de crianças que, não por culpa sua, provavelmente crescerão na ignorância do teatro no que ele possui de melhor, bem como do prazer que pode proporcionar a leitura dos clássicos e dos dramaturgos de nosso tempo. Remediar esse mal é o ambicioso objetivo da organização do Teatro Infantil da Inglaterra.

A segunda produção, "Tobias e o Anjo", tem obtido o mesmo grande sucesso de "Grandes Esperanças". No decurso do mês de fevereiro deste ano será levada à cena para as crianças a comédia clássica de Sheridan, "She stoops to Conquer". A companhia trabalha febrilmente, dando mais de dez representações por semana, geralmente durante as horas escolares. Muitas vezes dão dois espetáculos noturnos destinados a Clubes e Organizações Juvenis. Naturalmente, o trabalho torna-se mais árduo quando a companhia se ausenta de Londres e tem que percorrer escola por escola. Para essas excursões, possui a companhia equipamento especial, de sorte que pode levar à cena as suas peças em qualquer espécie de palco, grande ou pequeno.

Outra dificuldade que defrontam os administradores é a escassez de peças apropriadas para as crianças. Empenham-se os mesmos com os principais dramaturgos afim de que escrevam novas peças para as crianças.

Embora o "Toynbee Hall" seja o verdadeiro lar do teatro para crianças, espera-se que, seguindo esse precursor movimento, cada condado na Grã-Bretanha venha a ter seu próprio Teatro Para Crianças. — (Copyright do B.N.S.).

Em baixo, à esquerda: Cena da peça "Tobias e o anjo". O cenário é ultra-sintético. Quase apenas uma indicação. Mas as crianças o aceitam bem. À direita: Fim da peça as crianças vão aos bastidores cumprimentar os atores, não pela representação, mas pelos seus feitos na peça...





Cornel Wilde, o famoso galã cinematográfico, fala a Luis Serrano, correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood, durante um intervalo da filmagem de "Forever Amber", na Twentieth Century Fox.

OUVINDO O "CHOPIN" DE HOLLYWOOD

Cornel Wilde, o famoso "astro" cinematográfico, que desbancou muitas celebridades da tela, está ultimando a filmagem de "Entre o amor e o pecado" (Forever Amber)

lumbia Picturas, que me deu belíssimas oportunidades e que verdadeiramente me tirou da obscuridade, confiando-me papéis que tiveram grande repercussão no

cenário da cinematografia internacional. Foi a Columbia que me deu a "chance" de aparecer em "À noite sonhamos" (A song to remember), "Aladim e a princesa



Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood)



HOLLYWOOD, março — Cornel Wilde é um dos galãs mais requestados da atualidade. Nos Estados Unidos, é imensa a sua popularidade e o seu prestígio. Acabo de encontrá-lo, no estúdio da Twentieth Century Fox, para uma entrevista, há longo tempo solicitada. Cornel Wilde me atendeu no "set" de "Entre o amor e o pecado" (Forever Amber), embora ocupadíssimo em filmar algumas cenas deste seu último filme. Muito afável e acessível, Cornel Wilde me rece-

beu com aquela sua alegria característica e não se fez de rogado quando lhe pedi que me contasse algumas particularidades de sua vida profissional.

— Para começar — disse-nos o "Chopin" de "À noite sonhamos" — estou satisfeito por estar trabalhando no estúdio a que pertenco, o da Twentieth Century Fox. Tenho muitos amigos aqui dentro e tudo aqui me é familiar. Sinto-me em casa... Meus últimos papéis têm sido excelentes. Mas sou grato também à Co-

A direita: no seu camarim, no estúdio da Twentieth Century Fox, o "astro" de "Entre o amor e o pecado" (Forever Amber), recebe a visita de Gregory Ratoff e de Peggy Cummins, — o diretor e a "star" do filme "Moss Rose", drama de mistério que está sendo filmado na mesma companhia.





de Bagdad" (One thousand and one nights) e "O filho de Robin Hood" (The bandit of the Sherwood Forest). Comecei a minha carreira artística no palco, aparecendo na peça que se chamou "Moon Over Mulberry Street", que foi exibida na Broadway e onde se manteve em cartaz durante quarenta semanas, no Teatro Lyceum. Depois, colaborei com o Teatro Guild, na peça "Love is not so simple", na qual tive a honra de ser o galã da famosa artista Ina Claire. Lembro-me com grande tristeza de que, duas semanas após a nossa estréia, a saudosa "estrela" faleceu. Foi um belo talento artístico que desapareceu prematuramente, quando muito ainda se podia esperar do seu entusiasmo e do seu esforço...

Depois de um pequeno momento de silêncio, prosseguiu Cornel Wilde:

— Em seguida, no verão de 1939, fiz parte da Ivorytown Stock Company. Trabalhei na peça "Daughters of Atreus", quando me reuni a uma outra "troupe": a Mazda Lane. Mas a peça que me abriu as portas de um estúdio cinematográfico e aquela que definiu verdadeiramente minha carreira artística foi "Romeu e Julieta", de Shakespeare. O meu papel era o de Teobaldo e, na Broadway tive a honra de trabalhar ao lado de Vivien Leigh, Laurence Oliver, Edmond O'Brien e Edna May Oliver...

Na peça, Cornel Wilde chamou a atenção dos produtores de Hollywood. A Twentieth Century Fox não hesitou em contratar o jovem ator que fazia o papel de Teobaldo para o cinema. Depois, vários estúdios cobijaram o novo galã. A Columbia conseguiu tomá-lo "emprestado" à Twentieth Century Fox, e até hoje Cornel divide o seu tempo entre estes dois estúdios. Ele está muito entusiasmado com o seu próximo filme, "Entre o amor e o pecado":

— Reputo esse o meu melhor filme. Creio que "Entre o amor e o pecado" será superior a "Amar foi minha ruína" (Leave her to heaven) e "Noites de verão" (Centennial Summer), quer pela popularidade do romance, pelas qualidades dramáticas da história, como pelo excelente elenco nele reunido. É um papel diferente de todos quantos fiz. É muito do meu feitio, mesmo porque gosto de variar. Penso mesmo que o público admira mais um ator versátil do que um que se repete. Não sou desses que escolhem a sua "especialidade" e ficam repisando o mesmo trabalho. Gosto de fazer toda a espécie de papéis cinematográficos — desde que esses papéis me dêem a oportunidade de êxito que ambiciono como, de resto, todos os atores. Provavelmente, as raízes dessa minha versatilidade estão na minha infância. Ainda hoje é voz corrente entre as pessoas da família que me conheceu em pequeno que o primeiro período de minha vida foi mais excitante e movimentado do que o de qualquer outra criança da minha idade.

Concordo com Cornel Wilde. A imensa popularidade e fama por ele já alcançadas em seus poucos anos de atividades na tela são devidas justamente à versatilidade de seu talento. Hoje ninguém porá em dúvida que Cornel é um sério rival de Clark Gable, Robert Taylor, Tyrone Power e Errol Flynn, os galãs mais festejados de Hollywood. Nas linhas que seguirei passarei a recordar a vida passada de popular ator, tanto na vida real como na tela.

Cornel Wilde nasceu no dia 13 de outubro de 1915, o que vem provar que as pessoas nascidas nesse dia também têm estrela... Seu verdadeiro nome é Cornel Louis Wilde e era filho do comerciante húngaro Louis B. Wilde, que residia em Nova York, berço do artista. Quando irrompeu a primeira guerra mundial, sua família foi obrigada a regressar à Hungria, em 1916, pois Louis B. Wilde era oficial da reserva do Exército Húngaro e tinha que pegar em armas. Por motivo de saúde, entretanto, ele deu baixa do exército depois de alguns combates, mas em 1920 voltou aos campos de batalha em defesa da pátria. E só depois de muito tempo foi que o então capitão Wilde

(Continua na pág. 52)

A conversa de Cornel Wilde com o repórter de REVISTA DA SEMANA foi muito cordial e terminou com um amistoso "shake hands". E o famoso artista disse: "Não se esqueça de dizer que sou muito grato aos meus 'fans' do Brasil, especialmente porque fui informado do 'record' de bilheteria de 'A noite sonhamos' no seu grande país".



Em cima : Anita Louise sendo beijada por seu galã, Cornel Wilde, em "O filho de Robin Hood". Em baixo : duas cenas de filmes que ajudaram a construir a fama e a fortuna de Cornel Wilde : "O filho de Robin Wood" e "Amar foi minha ruína" (nesse último clichê ele aparece com Jeanne Crain). Além dessas películas, fez ele, ainda, "Noites de verão" (Centennial summer), na Twentieth Century Fox, com um grande elenco.





De WILLIAM FAULKNER

PARA Cotton aquele tiro foi a coisa mais estrondosa que já ouvira em toda a vida. Foi alto de mais para ser ouvido todo de uma vez. E reboava ainda pela mata em torno do sombrio e quase imperceptível atalho muito após ter ele recebido no ombro o golpe da espingarda de calibre 10 e a completa dissipação da fumaça da pólvora negra com que estava carregada a arma, depois mesmo de se ter reduzido a um longínquo e indistinto rumor o galopar do cavalo enfurecido, disparado após duas corcovas, com os estribos vazios tilitando contra a sela vazia.

O barulho fora demasiado. Era atroz, inacreditável — uma arma que possuía há vinte anos. Aturdido por tão espantosa afronta, sentiu-se como que premido para dentro da folhagem. Quando se achou capaz de fazer o segundo tiro já era tarde; também o cão já se tinha ido.

Cotton quis então fugir. Aliás, ele esperava por isso. Tanto que se preparara na noite anterior. “Logo depois você vai querer fugir”, dissera para si próprio. “Mas você não deve fugir. Você tem que terminar tudo. Tem que limpar o terreno. Vai ser difícil, mas você precisa fazê-lo. Tem que ficar entre as moitas, fechar os olhos e contar vagarosamente até que fique em condições de acabar o serviço”.

Ele assim fez. Pousou a arma no solo e sentou-se, atrás do tronco, onde estivera deitado. Seus olhos fecharam-se. E começou a contar, pausadamente, até que parou de tremer e até que morreram nos seus ouvidos o estampido do tiro e os ecos do cavalo em fuga. Ele escolhera bem o local. Era um caminho tranquilo, pouco trilhado, indevassado nos últimos três meses não fora aquele cavalo desenfreado; um curto atalho entre a casa onde morava o dono do animal e o armazém de Varner; uma isolada e abandonada vereda, quase coberta pela erva, ao longo da borda do vale e absolutamente deserta não fosse a presença deles dois, um agachado no mato, o outro debruço esticado no caminho.

★

Cotton era solteiro. Habitava uma arruinada cabana de troncos, chão de barro batido, na orla do vale, há quatro milhas dali. Estava escurecendo quando chegou em casa. Puxou água do poço, sob um alpendre, atrás da cabana, e lavou as botinas. Não estavam mais enlameadas do que de costume, — ele só as usava com mau tempo — mas lavou-as cuidadosamente. Limpou então a espingarda e lavou-a também, cano e coronha; por que? não poderia explicar, pois nunca ouvira falar em impressões digitais. Imediatamente após apanhou novamente a arma e levou-a para dentro de casa, pondo-a no seu lugar. Ele guardava lenha, uma mancha de nós de pinho carbonizados, no canto da chaminé. Fez um foguinho na lareira de barro e cozinhou o jantar, comeu-o e foi para a cama. Dormia no chão, sobre um catre forrado de capim, e quando chegava a hora apenas fechava a porta, despiu o macacão e se deitava. A escuridão ficou completa após ter o fogo se extinguido; ele ficou deitado nas trevas. Em nada pensou absolutamente, salvo em que não esperava mesmo dormir. Não sentia triunfo, vingança satisfeita, nada. Simplesmente ficou deitado, sem pensar em coisa alguma, nem mesmo quando começou a ouvir o cachorro. Já se habituara. À noite, ele os ouvia sempre, cães solitários que perambulavam pelo vale ou matilhas à caça de gatos e “texugos.” Nada mais tinha a fazer; sua vida, seus bens, seus amigos, espalhavam-se num raio de cinco milhas do armazém de Varner. Conhecia quase todas as vozes, como conhecia quase todos os homens que pudesse ouvir apenas pelas suas vozes. Conhecia a voz daquele cão. Ele, o cavalo que disparara com os estribos tilitando e o dono de ambos eram inseparáveis: onde se encontrasse um deles os outros dois não poderiam andar longe. Era um bruto magro e arisco que avançava ferozmente sobre quem quer que se aproximasse da casa do seu senhor, e tinha qualquer coisa da certeza e arrogância do mesmo. Não fora aquela a primeira vez que ten-

tara matar o animal, ainda que só agora percebesse por que não pudera acabar com ele. "Não aproveitei a oportunidade", disse para si mesmo, estirado no catre. "Não aproveitei. Se tivesse prosseguido e o tivesse morto, morto o cão..."

Ele ainda não se sentia triunfante. Era ainda muito cedo para se sentir satisfeito, vingado. Era muito cedo. Tratava-se de morte. Ele não acreditava que um homem pudesse resolver-se e transpor aquela irrevogável distancia no correr de um instante, como coisa passageira. Tinha-se esquecido completamente do cadáver. Permaneceu deitado, na expectativa, repousando o corpo descarnado e sub-nutrido, sem pensar em nada absolutamente, escutando o cachorro. Os lamentos vinham a intervalos regulares, timbrados, veementes, com a característica triste, angustiada e serena de um cão solitário na treva, quando súbitamente ele se viu sentado, alerta, no seu catre.

Enquanto vestia o macacão e as botinas limpas de pouco, ele pensava no que costumavam afirmar os negros, que um cão sempre vem uivar na sepultura fresca do seu amo. Abriu a porta. Do escuro vale do rio, sob a colina na qual se erguia a cabana, veio o lamento agudo, aflito, do animal. De um prego, na parede, ao lado da porta, ele apanhou uma correia enrolada e desceu a encosta.

Contra a muralha negra da floresta, flutuavam piscando os vagalumes; de dentro dela cresciam os coxos e guinchos de rãs. O piso estava traiçoeiro, com lama, espinhos e ervas, que possuíam a perversidade das coisas inanimadas, parecendo medrar da escuridão para embaraçá-lo nos seus afilados tentáculos. De ali, naquele estranho emaranhado de sombras, veio novamente a voz resoluta do cão. Ele seguiu o som, já perturbado; o ar estava frio, assim mesmo ele suave. Chegou bem próximo ao som. O cão se calou. Ele mergulhou para a frente, seus dentes secando sob os lábios já ressecados, suas mãos crispadas e cegas, em direção ao som interrompido, ao leve brilho fosforescente dos olhos do cão. Os olhos sumiram. Ele parou, palpitante, tenso, a tira de couro nas mãos, procurando aqueles olhos. Insultou o cachorro; sua voz era um áspero sussurro. Só ouviu o silêncio, nada mais.

Engatinhou pelo chão, orientando-se pela silhueta das árvores contra o céu. Depois de algum tempo, com espinhos lhe roçando e retalhando o rosto, ele encontrou um fosso raso. Estava coberto de folhas apodrecidas; ele vadeou-o, mergulhado até a cintura naquele negrume, em qualquer coisa que não era água nem terra, com o cotovelo dobrado diante da cabeça. Esbarrou então em alguma coisa; um objeto mole, relaxado. Quando o tocou alguma coisa deu um grito assustado, como o de uma criança, e ele recuou, ouvindo a fuga precipitada da criatura. "Apenas um gambá", disse ele. "Foi só um gambá".

Limpou as mãos nas ilhargas afim de pegá-lo pelos ombros. Sua roupa estava suja de lama. Limpou então as mãos na camisa, na altura do peito, e o pegou pelas espáduas. Andou de costas, arrastando-o. Parava de vez em quando e esfregava as mãos na camisa. Parou finalmente ao lado de uma árvore, um tronco ôco de cipreste, truncado a uns dez pés do solo. Tinha posto a corda enrolada dentro da camisa. Amarrou-a em torno do cadáver e escalou o toco. A parte superior estava aberta, comida pelo tempo e pelos bichos. Ele não era um homem volumoso, não tanto como o cadáver. Içou-o no entanto, a duras penas, chocando-o e o raspando pela casca da árvore, até que o deixou atravessado na borda do vão, como um saco meio-vazio. O nó se tinha apertado muito. Por fim ele sacou a faca e cortou a corda. O corpo tombou dentro da casca ôca.

A queda foi pequena. Ele, de cima, procurou empurrá-lo, tateando em busca da obstrução; amarrou a corda à volta de um resto de galho e, com a ponta enrolada no pulso, ficou de pé sobre o corpo e começou a pular até que súbitamente faltou-lhe a base e ele ficou pendendo da corda.

Tentou subir por ela, raspando com os dedos a fibra deteriorada e recebendo nas ventas, como rapé, um pó fino e húmido de podridão. Ouviu estalar o galho onde estava presa a corda e sentiu que

ele começava a ceder. Saltou do nada, arranhando a madeira pôdre, e conseguiu pegar a borda com uma das mãos. A madeira foi se desfazendo sob seus dedos; ele trepava sempre mas sem uma polegada de progresso, os lábios repuxados sobre a dentadura seca, os olhos fitos no firmamento.

A madeira parou de se desmanchar. Ele ficou pendendo ali, respirando fundo. Içou-se e montou na extremidade do tronco. Descansou por um instante. Desceu então e se encontrou na árvore morta.

Quando chegou à sua cabana ele estava cansado, acabado. Nunca se sentira tão cansado. Na porta, parou. Os vagalumes ainda ondulavam contra o fundo escuro da mata. Os mochos piavam e as rãs continuavam a coaxar e guinchar. "Nunca estive tão cansado", disse ele, apoiando-se na parede da casa que construíra tronco por tronco. "Parece que tudo está saindo às avessas. Sair daquele buraco, e o barulho que o tiro fez. Como é que vão deixar de saber... num lugar onde o barulho é mais alto, onde a subida é mais difícil de subir... vão deixar de saber". Ele foi para a cama. Descalçou as botinas lamacentas, despiu o macacão e deitou-se; já era muito tarde. Ele sabia disso por aquela estrela estival que se emoldurava no quadrado da janela pelas duas horas, ou depois.

Então, como se esperando que ele se acomodasse, o cão começou a uivar novamente. Deitado no escuro, ele ouviu o primeiro queixume subir do vale do rio, triste, timbrado, profundo.

★

Cinco homens, vestidos em macacões, reclinavam-se contra a parede do armazém de Varner. Cotton foi o sexto. Sentou-se no degrau superior, apoiando as costas no poste roído que sustentava a cobertura de madeira da varanda. O sétimo homem sentou-se numa tosca cadeira de ripas; um homem gordo e moroso, trajando calça de sarja e camisa branca sem colarinho e fumando um cachimbo de barro. Passava da meia-idade. Era o xerife do condado. O homem sobre quem falavam chamava-se Houston.

— Ele não tinha nenhuma razão para fugir, — disse um. — Desaparecer. Mandar o cavalo de volta para casa com a sela vazia. Ele não tinha motivo. Dono de sua terra, de sua casa. Fazendo uma boa colheita todos os anos. Estava tão bem como qualquer outro homem aqui do condado. Solteiro, ainda por cima. Ele não tinha motivo para sumir. Vocês tomem nota. Ele não fugiu. Não sei o que houve; mas Houston não fugiu.

— Não sei, — disse outro. — Não se pode saber o que um homem tem na cabeça. Houston podia ter razões desconhecidas por nós, para dar a impressão de que alguma coisa lhe aconteceu. Já fizeram isto antes. Antes dele muita gente teve motivo para fugir para o Texas com um nome suposto.

Cotton estava um pouco abaixo do nível dos olhos deles, com o rosto escondido sob o velho chapéu sujo e usado. Estava cortando um pedaço de pau, um galho de pinho.

— Mas um camarada não pode desapa-

recer sem deixar vestígios, — disse um terceiro. — Pode xerife?

— Bem, sei lá! — respondeu o Xerife. Tirou da boca o cachimbo de barro e cuspiu destramente na terra, por cima do corrimão. Nunca se pode dizer o que fará um homem quando em apuros. Salvo seja alguma coisa que nunca se considerou. Que nunca se levou em conta. Mas quando a gente sabe a causa do seu apuro, pode dizer quase que exatamente o que ele fez.

— Houston era esperto o bastante para fazer aqui tudo o que quisesse, — disse o segundo. — Se ele tivesse querido desaparecer, eu creio que nós saberíamos a mesma coisa que sabemos agora.

— O que? — disse o terceiro.

— Nada, — explicou o segundo.

— Isto é um fato, — disse o primeiro.

— Houston era um homem fechado.

— Ele não era o único homem fechado por aqui, — acrescentou um quarto. Para Cotton aquilo pareceu intencional, pois o quarto homem ainda não havia dito uma só palavra antes. Encostado no poste, com o chapéu tombado para a frente, encobrindo o seu rosto, ele julgou sentir todos os olhos postados em si. Ele observava a casca macia desprendendo-se aos poucos do ramo, à medida que avançava a lamina gasta da sua faca. "Preciso dizer qualquer coisa", pensou ele.

— Ele não era mais esperto do que ninguém, — disse.

Desejou então que não tivesse falado. Ele podia ver os pés deles, por baixo da aba do chapéu. Feriu a madeira, observando a faca, o corte uniforme. "Preciso acertar isso bem", disse para si próprio. "Senão pode quebrar". Ele estava falando; ele estava ouvindo sua voz: — Andava por aí como se fosse o dono do condado. Iscando aquele cachorro em cima de todo o mundo. — Ele julgou que pudesse ver-lhes os olhos olhando-lhes os pés, olhando a lasca fina e macia de madeira que deslizava por sobre a lamina da faca. De repente lembrou-se da espingarda, do estrondo, do abalo inesperado. "Talvez eu tenha que matar todos eles", pensou ele... um homem pacífico num velho macacão, com o rosto magro e os olhos baços como os de um doente, descascando um pedacinho de pau com a mão fina, e pensando em matar todos eles. "Eles não, apenas as palavras, a conversa". Mas a conversa era familiar, a intonação, os gestos; mas assim também era Houston. Ele conhecera Houston toda a sua vida: aquele próspero e imperioso homem. — Com um cachorro, — disse Cotton, vendo a faca voltar e pegar uma nova fatia. — Um cachorro que é melhor do que eu. Eu trabalho, e como pior do que aquele cachorro. Se eu fosse o cachorro dele, eu não teria... Nós passamos melhor sem ele, — disse sem nexos. Ele sentia os olhares, graves, atentos.

— Ele sempre maltratou Ernest, — disse o primeiro.

— Ele se aproveitou de mim, — falou Cotton, olhando a infalível faca. — Ele se aproveitava de qualquer um que pudesse.

— Ele era muito insolente, — disse o Xerife.

Cotton achava que eles ainda o estavam olhando, escondidos sob as vozes distintas.

— Esperto, apesar disso, — disse o terceiro.

— Ele não foi esperto o suficiente para ganhar aquela ação contra Ernest, sobre aquele porco.

— Muito bem. Quanto levou Ernest daquele processo? Ele nunca disse, disse?

Cotton julgava que eles soubessem quanto ele tinha ganho na questão. O porco tinha entrado no seu terreno, num mês de outubro. Ele segurou o animal e andou à procura do seu legítimo dono. Mas ninguém o reclamou enquanto ele passou o inverno comendo o seu trigo. Na Primavera, Houston reclamou o porco. Foram à Justiça. Houston ficou com o porco embora Cotton recebesse alguma coisa pela alimentação do bicho e um dólar, como taxa de abrigo ao animal extraviado.

— Acho que isso só é da conta de Ernest, — disse o Xerife depois de algum tempo.

De novo Cotton se viu falando a esmo. — Foi um dólar, — dizia ele, vendo os nós dos seus dedos embranquecerem em torno do cabo da faca. — Um dólar. — Ele estava tentando fazer sua boca parar de falar. — Afinal de contas eu me vinguei dele...

— Juris fazem coisas singulares, — falou o Xerife, — em assuntos sem importância. Mas em assuntos importantes eles quase sempre acertam.

Cotton cortava, firme e deliberadamente. "Primeiro você vai querer fugir", disse para si próprio. "Mas você tem que acabar tudo. Você conta até cem, se for preciso, mas termina o serviço".

— Ouvi novamente o cachorro, à noite passada, — disse o terceiro.

— Ouviu? — perguntou o Xerife.

— Ele ainda não voltou para casa desde o dia em que o cavalo chegou com a sela vazia, — disse o primeiro.

— Ele está caçando, suponho, — disse o Xerife. — Ele voltará quando tiver fome.

Cotton feriu o bastão. Não se moveu.

— Dizem que um cão uiva até que se encontra um corpo morto, — disse o segundo.

— Já ouvi falar nisso, — disse o Xerife. Dai a pouco parou um carro e o Xerife entrou nele. Quem o guiava era um delegado. — Chegaremos tarde para o jantar, — disse o Xerife. O carro subiu a colina; o som morreu ao longe. Aproximava-se o ocaso.

— Ele não está se incomodando muito, — disse o terceiro.

— Por que havia ele de estar? — disse o primeiro. — Afinal, um homem pode sair da sua casa para uma viagem sem ter que dizer a todo o mundo.

— Parece-me que pelo menos ele devia ter tirado a sela daquela égua, — disse o segundo. — E há qualquer coisa com aquele cachorro. Ele ainda não veio em casa desde aquele dia, e ele não está caçando. Eu tenho ouvido ele todas as noites. Não está caçando. Está uivando. Não vem em casa desde terça-feira. E foi neste dia que Houston partiu aqui do armazém naquela égua.

Cotton foi o último a deixar o armazém. Já havia escurecido quando chegou em casa. Comeu um pouco de pão seco, carregou a arma e sentou-se na

(Continua na pág. 52)





A MENOR E MAIS VELHA REPUBLICA DO MUNDO

Cercada de terra por todos os lados, era um oasis republicano em meio de uma monarquia — Seu exército não chega a trinta soldados, mas o seu povo sente-se feliz sem aspirações a grande potência e sem participação no controle da bomba atômica... — Um país que não faz questão de crescer...

Reportagem e fotos de LIONEL DAVIDSON

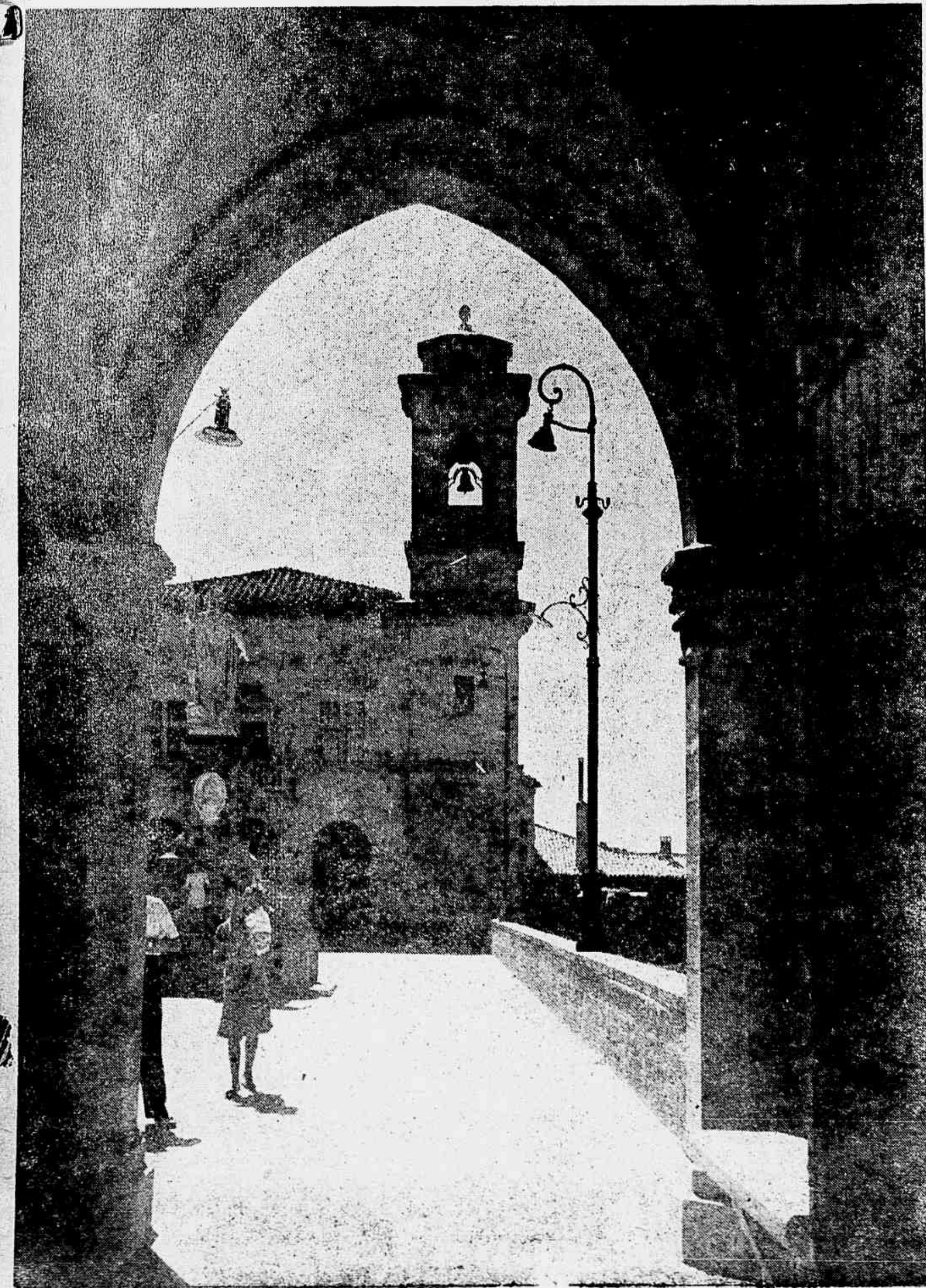
Da Keystone Press Agency — Exclusividade de REVISTA DA SEMANA no Brasil.

A vinte e seis quilômetros de Rimini, teatro de uma das mais encarniçadas operações da última guerra, existe uma pequena montanha.

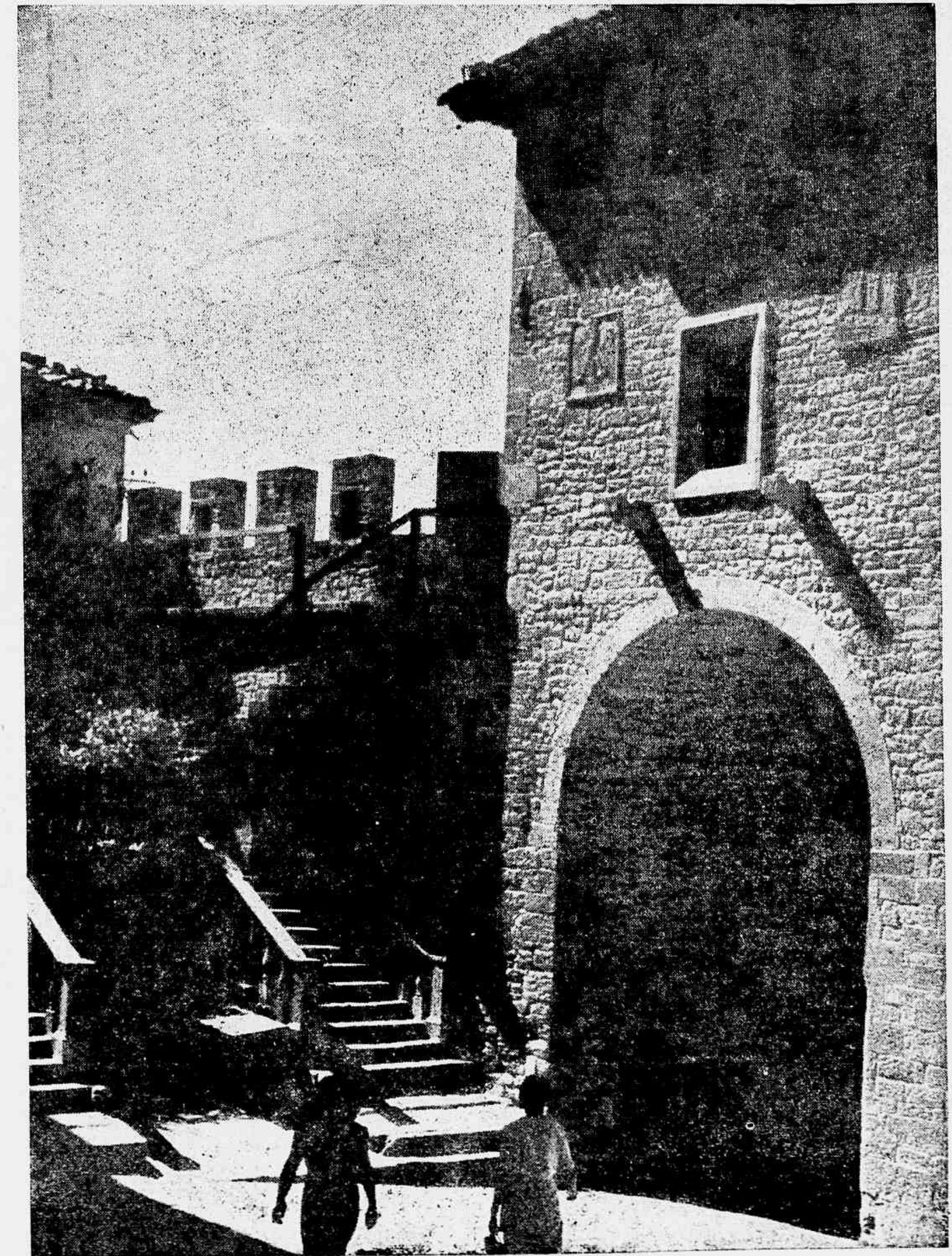
Nas geografias, essa elevação é conhecida pelo nome de Monte Titano. E para muitos milhares de refugiados representou a Terra da Promissão, o lugar que lhes oferecia abrigo e socorro, garantia e repouso. Para os seus habitantes, é conhecida como a República de San Marino, a menor e a mais antiga do mundo. A história dessa república é das mais

interessantes. Ela nasceu sob o signo da religião católica, no período negro das perseguições aos seus crentes. Foi no ano 301 da era cristã que Marino, um cristão exilado da Dalmácia, depois de um massacre de seguidores da doutrina de Cristo, conseguiu encontrar refúgio naquela montanha e reuniu, em torno de si, alguns católicos de Rimini, fundando um núcleo de população católica, do qual nasceu a pequena nação. Durante anos, esse aglomerado humano viveu e se desenvolveu pacificamente, em meio da maior felicidade.

A esquerda: turistas chegando em caminhões a San Marino, fim de visitar a pequena república, cujas rendas derivam, em sua maior parte, do turismo, florescente como nunca, agora que a guerra acabou; à direita, o mosteiro e a igreja de São Francisco, na capital de San Marino, o país fundado por um grupo de católicos perseguidos.



A esquerda: o edifício dos Correios de San Marino, para onde correm logo os turistas, ansiosos para comprar os cartões postais locais e para adquirir selos da menor e mais velha república do mundo; ao centro, — a principal rua que se tem de San Marino, o país sem estradas de ferro, é este lebreiro, na estrada que conduz à sua capital, no centro de uma área de 61 quilômetros quadrados. A esquerda, um aspecto da velha cidade de San Marino, muito parecida com uma fortaleza medieval.





A esquerda: Os gendarmes quase nada têm que fazer. E para não ficarem mal acostumados, matam o tempo lendo os jornais locais, "Il Campanone" e "Il Nuovo Titano", — um dos quais está com o governo e o outro com a oposição, ou vice-versa; à direita: o comandante da força de 23 homens (inclusive o tenente) que constitui o Exército San Marinense, recebe do carteiro as cartas dos seus "fans"...

Quando Marino morreu, seus companheiros de aventura resolveram elaborar uma Constituição e declararam proclamada a República, sob a divisa "Libertas". Uma declaração pública foi então feita, dizendo que o pequeno país desejava viver discretamente, sem intenções de engrandecer-se territorialmente, nem de se converter em potência militar. Nação modelo, quaisquer armas são ali proibidas, exceto as de caça. Em 1539, o cardinal Santo Angelo ofereceu à pequena comunidade um pouco mais de território, com a intenção de reconstruir a cidade e de estabelecer nela uma Sé, com uma residência episcopal. Mas o povo de San Marino desejava continuar pacífico e discreto, — e por isso declinou da oferta, continuando dentro das suas velhas fronteiras. No século XIX, Napoleão Bonaparte, que havia invadido a Itália, ofereceu a San Marino novos territórios, mas novamente eles alegaram que a Constituição vedava o engrandecimento do país. Sendo um pequeno Estado, San Marino não desperta a cobiça internacio-

nal. Até mesmo o regime fascista de Mussolini o respeitou, porque, talvez, não queria cair no ridículo de anexar uma nesga de terra como San Marino. O Duce preferiu atacar a Etiópia, a Albânia e a Grécia, ficando San Marino imune à virulência expansionista do fascismo... A falta de ambição do povo de San Marino tem sido, assim, recompensada no curso da história, com a tranquilidade de que goza a mais velha e a menor de todas as repúblicas do mundo.

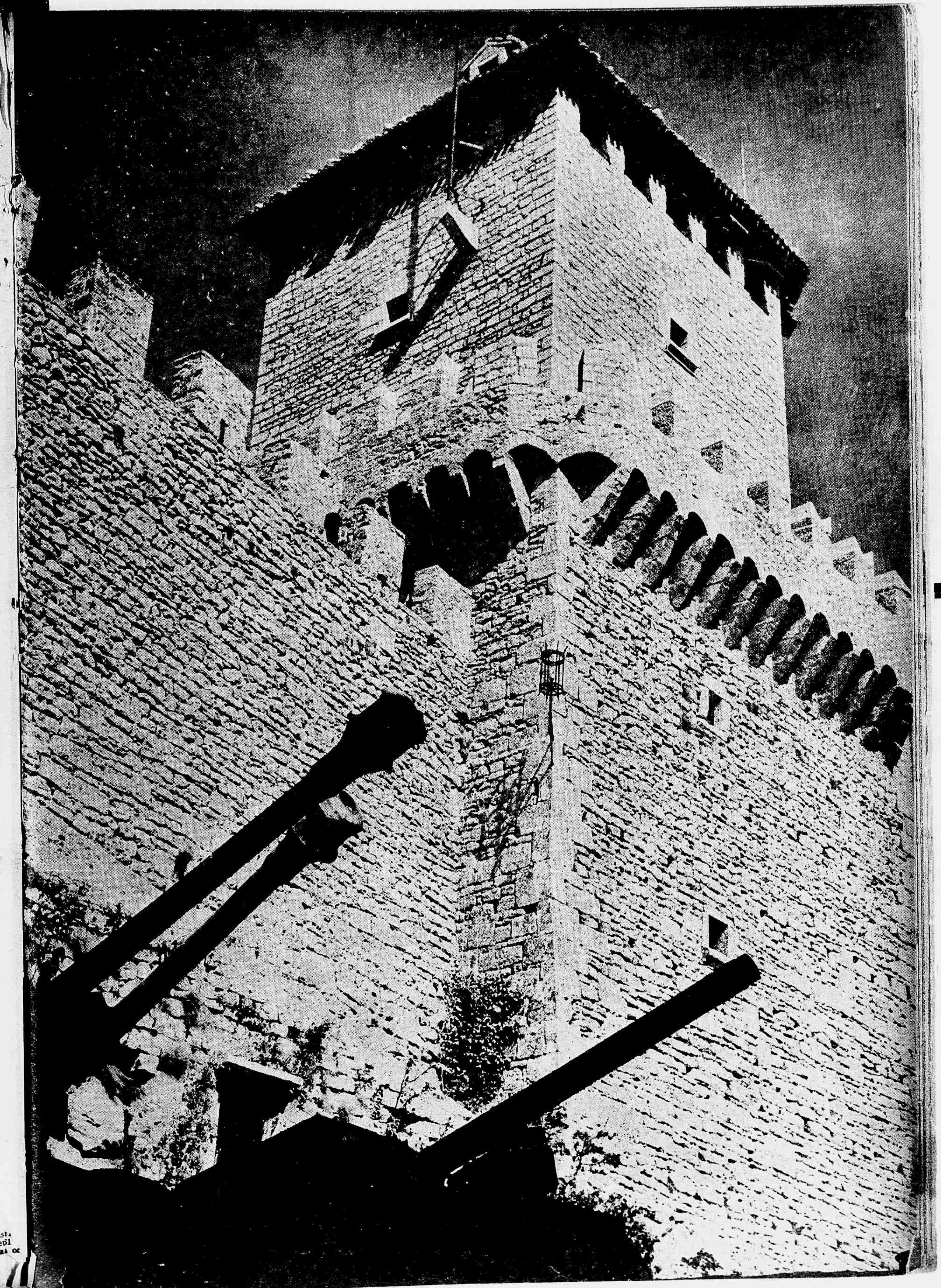
Isso não quer dizer, entretanto, que não tenha havido alguns incidentes e que, por vezes, o povo de San Marino tenha sido obrigado a defender-se de ataques externos, de armas nas mãos. No ano de 1300, os san-marineses tiveram de se organizar e de oferecer enérgica resistência aos soldados do bispo de Montefeltro, que queriam anexar a pequena república à Santa Sé. Curioso episódio! Fundada por cristãos ameaçados na sua liberdade, tiveram estes que lutar, mais tarde, contra a política expansionista do Papado! No ano de

1600, San Marino outra vez pegou em armas, para repelir um ataque que lhe foi dirigido por uma malta de bandidos mercenários, sob o mando de um aventureiro chamado Fabian Del Monte. Os que, nessa ocasião, perderam suas vidas em defesa da República, têm os seus nomes lembrados num monumento erigido para celebrar-lhes os feitos. Em ambas as "guerras", San Marino venceu. E sua vida continuou tranquilamente, até que, em 1944, a linha gótica, — a linha de defesa dos alemães, — passou a apenas alguns quilômetros de distancia de San Marino. Nada menos de cem mil refugiados italianos foram ali buscar abrigo. E o pequeno Estado lhes deu sossego e alimento.



Sendo a nação eminentemente pacífica, aqui de que mais se cuida, em San Marino,

NA PAGINA A DIREITA: a Linha Gótica dos alemães ficou apenas a alguns quilômetros de San Marino. E peças de artilharia germanica abandonadas foram levadas para a pequena cidade, onde servem de curiosidade aos turistas e formam um curioso contraste com as edificações históricas.





COMO ANTES DA GUERRA, a maior indústria de San Marino é o turismo. Vemos na página à esquerda uma caravana de turistas de várias nacionalidades, na praça central de San Marino, em frente do seu Palácio do Governo. San Marino, sem exército e sem defesa, atravessou incólume os horrores da guerra na Europa.



é da educação. Não existem escolas militares, navais e de aeronáutica, onde se ensine a arte de bem matar, de par com outras artes. San Marino conta com uma grande quantidade de escolas elementares, ginásios e liceus. Na capital, que tem também o nome de San Marino, existe um curso de humanidade, anexo ao Colégio Belluzzi, do qual saem os estudantes que vão frequentar as universidades e escolas superiores da Itália. Há também escolas de música, de artes e ofícios. No Palácio do Governo, existe um precioso arquivo, rico em documentos de grande valia e alto interesse histórico. No Palácio Valloni, estão instalados o Gabinete de Física e História Natural, o Museu, a Pinacoteca e a Biblioteca Nacional que contém quase vinte mil volumes. No Museu, há coisas de muito valor, destacando-se vasos etruscos e italo-gregos, coleções numismáti-

cas, objetos vários da Idade Média e da Renascença. Na Pinacoteca, há quadros que valem fortunas. Entre esses, telas de Caracciolo, de Ghirlandaio, de Murillo, Pinturicchio, Julio Romano, Battoni, etc. Há muitos anos se publicam, em San Marino, um jornal semanal, intitulado "Il Titano", hoje "Il Nuovo Titano", que se dedica, especialmente, à publicação de notícias locais, não dando "manchetes" escandalosas sobre a bomba atômica, nem sobre a reunião dos Quatro Grandes em Moscou... Há também um semanário rival, "Il Campanone".



Fundada por um católico, a República de San Marino é, naturalmente, uma nação eminentemente católica, embora tivesse pegado em armas contra o papa, quando este quis fazer tábula rasa da sua soberania. Em San Marino existem quatro conventos, três de frades e um de freiras. Esses religiosos colaboram nas obras de assistência da cidade, como o Hospital da Misericórdia, o Manicômio, a

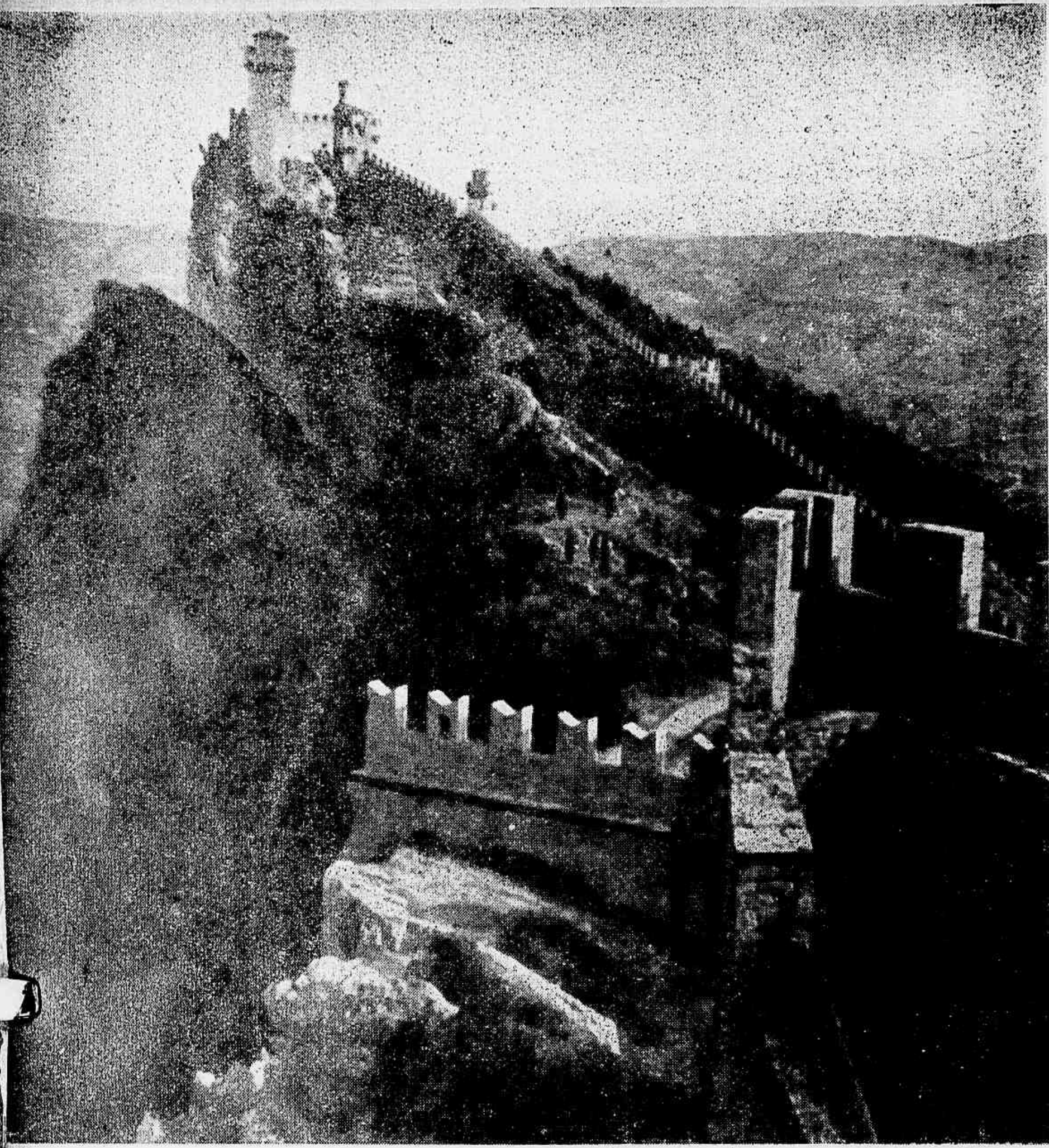
Casa dos Expostos e o Recolhimento de Orfãos. Há ainda, completando o quadro das instituições assistenciais, um hospital para doentes crônicos, e quatro asilos para a velhice desamparada, um na capital, e os outros em Borgo, Serravalle e Faetano, todos sob a direção das irmãs de Santa Ana. Existe ainda, em San Marino, uma sociedade operária de socorros mútuos, que mantém uma cooperativa, com um armazém de gêneros alimentícios que opera a crédito e que construiu um moinho a eletricidade, para beneficiar o trigo, e um forno mecânico, para produzir o pão a baixo preço.



A arquitetura da capital de San Marino é interessante, de uma solidez e de uma anciandade venerável, que encantam os visitantes. Não fosse o fundador, aquele fugitivo Marino que os centuriões de Galero expulsaram da Dalmácia, um canteiro de profissão, habituado a trabalhar com o granito. O recinto de San Marino, como o das velhas cidades

Cidade fundada sob a bandeira de Cristo, San Marino tem quatro conventos, — e à esquerda vemos os frades de São Francisco; à direita, o monumento aos heróis sanmarinenses que morreram em defesa da República que não quer crescer, nem quer, também, deixar de existir...





Em cima : a velha cidade de San Marino, no alto do monte Titano, parece uma fortaleza medieval, mas é defendida por apenas 22 soldados, um tenente e um capitão... Em baixo : até bem pouco tempo os presos, em San Marino, eram mantidos incomunicáveis, na prisão local, embora "Libertas" seja a divisa da pequena nação. Agora a palavra "Proibido" foi riscada do cartaz que vedava "o ingresso ao público". Os presos já podem receber visitas...

cujas origens se perdem na noite dos tempos, apresenta o aspecto de uma verdadeira fortaleza. Oculta por uma cortina de rochas, apoia-se na crista do monte Titano e é constituída por agrupamentos de casas vetustas, algumas das quais têm as suas escadas cortadas na própria rocha em que se assentam. As ruas são estreitas, ora em aclives, ora em declives, — e nas muralhas que cercam a cidade se abrem apenas duas portas, — a Porta Nova, ou de São Francisco, e a Porta Delle Rupe. O edifício mais notável de San Marino é o Palácio do Governo, obra do arquiteto romano Francisco Azzurri, edificado no lugar em que existia a antiga casa comunal e inaugurado pelo poeta Giosué Carducci, no ano de 1894. Esse palácio é uma fiel reprodução dos antigos palácios comunais do século XIII. No alto, existem figuras de cerâmica policrômica, num triptico que representa os três padroeiros da pequena república : São Marino, Santa Agata e São Leão. Sobre as colunas que separam os três arcos, do pórtico, ostentam-se as armas dos quatro castelos históricos, — os de Serravalle, Fiorenitno, Faetano e Montegiardino, guardiões do território sanmarinese, encimados estes pelo grande escudo da república que faz questão de não querer crescer... Pátria de muitos filhos ilustres, como Antonio Orefice, que foi mestre cinzelador do imortal Benevenuto Cellini; e frei Juan de Serravalle, grande comentador de Danta, — San Marino pode se gabar de ter servido de asilo a um fugitivo ilustre, Giuseppe Garibaldi, que viria a ser o unificador da Itália...

★

Tendo reformado várias vezes sua Constituição, — a atual é a sexta ou sétima, — a República de San Marino é governada por um Conselho Geral, constituído por sessenta representantes, com o mandato, oriundo de eleição, em vigor durante o período de seis anos. Cada seis meses, — ao cair das folhas e quando elas voltam a renascer, — o Conselho designa dois "Capitães", para chefiarem o governo. Esses têm direito ao título de "Excelência". São os que representam oficialmente o governo. Mas não podem ser nomeados de novo senão pelo menos depois de três anos de interregno, após haverem exercido o poder. Embora San Marino seja a menor república do mundo, — sua área é de apenas 61 quilômetros quadrados, — mantém tratados com a Itália, a Inglaterra, a Holanda, a Bélgica e os Estados Unidos. E enquanto poderosas nações da Europa eram invadidas, San Marino continuava a gozar da maior tranquilidade, "protegido" por um exército de 22 soldados, comandados por um capitão e um tenente...

➡➡➡
NA PAGINA A DIREITA : soldados ingleses licenciados, em viagens de turismo através da Itália, são atraídos pela pequenina República de San Marino e não querem perder a oportunidade de conhecê-la...





O NOVO GOVERNO DA PARAÍBA

ESTAS fotografias foram apanhadas em João Pessoa durante a posse do novo Governador do Estado, senhor Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo que, naquela oportunidade, recebeu muitas homenagens de todas as classes sociais. A foto acima foi tomada no momento em que S. Excia., sentado à direita do senhor Flávio Ribeiro Coutinho, presidente da Assembléia Constituinte estadual, assinava o termo de compromisso perante a mesma assembléia.

A outra foto constitui um flagrante apanhando parte da massa popular que acompanhou o chefe do Poder Executivo do Estado até o Palácio do Governo, onde S. Excia., depois de saudado pelo senhor Argemiro Figueiredo, Deputado Federal, pronunciou o seu discurso de posse.

Diversas festividades populares tiveram lugar, após as solenidades oficiais, inclusive baile público e sessões contínuas, gratuitas, oferecidas ao povo pelos cinemas locais.





Aqui vemos a linda e jovem Eleanor Parker, estrela da Warner Bros, confeccionando uma "sweater" afim de preparar-se para os dias mais frios que já se aproximam. A propósito, o último filme de Miss Parker intitula-se "The Woman in White".

A SILHUETA DE 1947... Surgem as primeiras coleções de moda de outono, com as suas novas tendências e as suas surpresas... Pelo que já conhecemos das coleções de Paris e de Londres, podemos adiantar que se observam dois estilos postos; de linhas completamente diferentes e audazes.

Buscando inspiração nos modelos do princípio do século, até 1910 a 1921, os costureiros estão apresentando vestidos com uma linha direita, justa, sobre os quais vêm casacos tipo "barril", largos ao alto, estreitando à medida que chegam aos quadris.

A tendência oposta, é redonda nos ombros, justa até a cintura e saias muito amplas. Esta última silhueta, mais feminina, aliás, dá maior importância à cintura e sobre esta aplica os seus adornos e as notas de maior efeito.

Os cinturões têm sido até hoje o complemento predileto das elegantes e elemento apreciado pela alta costura.

Variando sobre esta base, aparecem largas e vistosas faixas que dão graciosas voltas

à cintura, cobrindo-a quase toda e amarrando de forma simples. Essas faixas se inspiram, muitas vezes nos trajes dos aldeões europeus e são executada em material fino e vistoso.

Vemo-las de tafetá de seda natural, cetim listrado, veludo de seda, "moiré" e jersey de seda. Há ainda as que levam franjas, borlas, peles, etc., numa variação que nunca existiu. Broches e "clips" de pedras, imitando jóias antigas, são usados também na cintura, obtendo-se magníficos efeitos.

Voltam a reviver na moda atual, detalhes de épocas passadas, os quais, não sendo modernos, têm no entanto movimentos distintos e são concebidos numa linha mais perfeita e mais delicada. O que, acima de tudo, é a preocupação de recuperar o tempo perdido durante a guerra; é a superação de tudo o que anteriormente já foi criado pelos grandes costureiros do mundo.

K I T T Y

NOS BASTIDORES FEMININOS

MODELOS EM LÃ

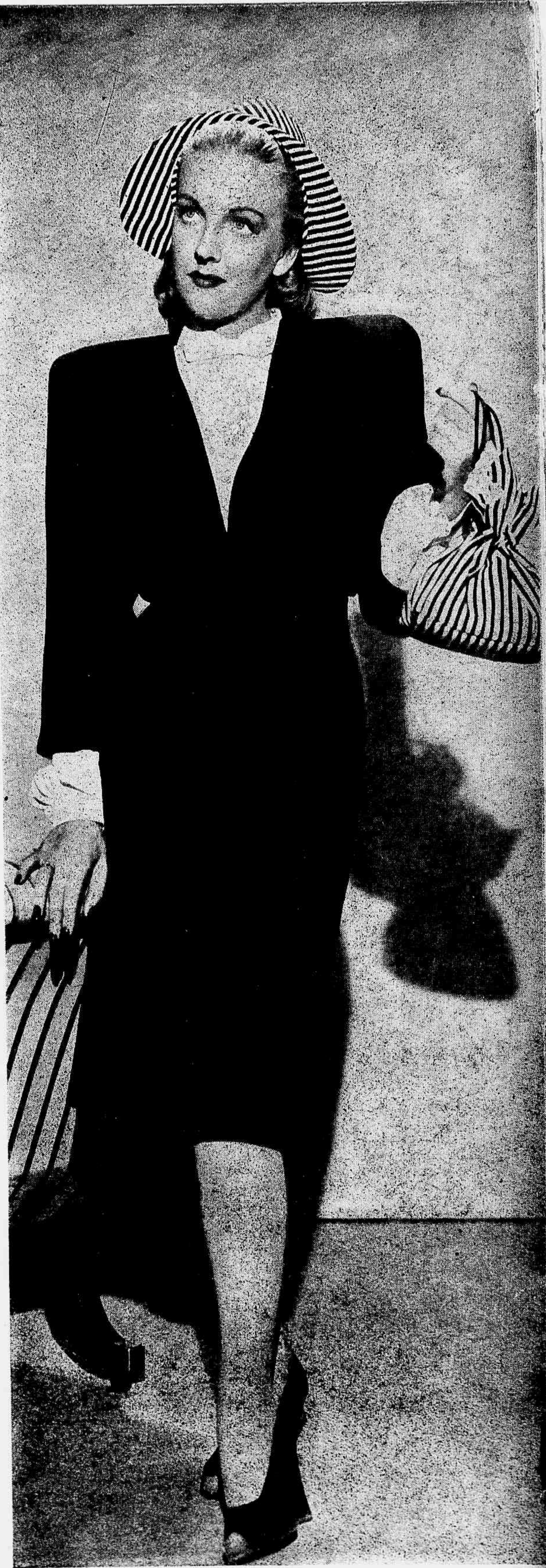


PARA as nossas leitoras, oferecemos hoje alguns modelos em lã, para a próxima estação, vindos diretamente de Hollywood. Qualquer um deles pode ser copiado sem receio, pois todos vestem muito bem. Da esquerda para a direita: Jean Winfield, modelo de lã preta, de muita simplicidade. O talhe é alto, o modelo todo justo, com uma "pestana" na frente em toda a extensão do vestido. Alexis Smith, da Warner Bros, nos dá uma nova versão do "tailleur", com





este modelo de lã listrada, sem gola, bolsos saindo dos recortes do casaco e, ao redor da manga que é "raglan", vez em côr contrastante. Saia em panos. Anne Jeffreys, da RKO, sugere este gracioso modelo de lã azul marinho, com casaco sem gola, recortado de forma bem original, e deixando aparecer a blusa de "pailleté". Ainda é Jean Winfield, da Warner Bros., com um conjunto de lã preta, composto da saia, justa ao corpo, bolero de mangas "três-quartos" amarrado á cintura e blusa de seda branca, de mangas compridas e laço na gola. O chapéu e a bolsa são de tecido listrado preto e branco.







DOIS MODELOS ELEGANTES

Ao alto: Irene, a famosa costureira da MGM, criou, para Frances Gifford, este elegantíssimo "robe" de jersey de lã vermelho. É justo no corpo, alargando para baixo, terminando em "godet". De cima até em baixo, é abotoado com botões cobertos com o mesmo tecido. Do lado direito, bolso muito original bordado a ouro. A direita: De muita elegância é este modelo para jantar que Irene criou para Frances Gifford. É em seda preta, bastante maleável, com interessante drapé na sala. A blusa é transpassada na frente e no lado direito, vistoso bordado aplicado também na "echarpe" que dá a volta sobre o ombro e termina quase que no chão.

Muito elegante este modelo de cetim preto, criado por Mug Deval, de Paris, para a hora do "cocktail". O bolero tem duas faixas franzidas que passam sobre o busto e unem na frente. Chapéu de lebre rosa, com "aigrettes", modelo de Maria Guy.







O PENTEADO é importantíssimo na beleza da mulher. Ele modifica inteiramente a fisionomia, melhorando ou... piorando... E' preciso, portanto, saber escolher o penteado de acôrdo com o seu tipo e a sua idade.

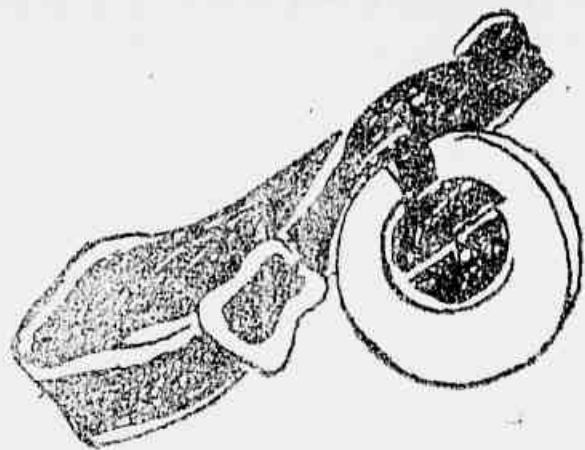
Nestas páginas apresentamos algumas sugestões de conhecidas figuras da Republic: Na página à esquerda: Ruth Terry prefere para a noite este gracioso penteado levantado dos lados, formando rolo que se prolonga até a nuca. Esse penteado disfarça, com vestidos decotados a

CABEÇAS

altura do pescoço de Miss Terry. Nesta página. Em cima: Linda Sterling usa, para a noite, este penteado alto, com franja na testa e "boucles" soltos sobre o alto da cabeça. Especialmente indicado para rostos triangulares. Um outro

penteado que Ruth adota, e que dá uma forma mais oval ao seu rosto, é esta "corôa" com cachos soltos na frente. Em baixo: Jane Frazee realça a sua beleza com este penteado negligente... Os cabelos caem em "boucles" soltos sobre a testa. Uma "echarpe" branca com bordados à prata, dá um "ar" mais misterioso à linda cabeça de Miss Frazee. E, para terminar, um penteado mais juvenil. O cabelo é levantado dos lados, formando rolos com ondas marcadas. Atrás é solto em "pagem".





"Tailleur" de lã. Blusa estampada. O mesmo estampado é usado na lapela do casaco.



Sala preta e bolero. A faixa e o chapéu são de tecido listrado preto e branco. Blusa branca.

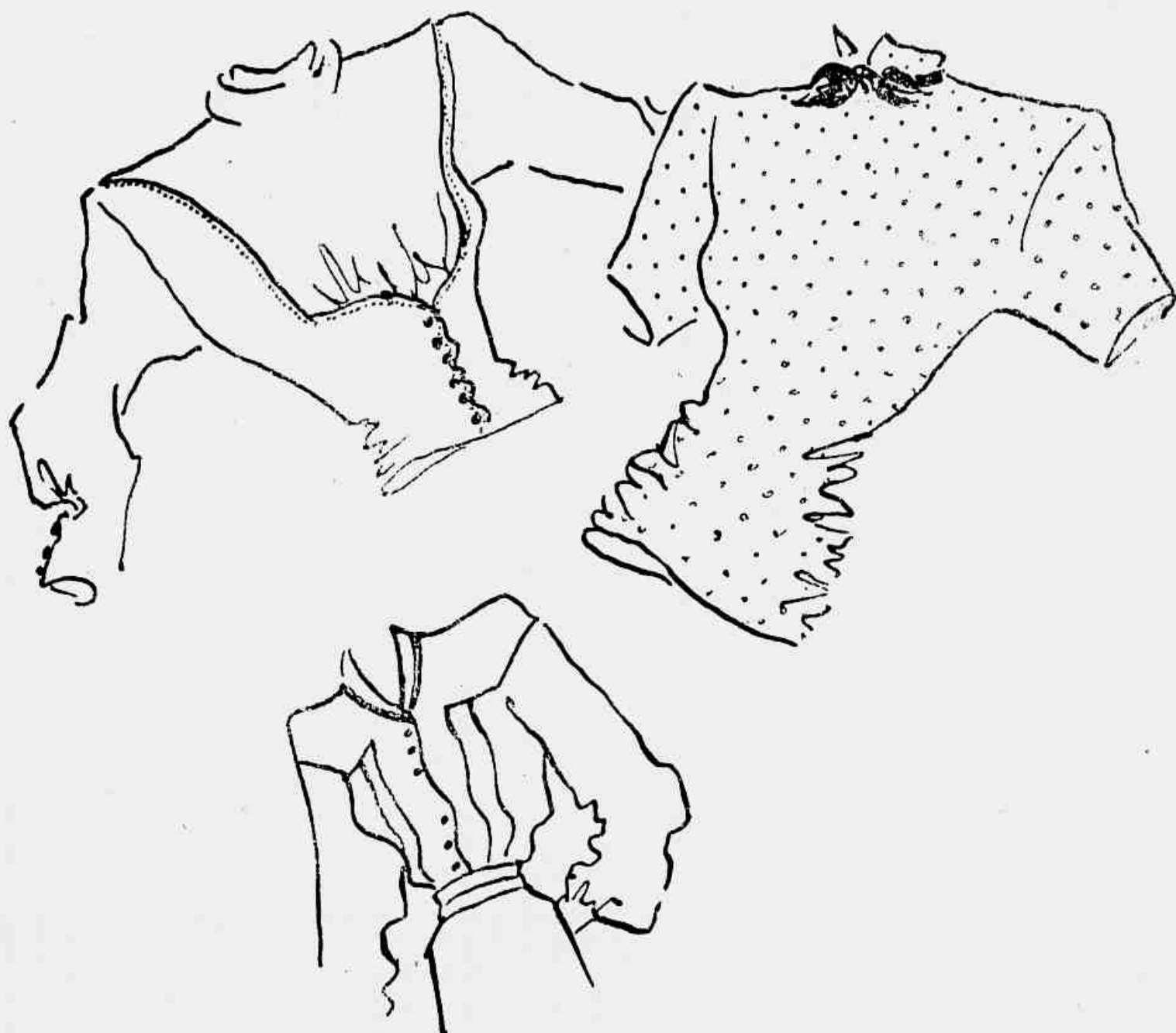


"Duas-peças" com jaqueta aberta na frente. Mangas "três-quartos". "Echarpe" em nó no pescoço.

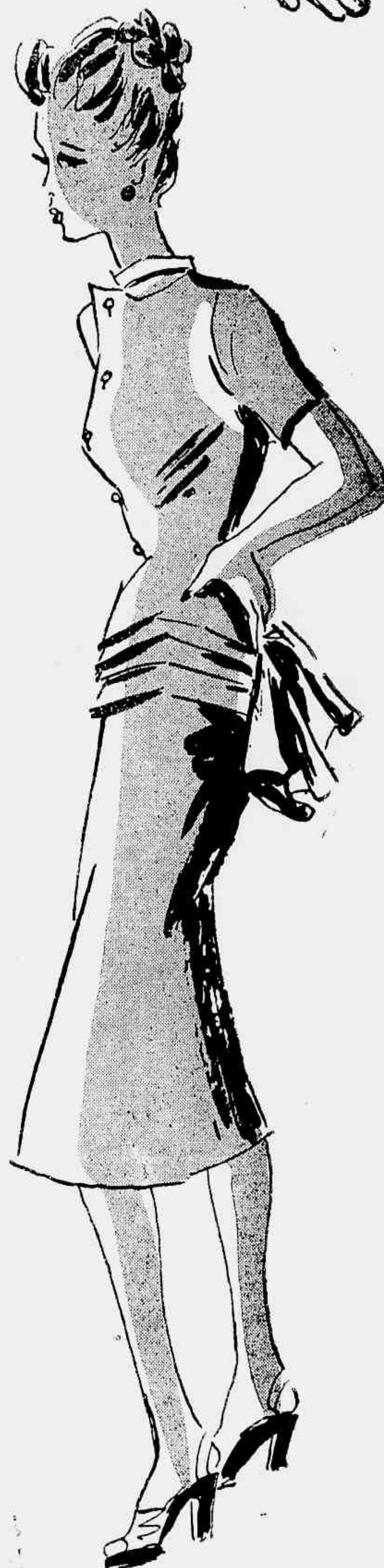
Modelo



Vestido "d'après-midi". Na frente, sobre-sala "godet".



Modelo esportivo em tecido quadriculado. As mangas, de uma linha interessante, são muito largas e terminam em punhos bastante longos.



Vestido de lã fina. Na altura dos quadris, três pregas superpostas, que terminam atrás em grande laço.



O ESTRANHO DISFARCE

ERA misteriosa a luz daquela lampada de mesa. Estaria, talvez, nela, a mesma patética presença dos silenciosos e tristes objetos que ali estavam naquela mesa de trabalho. O suor que escorria da testa do doutor Marçal, vinha como um pingo d'água teimoso e vulgar, borrar a receita que no momento ele formulava para madame X, que se internara na véspera. A clínica estava chela e os casos eram complicados como o diabo. Tudo de mau se juntara ali, naqueles dias calorentos e mórbidos. Já não havia mais nenhum quarto e todos os cantos possíveis de acomodações foram transformados em quartos de doentes.

O cérebro do doutor Marçal, era então, como um viveiro de pássaros diversos, onde uma onda ininterrupta de sons esquisitos, o incitava e o dominava inteiramente. Nunca descansava. Quer na manhã, quer na tarde, quer nas horas pesadas da noite os corredores da clínica se fartavam das suas graves passadas. Era um ídolo diferente o estranho Dr. Marçal. Os doentes o adoravam com um certo medo, e para chegar até perto dele, se vestiam de todas as reservas de coragem existentes em si mesmos, para enfrentar aquele forte e esquisito olhar. Embora assim, às vezes, apenas o som dos seus sapatos no corredor, som diferente de todos os outros sapatos da clínica, era o divino remédio como um fluido que atravessasse as portas dos quartos e fosse pousar nas dores dos internados. Tal era a confiança que inspirava a todos aquela personagem de poucas palavras e de poucos olhares. Era estourado como um punhado de pólvora, zangado à toa como um foguete apressado. Os auxiliares penavam quando ele com

a sua mão de gênio estirpava apêndices doentes e fazia operações complicadas. Penavam a custa do palavreado que lhes soltava o Dr. Marçal, exigindo o máximo de cada um. Afastava de si o mundo inteiro e só via na sua frente, um doente. Gente sã, com a alacridade natural das coisas vivas e a beleza encantadora, própria das frutas perfeitas, passava pelo Dr. Marçal, como um micróbio escondido no ar. Os doentes, sim, criavam vulto, apareciam aos olhos do médico, como a única fascinação da sua vida diferente. Muita gente já tinha falado que Dr. era mórbido, inconsciente, quem sabe, até esquisito? Jamais alguém o vira nos lugares onde gente viva costuma ir. Nunca. Vivia no hospital e para o hospital. Não queria a ninguém e jamais pudera se aconchegar a alguma ternura de amor. Se tinha família era assunto desconhecido para toda a gente. Todos sabiam que o Dr. era um homem só. Só como a singularidade dos seus gestos e da sua pessoa.

Naquela tarde silenciosa em que tudo se fizera suor e calor, o médico dobrou a receita de madame X e atirou um olhar apressado para o polígono branco do relógio, pregado ali bem no centro da parede branca.

Como um relâmpago passou alguém pela porta de saída da clínica, bem perto do seu gabinete. Aquela fato de passar silhuetas a todos os instantes era a coisa mais natural e tão corriqueira e não chamava absolutamente a atenção do Dr. Marçal. Mas aquela se tinha evaporado

no primeiro segundo e foi como sacudir um pessegueiro florido, tal o perfume que deixara atrás. Dois segundos e a mesma revoadada apressada. Mais um instante e outra vez. Nessa última vez, levantou-se o Dr., disposto a tomar uma de suas sérias atitudes, quando uns olhos grandes e inquietos se estatelaram em frente aos seus.

— Bom dia, Dr. ...

A resposta foi apenas:

— Fale.

— Eu me chamo Rita, o senhor sabe, o mesmo nome que tem a Rita do cinema, a Hayworth, aquela que fez o papel de Gilda. Sim, porque lá em casa também já começaram a me chamar de Gilda.

Falando e torcendo a metade da cabeleira que caía do lado direito, a Rita fixava o Dr. Marçal e com a maior calma do mundo, continuou:

— Eu estive passando as férias numa fazenda onde um bicho de pé achou de se instalar no meu dedo mínimo e depois disso tive uma bruta infecção.

O Dr. Marçal ouvia com atenção e buscava o fim da tagarelice daquela cliente nova, que devia ser mesmo tão nova ali, que ainda não conhecia os seus hábitos e os seus ímpetos.

Mas não sabia bem porque ainda continuava ouvindo aquela criatura vulgar e cheia de tregeitos, pois em outra ocasião já teria dado um estrondoso estrilo. O fato é que a Rita ou Gilda, era uma espécie de calmante, e o estranho médico guardou a sua enorme fila de monossílabos e resolveu falar então:

— E já ficou boa da infecção?

— Não senhor, isto é, o meu médico me mandou enriquecer com uns milhões de penicilina e para isso preciso ficar internada aqui. Boa eu estou, quer dizer, mas se é preciso penicilina eu ficarei aqui, pois até que é bom mudar um pouco de ambiente de vez em quando...

Voltando quase ao seu estado normal, o Dr. Marçal explicou que não seria possível o internamento. A casa continuava repleta e não havia acomodações. Rita deu mais um passo e apontou a sala de consultas.

— Eu ficarei ali. Não é preciso quarto, não. Eu até gosto mais de ficar aqui, olhando esses quadros bonitos que o senhor mandou pôr ali na parede... Para não incomodar muito, sairei e entrarei a toda hora e na hora H, isto

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"



é, na hora da injeção estarei firme. A noite, dormirei no divan.

Estava decidido pela própria Rita o seu internamento. E ainda que o Não do Dr. fosse como um ponto final, ela se fixou na clínica tão a vontade, que embora não aceitando, o médico teve de mandar preparar a penicilina e deixá-la ficar.

Quando algumas enfermeiras puderam recordar mais tarde o que tinham presenciado, constataram uma grande doença no Dr. Não era possível. O Dr. Marçal falando como gente, olhando como gente para aquela garota espetada e metida a Gilda. E' verdade que ela era bonita como uma serela, mas outras bonitas já tinham passado pela clínica e o Dr. nem tinha olhos para elas... E o comentário começou a rodar pelas enfermarias, pelos quartos particulares, pelas salas de operações, enfim, a Rita ficou em todas as bocas do hospital. E as interrogações de olhares e as piscadelas entre as enfermeiras aumentavam aos borbotões, à medida que também aumentavam para ela as atenções do Dr. Marçal. Ele mesmo parecia mudado como o vinho para a água. Todos comentavam assim. E a Rita cada vez mais bonita, crescendo na mente do Dr. Marçal, palpitando e sorrindo, nem ligava a raiva do pessoal. Sempre contente e todas as vezes que chegava no fim do corredor, olhava de repente para trás e de surpresa, colhia com o olhar, um punhado de enfermeiras lá no começo, na porta da sala de consultas, cochichando para o mesmo alvo que não era outro senão o seu conjunto harmonioso e bonito. Voltava, e para recalcar mais a raiva daquela gente, entrava feliz pela porta do gabinete do Dr. Marçal. Ele talvez quisesse reagir diante daquela sedução, mas estava como que desviado da sua própria personalidade. E a Rita todos os dias embarçava mais o seu cérebro. Metia-se em toda a sua vida, já sabia antecipadamente as horas das operações, coisa que jamais alguém pudera saber antes, inclusive o próprio Dr. Marçal. Pediu para vê-lo operar. Foi aceito o pedido e quando acabou a operação, sem que o Dr. esperasse desatou o cadarpo que prendia a máscara e deixou que seus dedos macios se perdessem naquele pescoço moreno do médico. Muita gente falou, é certo. Mas eles estavam perdidos de todos e só se encontravam a si mesmos, naquela ante-sala operatória.

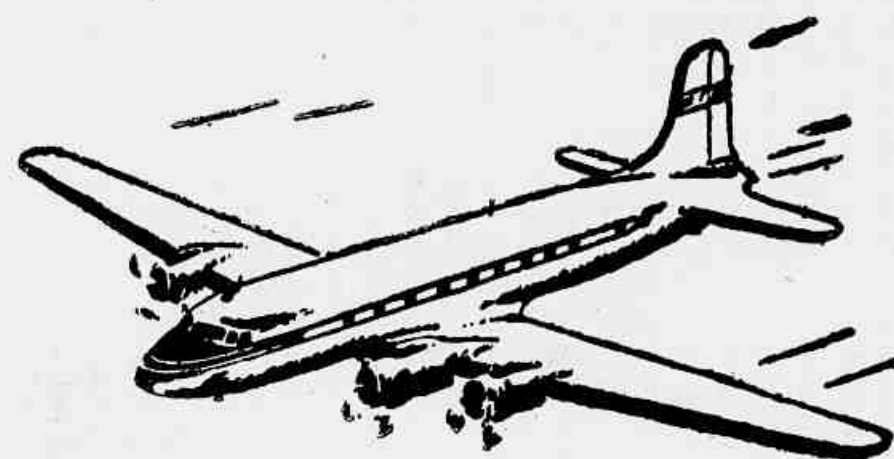
Faltavam só três dias para o carnaval. A Rita andava agitada como uma curruira pronta para fazer ninho. Para lá, para cá, entrando e saindo, quando achou na portaria o Dr. E porque esse fosse o dia da despedida, começava a se sentir saudosa. E' claro que ia sentir falta dele e até mesmo, dos aventais brancos, que andavam aos olhos de Rita, vãos, vãos pelos corredores da clínica. Os olhos cinzentos de Rita fizeram o Dr. prever a despedida.

(Continua na pág. 56)

Conto de LAUSIMAR LAUS GOMES
Ilustração de ABELARDO ZALUAR



Voe por Clipper ...é mais fácil!



★ "Sim, Senhor! Teremos a maior satisfação em lhe reservar um lugar..." É a coisa mais simples do mundo! Decidida para onde deseja voar, telefone ou se dirija ao escritório da Pan American mais próximo, e tudo o que terá que fazer é apanhar a sua passagem antes do dia da partida.



★ Mesmo que nunca tenha voado, V. S. achará incrivelmente simples viajar num Clipper Voador. Desde o momento em que V. S. apresenta a sua passagem no aeroporto, as maiores atenções lhe são dispensadas por um corpo de funcionários eficientes, que, entre outras coisas, tomará conta de sua bagagem e de seus documentos de viagem.



★ A função dos aero-moços é lhe cercar do maior conforto e atender a todas as suas conveniências. Está sentindo muito calor, ou muito frio? Gostaria de ler as últimas revistas? Basta mencionar o seu desejo! A solicitude da PAA lhe deixará realmente maravilhado... E nada de gorjetas, por favor. V. S. é convidado da Pan American.



★ "O seu lanche, madame." — o seu pequeno almoço, o seu jantar, ou talvez um simples sanduiche. A senhora saberá apreciar as deliciosas refeições quentes da PAA, servidas gratuitamente e preparadas em diversas escalas das rotas da PAA pelos nossos exímios mestres-cucas.

Voe pela PAA... experiência sem PAR!

Em mais de dezenove anos de operações ininterruptas, a Pan American tem se mantido à frente do sistema mundial de comunicações aéreas. Não medindo despesas nem distâncias, a PAA instalou os seus aeroportos — espalhados por todos os recantos do globo — segundo os mais modernos preceitos da técnica e do conforto. Atualmente, inúmeras linhas aéreas dependem do sistema de comunicações estabelecido pela PAA. Os milhares de passageiros, cartas e encomendas transportados pelos Clippers Voadores desde 1927, são o testemunho mais eloquente da proficiência com que a Pan American serve aos povos de todos os quadrantes.

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE — CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS



A Rede dos Clippers Voadores

Alasca — Antigua (Índia Ocidental Britânica) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica — Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao — Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havaí — Honduras — Ilha do Cantão — Ilha Fiji — Ilha Midway — Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia — Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana — República do Salvador — Sta. Lúcia (Índia Ocidental Britânica) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam — Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucon (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal.



Nos dois flagrantes acima, feitos no "paddock", pode-se notar a variedade das "toilettes" femininas, na tarde do dia 16, na Gávea, o que deu uma nota de encantador pitoresco à reunião. Ao lado: Aspecto da "Champagne" oferecida aos cronistas de turf pelo sr. José Buarque de Macedo, proprietário de "Hamdam".

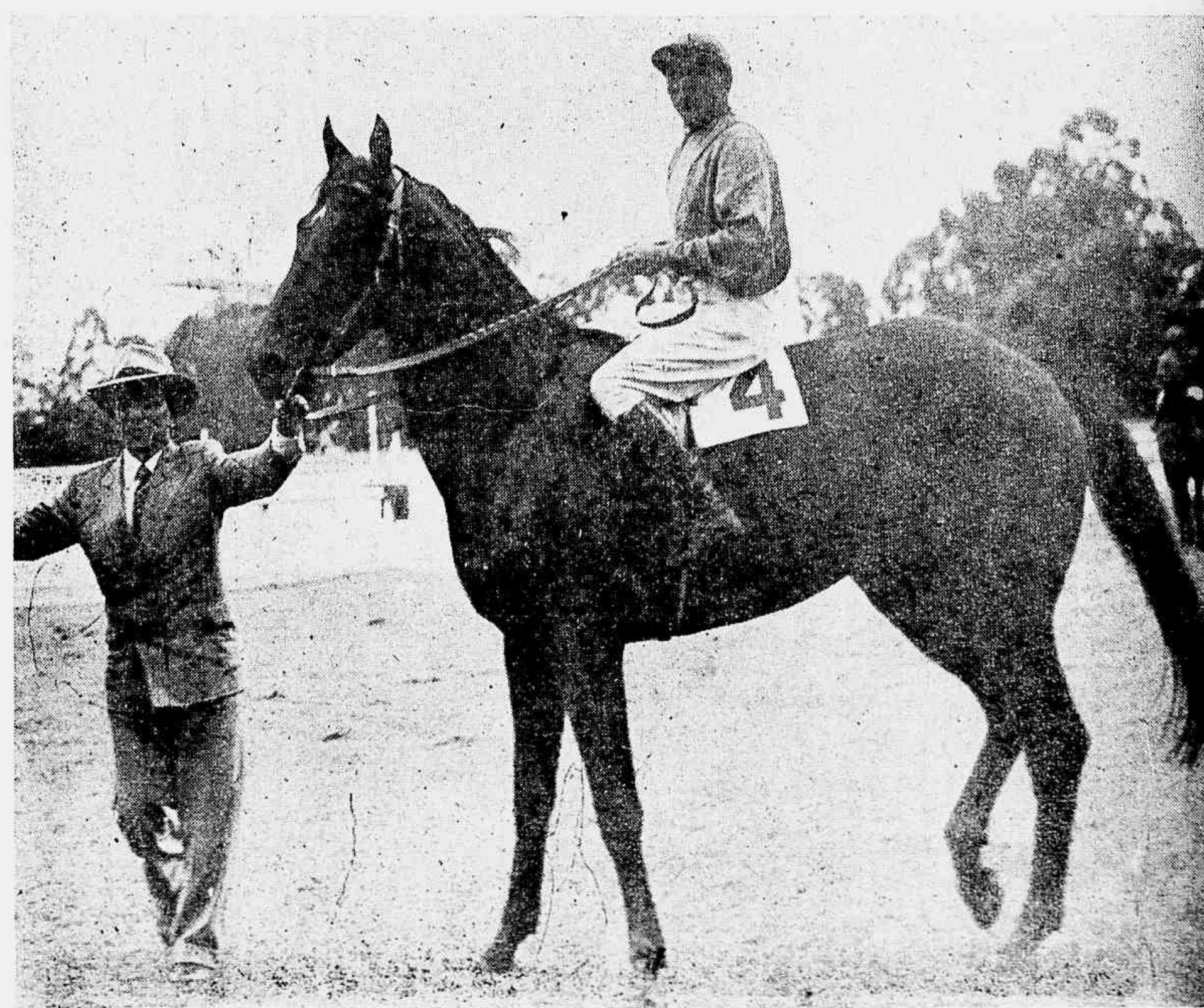
NO HIPÓDROMO BRASILEIRO

INAUGURADA, BRILHANTE- MENTE, A TEMPORADA OFICIAL DE 1947

Em meio às expectativas gerais teve início no penúltimo domingo do mês a estação oficial de corridas do Jockey Club Brasileiro. A despeito do tempo ameaçador e do desfecho do Campeonato Brasileiro de Futebol a reunião alcançou apreciável êxito social e técnico, culminando com a espetacular vitória de Hamdam na prova básica do programa, o Clássico "Paul Mougé". O valoroso representante da coudelaria Buarque de Macedo disputou uma carreira admirável, demonstrando reais qualidades de verdadeiro "crack", entusiasmando a numerosa assistência presente ao magnífico Hipódromo da Gávea.

Foi com efeito, bastante promissor o início da grande temporada de 1947, que se anuncia tão interessante e cheia de atrativos. A presença do elemento feminino fez-se como sempre notar, desta vez pelo curioso contraste das toilettes que iam do mais leve vestido de verão aos elegantes costumes de inverno e às peles custosas. E' que o tempo, ora chuvoso e frio, ora firme e quente, foi interpretado da maneira mais variada possível pelas gentis filhas de Eva.

Ao final do "meeting", o senhor José Buarque de Macedo, proprietário de Hamdam, ofereceu uma "champagne" aos cronistas de turf em regosijo pela vitória do seu magnífico potro.



A direita: O herói da tarde turfista, o potro Hamdam, seguro pelo seu proprietário, após o esplêndido triunfo.

Nem se pergunta*



só uso Kolynos!

diz
Jane Greer

famosa estrela da RKO Radio Pictures, que aparece em "THEY WON'T BELIEVE ME"

Gosto de Kolynos porque toda mulher gosta de ser admirada. E porque um só centímetro deste creme dental concentrado — não é preciso mais — deixa os dentes limpos, o sorriso brilhante, o hálito perfumado, a boca toda deliciosamente fresca. As estrelas e os astros do cinema sabem que Kolynos... limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia.

K-407-PH

McCann

Ouvindo "Chopin" em Hollywood

(Continuação da pág. 26)

conseguiu a sua desmobilização do serviço militar, voltando para os Estados Unidos com os seus. O pequeno Cornel teve então oportunidade de cursar a Townsend Harris High School, de Nova York. Aos 16 anos de idade entrava para a Universidade de Columbia. Nesse mesmo ano, adoeceu o pai gravemente. O médico lhe recomendou o clima da Europa e assim foi que a família Wilde tornou a se transferir para a Hungria, tendo passado algum tempo também na França e na Checoslováquia. Durante os seis meses de permanência em Budapeste, o jovem Cornel, aproveitava o seu tempo estudando esgrima e arte dramática. Voltando aos Estados Unidos, em fins de 1931, teve de arranjar um emprego, afim de poder continuar os estudos. Durante dois meses foi vendedor de brinquedos no porão da famosa Macy's. Depois trabalhou como desenhista de anúncios numa agência de publicidade, tendo a seguir aceito o emprego de agente de publicidade de um jornal francês que se editava em Nova York o "Courrier des États Unis", ao mesmo tempo que estudava no City College. E não tardou a ganhar uma bolsa de estudos o que lhe deu oportunidade para frequentar o Physicians and Surgeons College, da Universidade de Columbia. Mas o seu interesse pela medicina começou a desaparecer à medida que se ia deixando empolgar pelo teatro. Assim foi que o jovem universitário se não deixou definitivamente a Universidade para se dedicar de corpo e alma à arte dramática. Foi por essa ocasião que Cornel Wilde entrou para o grupo teatral denominado Ivorytown Stock Company e iniciou a sua brilhante carreira artística.

Cornel Wilde presentemente é casado com a encantadora atriz Patricia Knight, contratada da Twentieth Century Fox. O casal é feliz e já possui uma filhinha de um ano e seis meses de idade. A menina se chama Wendy e é provável que algum dia venha a ser uma "esirela" da tela, seguindo assim os passos de seus pais pelos caminhos da arte.

Quando o famoso galã teve que voltar a enfrentar as "câmeras", afim de filmar algumas cenas de "Entre o amor e o pecado", foi obrigado a despedir-se dele e deixar o estúdio da Fox — mas saiu lá convicto de que Cornel Wilde, com o talento que já demonstrou até agora, conquistará muitos e novos triunfos.

O cão

(Continuação da pág. 29)

soleira da porta, esperando que o cão começasse a ulvar. Desceu então a encosta e penetrou no vale.

A voz do cão o guiou; cessou em pouco tempo e ele viu os dois olhos. Estavam completamente parados agora; no clarão vermelho da explosão ele viu o animal inteiro, em relevo. Viu-o no ato de saltar para o abrigo próximo da escuridão; ouviu o choque do seu corpo na queda. Mas não conseguiu localizá-lo. Procurou cuidadosamente, rastejando para a frente e para trás, parando para escutar. Mas tinha visto o tiro atingi-lo e atirá-lo para trás. Virou-se e andou cerca de cem jardas na escuridão de breu. Encontrou um lamaçal. Atirou nele a espingarda, ouvindo o mergulho e vendo a brecha aberta na superfície da água, logo coberta, até que morreu a última ondulação. Foi então para casa, para a cama.

Ele não pretendia dormir, embora soubesse que não ouviria mais o cachorro. "Está morto", disse para si próprio, estirado no catre, em plena escuridão. "Eu vi a bala derrubá-lo. Eu tinha certeza no tiro. O cão está morto". Mas ainda assim não dormiu. Não tinha necessidade de dormir; não se sentia cansado ou abatido àquela madrugada, embora soubesse que não era por causa do cão. Ele sabia que não mais ouviria o cachorro e aquilo nada tinha a ver com o mesmo. Por isso ele resolveu passar a noite acordado, do lado de fora, sentado numa ca-

deira, admirando os vagalumes e escutando as rãs e os mochos.

★

Ele chegou à loja de Varner. A tarde estava em meio; a varanda estaria deserta não fosse a presença do empregado, cujo nome era Snopes. — Estou à sua procura há dois ou três dias, — falou Snopes. — Vamos lá dentro.

Cotton entrou. A casa cheirava a queijo, a couro e a terra fresca. Snopes foi para trás do balcão e tirou de lá uma espingarda. Estava coberta de lama endurecida. — E' sua, não é? — falou Snopes. — Vernon Tull disse que era. Um pretinho, caçador, achou-a num atoleiro.

Cotton aproximou-se do balcão e examinou a arma. Não a tocou; apenas examinou-a. — Não é a minha, — disse ele.

— Ninguém por aqui tem nenhuma dessas velhas Hadley de calibre 10 senão você, — disse Snopes. — Tull diz que ela é sua.

— E' minha coisa nenhuma, — disse Cotton. — Eu tenho uma igual a esta. Mas a minha está em casa.

Snopes levantou a arma. Abriu a culatra. — Tinha um vazio e um carregado, — disse ele. — A quem você acha que ela pertence?

— Não sei, — disse Cotton. — A minha está em casa. — Ele tinha vindo para comprar alimentos. Comprou-os: bolachas, queijo e uma lata de sardinhas. Ainda não estava escuro quando chegou em casa; mesmo assim ele abriu a lata de sardinhas e comeu o seu jantar. Deitou-se sem nem ao menos despir o macacão. Era como se esperasse por alguma coisa; ficou vestido e pronto para ir imediatamente. Ele estava ainda esperando, fosse lá pelo que fosse, quando a janela se tornou cinzenta, depois amarela e depois azul; quando, emoldurado no quadro da janela, ele avistou contra o límpido céu um urubú planando, solitário. Quando nasceu o sol já eram três, depois sete.

Durante todo o dia ele os viu juntarem-se, girando e girando, caprichando nos seus concêntricos círculos negros; viu-os descendo, descendo, sempre girando, até que desapareciam sob as copas das árvores. Ele pensou que fosse o cachorro. "Por volta do meio-dia estará tudo acabado", disse ele. "Não era um cachorro grande".

Quando o sol ficou a pino eles ainda não tinham partido; havia até mais deles, os mais baixos descendo em espirais, mais e mais, até que sumiam no meio das árvores. Ele os observou até o pôr do sol, até que, um por um, todos se foram, batendo molemente as asas, lá do meio da mata. "Preciso comer", disse ele. "Com o trabalho que tenho a fazer esta noite". Foi para a lareira, ajoelhou-se e pegou um nó de pinho; e ele estava ajoelhado, preparando o fogo, quando ouviu o cão novamente; o brado profundo, sonoro, triste e inconfundível. Cozinhou o jantar e comeu.

Com o machado na mão desceu a colina, através do pobre trigo. Os uivos do cão poderiam guiá-lo, mas ele não precisava deles. Ainda não penetrara no vale e já sentia que o seu olfato o estava guiando. O cachorro continuava a ulvar. Ele não lhe deu atenção até que o bicho o farejou e se calou, como já fizera antes; entra vez ele viu os seus olhos. Não lhes deu atenção tampouco. Dirigiu-se ao tronco óco do cipreste e mergulhou nele o machado, que afundou até o cabo na madeira pódre. Enquanto trabalhava, alguma coisa voou silenciosa e selvagemmente da escuridão à sua retaguarda e com ele chocou-se, arranhando-lhe as carnes. Naquele instante soltara-se o machado; ele caiu com o machado na mão, sentindo no rosto o bafo quente do animal e ouvindo o estalo dos seus dentes pela pancada que lhe dera com a mão livre. O cão pulou de novo; desta vez ele viu-lhe os olhos. Estava já de joelhos, o machado erguido por ambas as mãos. Descarregou-o, atingindo coisa nenhuma, sentindo coisa nenhuma; humilhado tornou a vêr os olhos do cachorro. Avançou para eles; eles desapareceram. Esperou um momento, mas nada ouviu. Voltou para a árvore.

Ao primeiro golpe do machado o animal atacou novamente. Ele estava esperando isso; virou-se e desfechou o ma-

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

chado sobre os dois olhos, sentindo-o atingir qualquer coisa e voar das suas mãos. Ouviu o cachorro gemer e pôde ouvi-lo fugir, arrastando-se. De joelhos, tateando, procurou o machado até que o achou.

Começou a atacar a base do tronco, parando entre cada golpe para escutar. Mas nada escutava, nada via. No alto, as estrelas passavam vagarosamente; ele viu a que costumava olhar pela sua janela às duas horas. Continuou a bater resolutamente na base do tronco.

A madeira estava pôdre; o machado, a cada golpe, mergulhava até o cabo, como em areia ou lama; de repente Cotton verificou que o cheiro sentido não era imaginação. Largou o machado e começou a arrancar a madeira pôdre com as mãos. O cão estava ao lado dele, ganindo; ele não soube disso, nem mesmo quando o animal enfiou a cabeça na abertura, apertando-se contra as mãos dele, uivando.

— Cal fora, — disse ele, ainda inconsciente de que fosse o cachorro. Puxou o corpo, sentindo-o deslizar sobre os próprios ossos, como se fosse muito folgado para eles; ele virou o rosto, seus dentes brilharam, sua respiração forte e arquejante, contida. Sentiu o cachorro entre suas pernas, com a cabeça metida no orifício, uivando.

Quando finalmente o corpo desprenheu-se, Cotton caiu para trás. Ficou deitado no solo molhado, de costas, olhando para uma estreita facha do céu estrelado. "Nunca estive tão cansado", disse ele. O cão continuava a uivar, com uma despresível firmeza. — Quietos, — ordenou Cotton. — Caluda! Caluda! — O cão não se calou. "Daqui a pouco será dia", disse Cotton consigo mesmo. "Preciso me levantar".

Levantou-se e chutou o cachorro. O cachorro fugiu, mas quando ele se abalçou e pegou o corpo pelas pernas e começou a recuar, lá estava o cão outra vez, ganindo. Quando ele parava para descansar o cão uivava novamente; outra vez ele o chutava. Então começou a clarear, surgindo as árvores espectrais e enormes da miasmática escuridão. Ele podia ver o cão inteiramente. Estava magro, fino, com um grande talho sangrento cobrindo-lhe a cabeça. — Tenho que me livrar de você, — disse ele. Olhando para o cachorro, curvou-se e apanhou um pau. Estava pôdre, sujo de lama. Empunhou-o. Quando o cão levantou o focinho para uivar, ele bateu. O cachorro saltou; surgiu um longo corte, sangrando, do pescoço ao flanco. O cão atacou sem um gemido; ele bateu novamente. O cacetete pegou-o bem entre os olhos. Cotton agarrou o corpo pela sanca e procurou correr.

Já era quase dia. Quando ele acabou de atravessar a folhagem que cobria o barranco do rio, a água estava invisível; uma longa cortina do que parecia flocos de algodão, embora por trás dela ele pudesse ouvir a água em algum lugar. Ali havia frescor; as ondas de névoa agitavam-se como línguas lambendo. Ele curvou-se, ergueu o corpo e o arremessou para dentro do nevoeiro. No instante em que se desvanecia ele o viu — um disforme espreguiçar de três membros em vez de quatro, e ele soube por que tinha sido tão difícil tirá-lo do tronco. "Tenho que fazer nova caminhada", disse ele; ouviu então uma corrida desordenada atrás de si. Não chegou a ter tempo para virar-se; o cão se atirou sobre ele e o derrubou. E não parou. Deitado de costas, ele viu o animal no ar, como um pássaro, dissipar-se por entre a névoa com um único ganido curto e sufocado.

Ele se levantou e correu. Trepejava, equilibrava-se e corria novamente. Já estava completamente claro. Ele já podia ver o tronco e o buraco negro que abria na sua base, quando atrás de si ouviu o pisar leve e ligeiro do cachorro. Com

o choque ele desequilibrava-se e caiu e o viu passar sobre si, os olhos como duas pontas de charuto; e virou-se e atacou novamente, antes que ele pudesse levantar-se. Ele bateu-lhe no focinho com a mão nua e começou a correr. Chegaram juntos à árvore. O cão atacou ainda, arranhando-lhe os braços, quando ele mergulhou no buraco, em busca daquele membro que ele não soube que faltava ao corpo até que o atirou no nevoeiro, com o animal entre suas pernas. Ai o cão desapareceu. Então uma voz disse:

— Apanhamos ele. Você pode sair, Ernest.

★

A sede do condado ficava a quatorze milhas dali. Eles viajaram no escangalhado Ford. No banco traseiro sentavam-se Cotton e o Xerife, seus pulsos interiores unidos pelas algemas. Tinham que viajar ainda duas milhas antes de atingir a estrada principal. Estava quente, dez horas da manhã. — Você quer trocar de lugar, para não ficar no sol? — disse o Xerife.

— Eu estou bem, — disse Cotton.

As duas horas eles fizeram uma parada. Cotton e o Xerife sentaram-se sob uma árvore enquanto o chofer e o delegado cruzaram a campina e voltaram com um jarro de leite e alguns frios. Eles comeram, concertaram o pneu e prosseguiram.

Quando chegaram a três ou quatro milhas da cidade, começaram a cruzar com carroças e carros que regressavam de lá, pois era dia de feira, as juntas das carroças trotando para casa nas suas próprias e inevitáveis nuvens de poeira. O Xerife os cumprimentava com um único gesto do braço gordo. — Para casa, jantar, de qualquer maneira, — disse ele. — O que que há, Ernest? Passando mal? Aqui Joe; para um minuto.

— Eu ponho a cabeça para fora, — disse Cotton. — Não tem importância. — O carro seguiu. Cotton enfiou a cabeça para fora, pela escora superior da capota, em forma de V. O Xerife esticou o braço para dar-lhe mais liberdade. — Continue, — disse Cotton, — isto passa logo. — O carro continuou. Cotton escorregou um pouco mais para baixo, no assento. Movendo um pouco a cabeça ele pode ajustar a garganta no vértice do V de ferro,

com os lados ascendentes comprimindo por baixo os seus maxilares, até às orelhas. Mexeu-se de novo, até que sua cabeça ficou bem justa nas hastes de metal; projetou então as pernas por sobre a porta, tentando deixar o peso do corpo inteiramente no pescoço aprisionado. Ele pôde ouvir suas vértebras; sentiu uma espécie de raiva contra sua própria robustez; viu-se então lutando contra as algemas, contra quem o puxava.

Depois ele estava deitado ao lado da estrada, com água no rosto e na boca, ainda que não pudesse engulir-la. Ele não podia falar, tentando praguejar, praguejando sem voz. Então estava de novo no carro, na rua lisa onde crianças brincavam com roupas vistosas em grandes e sombreados pátios, onde homens e mulheres iam para casa jantar, para os pratos de comida e para as xicaras de café, no moroso crepúsculo de verão.

Levaram-lhe um médico à cela. Quando o médico saiu ele sentiu um cheiro de comida, em algum lugar — presunto, pão quente e café. Ele estava deitado numa maca; na parede, sobre a sua cabeça, estampavam-se as grades, por efeito do

Quina Petroleo ORIENTAL,
finamente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



MANECO E O SAMBA

Os jogos finais do campeonato brasileiro de futebol tiveram dois únicos méritos: o estabelecimento de um novo record em matéria de rendas e... Maneco. Da noite para o dia o pretinho humilde de Irajá conheceu os percalços da fama e foi fotografado de todos os ângulos, à porta de sua modesta casa suburbana, acariciando a bola francamente carioca, nas redações... deitando falação... Maneco, Maneco, Maneco! Oitenta mil vozes gritaram a plenos pulmões o seu nome. E o céu rebou por todos os cantos da cidade: MANECO! Se ele quisesse, com uma simples palavra seria capaz de conseguir aquilo que até hoje tem sido o maior pesadelo da Comissão de Preços: mercadorias para tabelar... Nós, porém, daqui deste cantinho, desejamos explorar um pouco o prestígio do novo sol. Como se sabe, Maneco é de Irajá, a famosa Irajá da não menos famosa marchinha da "mula manca". Sem dúvida, depois de muitas peladas domingueiras nos campos barrentos de Irajá, ele teria também frequentado muitos dos seus sambas enfezados. Concluímos, dessa forma, que Maneco deve ser do samba. Ora, como nós temos apelado, em vão, para que se promova em nosso país um movimento de salvação do samba e sabido que o Brasil é o único país do mundo onde a sua música popular é sobrepujada pelos ritmos de outras terras, queremos saber, Maneco, se você quer tomar o papel de líder do nosso movimento? A coisa é simples — convoque os rapazes da imprensa para uma entrevista coletiva e diga-lhes, apenas, isto: "Eu sou do samba!"

F. CORREIA DA SILVA.



"BOOGIE DO RATO"

(Do filme da Atlântida "Este Mundo é um Pandeiro")

De Denis Brean — criação de Joel e Gaúcho em disco Odeon

Está dando rato muito rato
É que rato que está dando
No meu Boogie
E que sopa para um gato
Eu não sabia
Que havia tanto rato
No meu samba mas agora
Ante o fato rato é fato.
(Que agradece e é muito grato
Bis (Se encontra um boogie Woogie
(Boogie Woogie como prato.

Veja, veja minha gente
Um rato pretender p fente
No processo de rcer
Deixa...
Todos esses ratos no meu samba
E não se importe com a muamba
Que isso é meio de viver
Se o nosso samba tem cadência
O Boogie Woogie tem influência
Pois os dois são irmãos da mesma cor
E o que interessa, ora essa
É que o povo se magrou
As duas coisas como sendo do amor
Por isso mesmo
Todo mundo quer dar rcer
O Boogie Woogie sem castigo
Pois é ritmo amigo
É tudo o mais só é conversa
E a resposta é: NEM TE LIGO!!!

APASIONADAMENTE

Canção-Bolero de Ivo Pelay e Francisco Canaro

Tiemblo al pensar que te puedo perder
y vuelvo a mi angustia de ayer
busco en tu amor lo que nunca encontré

y son tus caricias mi fé
En tu querer mi bien
hallaré el Edén
aquel que soné.

Apasionadamente
susurras en mi oído.
Apasionadamente
que tu carino es mío.
Apasionadamente
me besas y te beso
y encuentro en tu mirada
la risa iluminada
que nos da la dicha
y apasionadamente
nuestras almas dicen
su canción de amor.

Tú guardarás
Con ternura la fé
que ciega de amor te entregué.
Yo acudiré
presuroso hasta ti
las veces que clames por mí,
Te arrullaré
feliz
de volverte a ver
y te cantaré.

REFRAN

Apasionadamente
susurras en mi oído
etc. etc.

DONDE IRA'S ILUSION

Tango de Homero Manzi, Calulo Castillo e Alfredo Malerba.

I

Aunque te quieras enganar
y no pensar
en el pasado.
Aunque al final puedas gritar
que de mi amor te has olvidado.
Adentro de tu pecho
seré un recuerdo
siempre en acecho.
Y sin querer has de evocar
lo que está allá del más allá.

II

Donde irás ilusión.
Ilusión infeliz.
Ya en los campos nevó
y la tarde es más gris.
La emoción que se fué
puede un día volver.
Y de pronto en el tiempo
los recuerdos... ¡ay...!
serán remordimientos...!!

Donde irás ilusión...
donde irás a ocultar el amor...!

I

Es preferible recordar
el cielo aquel cordial y amig.
El viejo arado labrador,
la blanca flor,
el rubio trigo.
Donde un querer sincero
fué nido tibio
bajo el alero.
Donde el amor fué más amor.
Donde el dolor fué más dolor...!

II

Donde irás ilusión...
Ilusión infeliz...

Último raio de sol, cor de cobre, que penetrava pela estreita janela. Sua cela era vizinha da geral, onde ficavam os prisioneiros menores, aqueles que estavam presos por crimes pequenos ou apenas para terem três refeições por dia; a escada que vinha de baixo dava naquele compartimento. Estava ocupado por um grupo de negros da turma que trabalhava nas ruas, presos por vadiagem ou por venderem uísque ou qualquer outra coisa a dez ou quinze centavos. Um dos negros estava na janela que dava para a rua, gritando para alguém. Os outros conversavam entre si, com suas vozes ricas e sussurrantes, melodiosas e doces. Cotton levantou-se e foi para a porta da cela, segurou nas barras e ficou olhando para os negros.

— Eh! — disse ele. Sua voz não produziu qualquer som. Levou a mão à garganta; conseguiu um som áspero e gutural que fez os negros pararem de falar e olharem para ele com olhos arregalados. — até que ele começou a vir aos pedaços — Foi tudo muito bem, — disse Cotton, para cima de mim. Eu podia liquidar aquele cachorro. — Segurou a garganta, a voz era áspera, seca e gutural. — Mas ele começou a vir aos pedaços...

— Quem? — disse um dos negros. Eles cochicharam entre si, vigiando-o, com os olhos brancos na penumbra.

— Ia tudo muito bem, — disse Cotton, — mas ele começou a vir aos pedaços...

— Caluda, homem branco, — disse um dos negros. — Não venha com charadas para cima de nós.

— Ia tudo muito bem, — disse Cotton, sua voz áspera, um murmúrio. Então ela falhou completamente. Ele segurava as grades com uma das mãos, segurando a garganta com a outra, enquanto os negros o olhavam, perplexos, com os olhos brancos e sérios. Então, como se combinados, eles viraram-se e correram pela cela, para a escada; ele ouviu passos vagarosos e então sentiu cheiro de comida; agarrou-se às grades tentando ver a escada. "Será que vão dar comida a eles antes de dar a um branco?", interrogou, farejando o café e o presunto.

A vida de Emanuel Kant

(Continuação da página 16)

Ao terminar o manuscrito de sua primeira "Crítica", mandou-o a Marco Herz, seu colega metafísico, para que este lhe desse a sua opinião. Herz devolveu o manuscrito ao chegar à metade da leitura. "Se o terminar", explicou, "receio enlouquecer".

No entanto é possível, mesmo para o leitor leigo, encontrar aqui e ali um raio de luz nos labirintos escuros de sua especulação. Em primeiro lugar cumpre traduzir o título do livro para a linguagem cotidiana. A "crítica" da razão pura não quer dizer o "ataque" mas o "exame" da razão pura. E razão "pura" não significa razão "ética" mas sim "independente" — isto é, razão ou conhecimento que não depende dos nossos sentidos mas que reside em nosso intelecto.

Trazendo no espírito a interpretação, acima, do título, prossigamos. O nosso conhecimento, assevera Kant, não procede

CABELLOS BRANCOS

CASPA Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

todo dos nossos sentidos. Pois os nossos sentidos são apenas medidas imperfeitas da realidade. Não podem conceber nem um mundo finito nem um mundo infinito. Não podem visionar nem um tempo sem princípio e sem fim, por outra. O mundo real, por conseguinte, está além da nossa compreensão "sensória". Mas não está além da nossa compreensão "intelectual". Podemos "ver" o mundo com os nossos olhos "interiores". Podemos compreendê-los sem a ajuda da experiência. "A minha pergunta (portanto) é", escreve Kant "quê podemos esperar conseguir com o intelecto quando todo o material e todo o auxílio da experiência são postos de lado"? E responde a esta pergunta adiantando poderemos esperar empregar o nosso intelecto — isto é, a nossa razão — não apenas como receptor de impressões mas com o criador de idéias. Podemos — e fazemo-lo — subordinar os nossos sentidos ao nosso senso. "Os olhos sem o espírito são impotentes e cegos".

Preclamos tentar compreender o mundo real, portanto, "não através de nossas percepções mas através de nossas concepções", não através de nossas impressões mas através de nosso intelecto. Porque o nosso intelecto não é apenas um cientista que o observa mas um filósofo que classifica. A ciência e a filosofia são necessárias se quisermos familiarizar-nos com a verdade.

E aonde nos leva essa verdade? A convicção de que o mundo como ele é, ou a coisa em si mesma, é completamente diferente do mundo como ele parece, ou o fenômeno. "A maior contribuição de Kant à filosofia", disse Schopenhauer, "foi a distinção que estabeleceu entre o mundo real e o mundo fenomenal". As noções que temos a respeito do homem e da natureza, da vida e da morte — são apenas percepções dos nossos sentidos mas não concepções do nosso espírito. "Permanece completamente desconhecido para nós o que estes objetos podem ser por si mesmos e apartados da receptividade dos nossos sentidos". O mesmo é verdadeiro quanto às nossas noções acerca do livre arbítrio, da alma e de Deus. Não podemos, em virtude da limitação de nossos sentidos, provar-lhes a existência. Não nos assiste, consequentemente, nenhum direito de sermos positivos a respeito de coisa alguma. Há mister por de parte todos os dogmas.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

E' interessante notar quão positivo pode ser este filósofo em sua enunciação do ponto de vista positivo. Kant acredita profundamente no testamento racional da descrença. Mata o dogma com espada dogmática.

★

Tendo destruído Deus em seu espírito, dispõe-se então, Kant, a criá-lo em seu coração. Em "A Crítica da Razão Prática" executou este ato de criação, como o aponta, meio humorística e meio seriamente, Heine, em benefício de seu velho criado Lampe. "Até então", escreve Heine, "aparecia-lhe Emanuel Kant como sinistro e inexorável iconoclasta. Tomara de assalto o céu, e passara à espada toda a guarnição; o dirigente do mundo nada-va sem sentidos no próprio sangue; já não havia misericórdia ou bondade paternal ou recompensa futura pelas privações presentes; arquejava a imortalidade da alma nas vascas da agonia — a morte estertorava e gemia! E o velho Lampe ficava-se ao lado, com o guarda-chuva debaixo do braço, com o espectador pesado, o suor da angústia e as lágrimas a correr-lhe pelo rosto. Comoveu-se Emanuel Kant e mostrou-se não só grande filósofo mas um homem bom. "O velho Lampe!" ponderou, "precisa ter um Deus, ou então o pobre homem não poderá ser feliz; e as pessoas devem ser felizes neste mundo. O bom senso prático exige-o. Muito bem, façamos com que a razão prática o garanta".

"E em consequência desse argumento, distingue Kant a razão teórica da razão prática e, com a última, como se fora uma varinha mágica, ressuscita o cadáver do deísmo, que a razão teórica assassinara".

"A Crítica da Razão Prática" é, portanto, a refutação de "A Crítica da Razão Pura". Neste último livro declara Kant que, se não podeis basear a religião sobre a ciência, podeis estribá-la na moral. Aceitai uma crença em Deus porque tendes necessidade de tal crença. As vossas necessidades práticas são mais importantes que as vossas especulações teóricas. Afinal de contas, se há uma realidade absoluta neste mundo é a realidade de nosso senso moral, de nossa obrigação ética. Essa obrigação ética — à qual chama Kant "o imperativo categórico" — conduz a nossa consciência a uma distinção definida entre o certo e o errado. E a nossa consciência não é questão de ciência mas de intuição; não é questão de razão pura mas de razão prática. E a razão prática, na filosofia de Kant, está estreitamente ligada, se não for realmente idêntica, ao sentimento.

Revela-nos o sentimento, primeiro a existência de Deus como gula de nossa consciência, o "ponto" de nosso dever, o organizador de nossa vida individual e social. Segundo, prova-nos a existência do livre arbítrio. Pois se não tivéssemos livre arbítrio não poderíamos ter concepção alguma de nenhuma obrigação moral. Não podemos sentir-nos obrigados a fazer o que não somos capazes de fazer. Terceiro, demonstra-nos a existência de uma vida após a morte. Porque seguimos os ditames de nossa consciência mesmo quando compreendemos que não receberemos recompensa alguma por tal conduta neste mundo. Agimos de acordo com o princípio instintivo de que a bondade é a sua própria razão de ser. Por quê? Porque sentimos, e portanto sabemos, que o drama de nossa vida presente é apenas um ato incompleto de um drama maior e que o enredo, por mais incongruente que possa parecer neste mundo, chegará a um desfecho lógico e satisfatório no mundo seguinte. Tennyson exprimiu muito bem essa idéia em seu poema filosófico. "Im Memoriam". Baseando-se, como Kant, mais sobre a razão "prática" que sobre a razão "pura", assegura-nos

Que nada caminha com passos sem rumo:
Que nenhuma vida será destruída.

Ou tirada como refugio no vácuo,
Quando Deus completar o edificio.

Deus, a vontade livre e a alma imortal — são estes os fatos do mundo real do coração em oposição às fantasias do imaginário mundo do espírito.

★

No primeiro livro de sua trilogia filosófica negou, Kant, a Deus. No segundo livro afirmou Deus. E no terceiro livro, "A Crítica do Juízo", encontra Deus. E onde o encontra? No belo plano da Natureza — plano baseado sobre "o modelo estabelecido nos céus". Atrás da beleza há sempre um propósito. A obra de arte pressupõe o artista. Quando o homem experimenta o belo sente dentro de si mesmo uma força infinita que corresponde a uma força infinita fora de si mesmo. As coisas semelhantes se atraem. Deus falou ao Homem, e o Homem responde, "Compreendo". O gênio — o pintor, o escultor, o músico, o poeta — vive durante a maior parte de sua vida em presença dessa visão. Mas também o leigo tem os seus momentos de sublime introspecção. E nesses momentos reconhece a presença de Deus nos dois grandes mistérios do mundo — "o céu estrelado sobre si e a lei moral em si".

E no entanto — e aqui se aparta Kant de sua "sublime introspecção" e permite de novo ao cientista, sobrepujar o vidente — há fealdade no mundo, como há beleza; destruição como criação, o errado como certo. A natureza é irrequieta e pródiga na elaboração de seu plano. Tantas sementes perdidas para produzir uma simples flor, tantos sofrimentos inúteis para modelar uma só vida. A beleza do mundo, portanto, embora aponte definitivamente na direção de uma benigna Providência, não deve ser considerada como prova absoluta de benignidade, ou mesmo de existência, da Providência. E assim termina Kant exatamente onde começou: o Homem precisa tentar solver o enigma de Deus, mas Deus é um enigma que não pode ser solvido. Mais uma vez empresta Tennyson expressão poética a esse pensamento cantista:

Observemos que não sabemos nada;
Posso apenas confiar que o bem cairá.
Por fim — muito longe — por fim, para todos,
E cada inverno se transformará em primavera.

Assim correm os meus sonhos; Mas que sou eu?

Uma criança gritando na noite;
Uma criança gritando por luz;
E sem outra linguagem senão um grito.

★

Tal, em brevíssimo bosquejo, é a substância do sistema filosófico de Kant — sistema que provocou verdadeira revolução nos círculos filosóficos e teológicos da época. Os célicos consideravam Kant como um tolo idealistazinho, e os idealistas consideravam-no como um velho célico rabujento. Quanto aos clérigos, alguns chamavam Emanuel Kant de cachorro, e outros chamavam aos seus cachorros, Emanuel Kant. Mas Kant — que já alcançara a casa dos setenta — bebia serenamente o seu café, dava o seu passado diário e encarava frente a frente a tempestade, sem vacilar. O ministro da Educação, fanático pietista chamado Wöllner, proibiu a subsequente publicação da obra de Kant, na Prússia. Em vista disso, o filósofo, sem perturbar-se, enviou o seu último livro, um ensaio sobre religião, para Iena, cidade que se achava fora da jurisdição do rei prussiano, afim de lá ser publicado.

Sentiu-se, o rei, ultrajado ante a temeridade do professorzinho corcunda. "A nossa elevada pessoa", escreveu a Kant, "desgostou-se grandemente ao observar a maneira, pela qual, o senhor utiliza a sua filosofia para solapar muitas das mais importantes doutrinas das Sagradas Escrituras... Se continuar a fazer isso, poderá esperar desagradáveis consequências". Kant, que já dissera a sua última palavra em teologia, replicou cal-

(Continua na pág. 58)



Aos srs. distribuidores e assinantes
desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino
Rua Cap. Salomão, 67
Telefone: 4-1569

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

→ N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

MARCEL PAGNOL

(Continuação da pág. 18)

Assim sonhava Pagnol vendo desfilar as imagens fantásticas, menos emocionado talvez do que via ouvia do que pela sua meditação, o ansioso já por ir contar aos amigos a sua descoberta maravilhosa e as idéias que lhe ocorreram.

Qual não foi o seu espanto quando viu levantar-se uma reprovção veemente e geral. Seu entusiasmo não encontrava senão espíritos sem intuição, gente de teatro agarrada a hábitos ancestrais, produtores de cinema mudo que se sentiam diretamente ameaçados, jornalistas facciosos, e até o seu caro Raimu, o futuro herói do "sonoro", que lhe disse nesse dia, após ter olhado por muito tempo num silêncio consternado: "Marcel, tu raciocinas como uma criança. És muito forte para escrever peças, mas és um pouco louco. Teu truc de fotografias que falam é certamente interessante, mas será, quando muito, uma explêndida atração para o Luna Park".

Sem se deixar desanimar, tomou a decisão de fazer uma aprendizagem nos estúdios da Paramount. Viveu meses e meses no mistério dos laboratórios, à noite nas câmaras de revelação, conversando com operadores de tomadas de visitas, engenheiros de som, "metteurs-en-scène", iniciando-se em pouco tempo nos segredos dum arte e dum indústria que todos que dela beneficiavam envolviam de trevas. E ali aprendeu muita coisa, e, a primeira de todas, é que ninguém parecia duvidar que, num filme sonoro, a questão essencial, capital, eram a peça e o diálogo. Para substituir o autor, escolhia-se um bom "metteur-en-scène" que tinha a peça em pedaços, fazia-se um monstro irreconhecível; e para escrever o diálogo tinha-se o "bureau des scénarios", equipe de escritores desafortunados, romancistas sem leitores e autores dramáticos que só tinham conhecido fiasco!

Após dois anos de experiência, resolve então produzir ele mesmo os filmes de sua imaginação. Ele era, simultaneamente, o financista, o cenarista, o chefe de laboratório, o empresário de publicidade, alugador das salas em Paris e na província e, acima de tudo, o criador desses filmes encantadores: "Fanny", "César", a "Femme du boulanger", "Merlusse", etc. Durante esses dez anos de vida balzaquiana demonstra, pelo exemplo, que era do interesse dos dramaturgos franceses não considerarem o cinema sonoro como um sucedâneo do teatro, bom para ganhar algum dinheiro quando o sucesso de uma peça era explorado em cena, mas que deviam arrojadamente domar e dirigir o monstro que, de outro modo, os devoraria.

Quer isto dizer que uma luta de morte está travada entre o cinema e o teatro, tal como sempre se praticou? Não duvido que os autores dramáticos tenham, sua disposição, no cinema sonoro, um instrumento incomparável, mas creio também que haverá sempre um teatro interior, psicológico, literário se quiserdes (ainda que eu não goste desta palavra), que não convém ao cinema. Vê-se, por exemplo, no écran uma peça de Racine ou de Marivaux? Creio também que há na presença do ator vivo em cena qualquer coisa que a imagem não substitui nunca, mesmo se essa imagem é mais perfeita do que ele próprio. A imagem de Sarah Bernhardt em "Phèdre", ou de Monnet-Sully em "Oedipe", não seria nem Sarah nem Monnet. Uma espécie de luta está travada entre a presença real e a sua representação. Nessa luta, não acho que a imagem ou a presença seja vencedora de uma forma absoluta. Nenhuma arte pode nem deve morrer. Cabe aos futuros dramaturgos verificar que forma convirá melhor ao seu assunto e ao seu talento.

UM LADRÃO

(Continuação da pág. 22)

chucou as notas na algibeira da calça. Bem, contaria depois a grana, quando estivesse calmo. Abandonaria o morro e iria viver num subúrbio distante, onde ninguém o conhecesse, largaria aquela profissão, para que não tinha jeito. Não diria nada a Gaúcho, evitaria indivíduos assim comprometedores. Ia endireitar, criar vergonha, virar pessoa decente, arranjar um negócio qualquer longe de Gaúcho. Sim senhor. Apalpou o rolo de notas através do pano, meteu o botão na casa da algibeira. Criar vergonha, sim senhor, o que tinha ali dava para criar vergonha.

Olhou a cama, julgou a princípio que estava lá uma criança, mas viu um selo e estremeceu. Voltou-se, não devia arriscar-se à toa. Deu uns passos em direção à porta, deteve-se, curvou-se, observou a moça. Achou nela traços da menina de olhos verdes. O coração bateu-lhe de mais no peito magro, pareceu querer sair pela boca.

— Estupidez.

Aprumou-se e desviou a cara. Estupidez. Tentou pensar em coisas corriqueiras, encheu os pulmões, contou até dez. A tatuagem da perna de Gaúcho era medonha, uma tatuagem indecente; àquela hora o café da esquina devia estar fechado. Tornou a contar até dez, esvaziando os pulmões. Um acesso de tosse interrompeu-lhe o exercício.

Retirou-se precipitado, fazendo esforço enorme para se conservar em silêncio. Faltou-lhe o ar, as lágrimas saltaram-lhe, as veias do pescoço endureceram como cordas esticadas. Atravessou o corredor desembastadamente, desceu a escada, meio doido, sacudindo-se desengonçado, a mão na boca. Sentou-se no último degrau e esteve minutos agitado por pequenas contrações, um som abafado morrendo-lhe na garganta, asmático e penoso, resfolegar de cachorro novo. Pôs-se a arquejar baixinho, extenuado, procurando livrar-se de um pigarro teimoso que lhe arranhava a goela. Enxugou um fio de baba, pouco a pouco se recompôs. Certamente as pessoas do andar de cima tinham despertado quando ele fugira correndo.

Virou a cabeça, puxou a orelha, agoniado. Tinha a ilusão de perceber o trabalho das traças que roíam pano lá em cima, nos armários.

Devia ter trazido alguma roupa para vender ao intruso.

Um galo cantou perto, um apito na rua deu-lhe suores frios. Depois tudo sossegou, avultaram no silêncio rumores indeterminados: provavelmente pés de baratas se moviam na parede.

Ergueu-se, com fome, libertou-se de terrores, procurou orientar-se. As côcegas na garganta desapareceram. Tollece prestar atenção à marcha das baratas na parede e ao apito do guarda na rua. Nada daquilo era com ele, estava livre de perigo. Livre de perigo. Se a tosse voltasse, abafá-la-lhe mordendo a manga. Temperou a garganta, baixinho. Tranquilo. Tranquilo e com fome. Voltou-se para um lado e para outro, hesitou entre a saleta e a copa. O pigarro sumiu-se completamente, a boca encheu-se de saliva. Aguçou ainda o ouvido: nem apito nem canto de galo, as pernas das baratas se tinham imobilizado. Desejava entrar na copa, comer um bocado. Agora que a sufocação e a secura da boca haviam desaparecido, bem que precisava mastigar qualquer coisa.

Apertou o botão da lampada, a luz fraca lambou a cristaleira, subiu a mesa, dividiu-a pelo meio. Descansou a lampada na toalha. Bambeando, amolecido, retirou da algibeira as notas machucadas, tentou novamente contá-las, aproximando-as muito do pequeno foco elétrico. Recomeçou a contagem várias vezes, afinal julgou acertar, convenceu-se de que havia ali dinheiro suficiente para um botequim no subúrbio. Alisou as cédulas, dobrou-as, guardou-as, abotoou-se. Um capital. Sentia frio e fome. O guarda devia estar cochilando lá em baixo, à esquina do café. Levantou a gola. Um capital. Estabelecer-se-ia com um café no subúrbio, longe de Gaúcho e daqueles perigos. Café modesto, com rádio, os fregueses, pessoas de ordem, discutindo futebol. Tinha jeito para isso. Ouviria as conversas sem tomar partido, não descontentaria ninguém e fiscalizaria os empregados rigorosamente. Um patrão, sim senhor, fiscalizaria os empregados rigorosamente. E Gaúcho nem o reconheceria se o visse, gordo, sério, bulindo na caixa registradora. Naturalmente. Apalpou a carteira, sentiu-se forte. Bem. Contanto que não fossem fuxicar política no café. Esportes, coisas inofensivas, perfeitamente; mas cochichos, papéis escondidos, isso não. Tudo na lei, nada de complicações com a polícia.

Aprumou-se, esqueceu o lugar onde estava. Uma dorzinha fina picou-lhe o estômago. Tomou a lampada, encaminhou-se à copa, firme como um proprietário. O medo se havia sumido. Para bem dizer, era quase um dono do botequim no subúrbio.

De repente assaltou-lhe um desejo besta de rir, riu baixo, tomando engasgar-se e tossir de novo. Sacolejou-se muito tempo, e a sombra dele dançava na luz que se espalhava no soalho. Tinha chegado fazendo tolces, nem acertava com as portas, um doido. Largara-se pela escada abaixo, aos saltos. E ninguém acordara, parecia que os moradores da casa estavam mortos. Então para que todos os cuidados, todas as precauções? Gaúcho fazia trabalho direito, tirava anéis das pessoas adormecidas, com agulhas. Homem de merecimento. E, apesar de tudo, mais de vinte entradas na casa de detenção, viagens à colônia correccional, fugas arriscadas. Inútil a ciência de Gaúcho. Quando Deus quer, as pessoas não acordam.

Onde estaria o queijo que na ante-véspera se achava em cima da geladeira? Procurou-o debalde. Entrou na

sozinha, moveu nas esgarias, encontrou pedaços de carne, que devorou quase sem mastigar. Lambou os dedos sujos de gordura, abriu devagarinho a torneira da pia, lavou as mãos, enxugou-as ao paletó. Respirou, consolado. A tortura desapareceu.

Recordou os disparates que praticara. Santa Maria! Desastrado. Se falasse a Gaúcho com franqueza, ouviria um sermão. Mas nãoalaria, não queria mais relações com Gaúcho, ia abrir um café no arrabalde.

Voltou à sala de jantar e apagou a lampada. Aquela gente lá em cima tinha um sono de pedra.

Velo-lhe a idéia extravagante de subir de novo a escada e tornar a descê-la, convencer-se de que não era tão desazado como parecia. E lembrou-se da menina dos olhos verdes, que lhe surgiu na memória com um selo descoberto. Absurdo. Quem estava com o selo à mostra era a moça que dormia no andar de cima. Como seriam os olhos dela?

Duas pancadas encheram a casa. E um tique-taque de relógio começou a aperreá-lo. Pouco antes havia silêncio, mas agora o tique-taque martelava-lhe o interior.

Dirigiu-se à saleta, voltou com a tentação de entrar nos quartos, trazer de lá alguns objetos para vender ao intruso. Parecia-lhe que, recomeçando o trabalho em conformidade com as regras ensinadas por Gaúcho, de alguma forma se reabilitaria. O maço de notas, adquirido facilmente, nem lhe dava prazer.

Pisou a escada e estremeceu. As razões que o impeliavam sumiram-se, ficou o peito descoberto.

Esforçou-se por imaginar o botequim de arrabalde. Inútilmente. Subiu, parou à entrada do corredor.

— Que doidice!

Foi até a porta do quarto iluminado, empurrou-a, certificou-se de que a mulher continuava a dormir.

E daí em diante, até o desfecho medonho, não soube o que fez. No dia seguinte, já perdido, lembrou-se de ter ficado muito tempo junto à cama, contemplando a moça, mas achou difícil ter praticado a maluqueira que o desgraçou. Como se tinha dado aquilo? Nem sabia. A princípio foi um deslumbramento, a casa girando, a cama girando, ele também girando em torno da mulher, transformado em mosca. Girando, aproximando-se e afastando-se, mosca. E a necessidade de pousar, de se livrar dos giros vertiginosos. A figura de Gaúcho esboçou-se e logo se dissipou, os óculos do homem da loja e os vidros da casa fronteira confundiram-se um instante e esmoreceram. Novas pancadas de relógio, novos apitos e cantos de galos, chegaram-lhe aos ouvidos, mas deixaram-no indiferente, voando. E aconteceu o desastre. Uma loucura, a maior das loucuras: baixou-se e espremeu um beijo na boca da moça.

O resto se narra nos papéis da polícia, mas ele, zozno, moído, só conseguiu dar informações incompletas e contraditórias. E' em vão que o interrogam o machucam. Sabe que ouviu um grito de terror e barulho nos outros quartos. Lembra-se de ter atravessado o corredor e pisado o primeiro degrau da escada. Acordou aí, mas adormeceu de novo, na queda que o lançou no andar térreo. Teve um sonho rápido na viagem: viu cubículos sujos povoados de percevejos, esteiras no chão úmido, caras horríveis, levas de infelizes transportando vigas pesadas na colônia correccional. Insultavam-no, choviam-lhe pancadas nas costas cobertas de pano lustrado. Mas os insultos apagam-se, as pancadas findaram. E houve um longo silêncio.

Despertou agarrado por muitas mãos. De uma brecha aberta na testa corria sangue, que lhe molhava os olhos, tingia de vermelho as coisas e as pessoas. Um velho empacotado em cobertores gesticulava no meio da escada, seguro ao corrimão. Um grito de mulher vinha lá de cima, provavelmente a continuação do mesmo grito que lhe tinha estragado a vida.

O ESTRANHO DISFARCE

(Continuação da pág. 48)

— Já? Falou o médico.

— Sim. Que acha? Se todos estão com ciúmes... E' bom, nesse caso, ter que ir embora. A própria madame X está furiosa e se não fosse o tumor na perna, creio que já se tinha levantado para me dar uma vastíssima surra.

— Como sabe? Melo sorridente falou o Dr.

— Como? As paredes têm boca e ouvidos e além de tudo são brancas como as enfermeiras...

Ficaram por um momento sorrindo, até que o Dr. vestiu o paletó e saiu com a Rita. Iria levá-la de automóvel. O carro sumiu vertiginosamente na primeira esquina, enquanto um alvoroço de admiração enchia o ambiente do hospital.

Uma doida alegria invadia a comprida avenida. Ti-veram até que parar para deixar passar alguns animados carnavalescos. Antes de passarem pelo túnel, Rita lembrou ao Dr. Marçal, numa filosofia toda sua, a imagem

SOFRE DO FIGADO?

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA

GABRIEL PAGNOL
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 83 — 2.ª Loja

A CAMARA MUNICIPAL...

(Continuação da pág. 11)

feito, no sentido de que seja mudada aquela denominação, em honra de um morto, que não tem parentes no poder. O prefeito poderá, inclusive, arquivar a indicação da Câmara Municipal, se assim o entender. Contudo, há duas razões essenciais para que o senhor Hildebrando de Góes não o faça: Essas razões são estas. Em primeiro lugar, não lhe convém hostilizar a maioria absoluta da Câmara Municipal, para se colocar ao lado da minoria petebista e de dois ou três desgarrados elementos do P. R., que se manifestaram contra a troca de nomes. Tanto mais que o nome do senhor Getúlio Vargas já existe numa praça, num hospital e numa fundação... Em segundo lugar, sendo o prefeito bahiano, o povo da Bahia nunca lhe perdoaria deixar passar a oportunidade de dar o nome de uma das maiores glórias do Estado à mais importante artéria da capital federal. Tanto mais que a iniciativa não partira dele próprio, mas do povo carioca, através dos seus legítimos representantes...

INUNDAÇÕES, MEDICAMENTOS, ÁGUA, HOSPITAIS, ETC.

Passados os primeiros embates de natureza quase exclusivamente política, os vereadores cariocas estão voltando

suas vistas para os verdadeiros problemas da cidade: a crise de leitos nos hospitais, a assistência às vítimas das inundações, os medicamentos falsificados, o abastecimento de água, o programa urbanístico, etc. Há uma infinidade de outros problemas cuja solução deve ser encaminhada. O problema das "favelas" e das casas populares é um deles. O dos teatros é outro, — sendo necessário, antes de mais nada, democratizar o Municipal, que é subvencionado para uso e gozo exclusivo da gente rica. O das escolas é também urgente, pois desde o governo de Pedro Ernesto tudo se tem feito no Rio menos escolas. A Câmara Municipal pode sugerir, indicar, autorizar o prefeito a fazer muitas coisas úteis. Manda a verdade que se diga que o nosso último prefeito tem sido exemplar, procurando servir ao povo e aos interesses da cidade. No curto lapso de tempo em que acha à frente da Prefeitura já fez muito. E muito poderá fazer, ainda, se houver boa harmonia entre os dois poderes — o executivo, personificado pelo senhor Hildebrando de Góes, e o legislativo, encarnado pela Câmara Municipal. O povo do Rio já tem voz. E tem, também, um prefeito cheio de boas intenções. Isso é já alguma coisa, depois de tantos anos de despotismo e de descaso.



Por um lapso ocorrido em nossas oficinas, a fotografia acima deixou de sair com a respectiva legenda em nosso último número. A foto mostra a diretora Gerusa Camões, do Teatro Universitário, ajudando duas bailarinas do Teatro Municipal, — que, embora sem pertencerem àquele elenco, cooperaram na apresentação da peça "Gonzaga", de Castro Alves, — a se vestirem para a cena do minuetto.

da vida, quando ele lhe quis contar que não era feliz, que era só, e que era triste.

— Olhe, a vida é como uma grande estrada, cheia de túneis. Cada pedaço mau, é um túnel, pequeno ou grande. Agora estamos no túnel do Rio Comprido. Esse é como os pedaços maus da vida. Apertado e escuro. Há outros porém, bem mais apertados, compridos e escuros. Quando se sai do túnel e vê-se de novo o sol e o azul do céu, vive-se outra vez as palpitações de vida que a natureza oferece aos homens. Saia um pouco do seu túnel e viva um pouco mais.

O Dr. pensou, pensou, mas não disse. Pensou que Rita era feliz como toda a gente fútil e descuidada, que só pensa em si. Mas ele, o Dr. Marçal, cheio de responsabilidades e de trabalho, como poderia ser como Rita? Resolveu não responder, preferindo ficar no ar como um inseto perdido. Estavam em frente à casa de Rita e ela ao saltar, lhe fez um pedido. Gostaria de ir ao baile à fantasia com ele. Quis esquivar-se a princípio, mas finalmente foi vencido. Prometeu ir ao clube no primeiro dia de Momo. Iriam fantasiados e de máscara, para que assim, um descobrisse o outro. E já quando o carro ia dando a volta para deixar Rita, ela ainda acenando gritou de longe:

— Não esqueça que serão distribuídos prêmios. Arranje uma fantasia bem linda...

— Está bem. Não esquecerei.

A operação fora difícil naquele dia. O Dr. estava exausto e olhava de vez em quando a lua que se postara em frente à janela, como para descansar um pouco. Lá fora os bondes passavam cheios e as vozes dos foliões vinham até os seus ouvidos, cantando loucamente:

"Nunca houve mulher igual a Gilda,
Ó Gilda, meu bem, não me faça esperar..."

Três horas ali, entre o suor e a luta com a morte, até que fora vencido. O paciente inerte, a sua mente cheia do perfume de flôr de pessegueiro que a Rita usava, o cabelo dela, os olhos dela, o baile, a fantasia, a morte ali como um desacato, enfim... Estava cheio de alucinações. As idéias se misturavam sempre impregnadas de Rita, no extremo daquele cansaço e só sentiu que estava no seu próprio corpo, quando se encontrou ainda vestido de operador, de máscara, avental e casquete, todo borrifado de sangue, no meio de um grupo enorme de avaias, odaliscas, piratas, etc., no clube onde devia estar também, mascarada, a Rita fútil que o puzera assim. E antes que uma idéia clara e definida se desenhasse na sua cabeça quente e dorida, sentiu que lhe puchavam pelo braço e lhe gritavam ao ouvido desesperadamente:

— Ei-lo! O vencedor! A fantasia mais singular da noite!

E lá estava o Dr. Marçal, em pé no palco, rodeado de serpentinhas e de confetis vermelhos se misturando aos pingos vermelhos de sangue, esquecido e mudo, feito espantalho, feito assombração.

Enquanto isso a algazarra continuava em desatino na loucura carnavalesca:

— Ao folião vestido de operador, foi conferido o primeiro prêmio: Uma caixinha de música com a canção — Amado Mio — do filme GILDA.



Atração irresistível...

com o loção e brilhantino

narciso verde

a toque de elegância para
o cavalheiro de fina personalidade



PERFUMARIA CHIMENE
SÃO PAULO

TIRAGENS COMPROVADAS DOS PRINCIPAIS JORNAIS DO RIO, PORTO ALEGRE CURITIBA, FORTALEZA ANUÁRIO DE PUBLICIDADE

Está agora ao alcance do anunciante, das agências, dos técnicos de propaganda e dos negociantes em geral esta "pequena enciclopédia de publicidade" enfocando, entre outras informações:

* **TIRAGEM COMPROVADA** das seguintes jornais: O Globo, A Noite, o Diário da Noite, a Folha Carioca, o Diário de Notícias, O Jornal, A Manhã (R.), o Correio do Povo, Folha da Tarde (Porto Alegre), O Povo (Fortaleza) e outros importantes órgãos da imprensa.

* **INFORMAÇÕES TÉCNICAS** sobre todos os principais diários do Brasil, tamanho das páginas, alura, largura e número de colunas, preço de centímetro em página indeterminada para 1947, comissões de agência, endereço, representantes no Rio e em São Paulo.

* **HÁBITOS E PREFERÊNCIAS** DOS LEITORES DE JORNAIS do Rio de Janeiro, os jornais mais lidos, as seções e os assuntos de preferência do leitor, os jornalistas mais lidos, os anúncios de que os leitores se lembram mais.

* **LISTA DAS AGÊNCIAS** DA PROPAGANDA DO BRASIL, seus clientes e produtos e estimativa das verbas de alguns clientes para 1947.

* **LISTA DAS AGÊNCIAS** DE PROPAGANDA DA AMÉRICA DO NORTE, com endereços completos.

* **LISTA DAS AGÊNCIAS** DE PROPAGANDA DA INGLATERRA, com endereços completos.

* **ESTUDO DAS MELHORES** CAMPANHAS DE PROPAGANDA DE 1946, sob os pontos de vista de concepção, redação, arte, técnica publicitária, promoção de vendas.

* **NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO** sobre propaganda e negócios nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Tchecoslováquia e em outros países.

PREÇO DO EXEMPLAR CR\$ 50,00

À venda exclusivamente na redação da revista PUBLICIDADE & NEGÓCIOS — Av. Venezuela, 27 - 6.º andar - ou pelo reembolso postal, usando o cupom abaixo:

À revista PUBLICIDADE & NEGÓCIOS C. Postal 3748 - Rio. Queira enviar-me pelo reembolso postal, pelo preço de CR\$ 50,00 e mais CR\$ 2,00 de porte, um exemplar do ANUÁRIO DE PUBLICIDADE.

Nome
Endereço
Cidade
Estado

Vaga Publicidade

A Beleza e Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

O CASAMENTO DE CARMEN MIRANDA

Hollywood, 16 de maio de 1947

Carmen Miranda e o produtor David Sebastian acabam de contrair matrimônio numa cerimônia de surpresa, na Igreja do Bom Pastor, em Beverly Hills. Ainda que os rumores do casamento de Carmen fossem bastante fortes na cidade do cinema, ninguém suspeitava que o enlace se realizasse hoje. Carmen me afirmou que queria um casamento modesto, em família "sem espalhafatos". Estas coisas não são para publicidade", continuou a "Senhora David Sebastian", que

afirmou aos poucos reporteres americanos que suspeitaram do evento através de informações dos vizinhos, que está "verree verree happy"... Pude comparecer à cerimônia e presenciar a nervosidade do senhor David, que não achava o anel nos inúmeros bolsos do seu casaco. Carmen sorria divertida. Aurora Miranda Richaid, foi a madrinha e o irmão do noivo, M. E. Sebastian foi o padrinho. A Capela do Bom Pastor, em poucos minutos, estava quase repleta de curiosos e amigos, avisados por conhecidos à última hora, como eu, que tive que fazer o trajeto de minha residência em Hollywood à Capela em Beverly Hill em cinco minutos... Felizmente Carmen chegou 45 minutos atrasada, salvando a situação para os retardatários...

Pouquíssimos fotografos chegaram à Igreja em tempo de baterem algumas chapas. O "romance" entre Carmen e o produtor Sebastian foi resumido por Carmen nas seguintes palavras, quando lhe perguntei indiscretamente sobre esse assunto: "Foi amor à primeira vista, Serrano, isto acontece também fora da tela, você sabe..." E como eu insistisse, ela prometeu: "Olhe, vou partir para San Francisco no avião das 9. Quando eu voltar daqui a uma semana lhe darei uma entrevista monstro, O. K.?" E aqui fica a promessa.



Carmen Miranda e seu marido, David Sebastian, dando o primeiro beijo conjugal, na Igreja do Bom Pastor, em Beverly Hills.

A vida de Emanuel Kant

(Continuação da pág. 55)

mamente ao rei, que não expressaria em público ulteriores opiniões religiosas.

Mas, continuou a expressar opiniões "políticas" em público. Saudou a Revolução Francesa com lágrimas de alegria.

"Agora afinal", exclamou, "posso dizer com Simeon — "Senhor, permite que se vá embora, em paz, o Teu Servo, porque meus olhos viram a Tua Salvação".

Acreditava — até que ponto um homem, mesmo um filósofo, pode ser cego em relação ao futuro! — que a Revolução Francesa trouxesse uma era de paz. Não conseguiu ver nascer o vermelho

sol do napoleonismo logo depois da aurora do novo dia. Mas talvez tivesse visto, então, o nascer do sol de um outro dia, "quando a constituição de cada estado for democrática e a guerra não for declarada senão por plebiscito de todos os cidadãos". Só poderemos esperar pela paz universal quando os monarcas e ditadores, "que se consideram os possuidores únicos do Estado", forem coisa do passado, quando cada homem em cada país, "for respeitado como fim absoluto em si mesmo", e quando as nações aprenderem que "é um crime contra a dignidade humana cada homem utilizá-lo como simples instrumento para lucro de outro homem".

Chegara Kant, por fim, ao termo de sua pesquisa filosófica. Procurando Deus, encontrara o Homem. "O Homem", conta-nos uma lenda oriental, "levantou o véu da deusa de Sals e viu a si mesmo".

(Do livro "Vidas de Grandes Filósofos")

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante



NÃO seja vítima da PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas -
4 estão ameaçadas

Se as gengivas lhe causam incômodo... se estão sensíveis e sangram facilmente — tome cuidado! — pode ser Piorrêia, a grande praga moderna que mina as gengivas e faz perder os dentes.

Comece a proteger-se logo com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstraram que, com este tratamento simples, 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram notável melhora no decorrer de um mês.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para conservar o encanto natural de seus dentes e a saúde e o vigor de suas gengivas — comece a usar hoje mesmo o famoso dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com
Forhan's

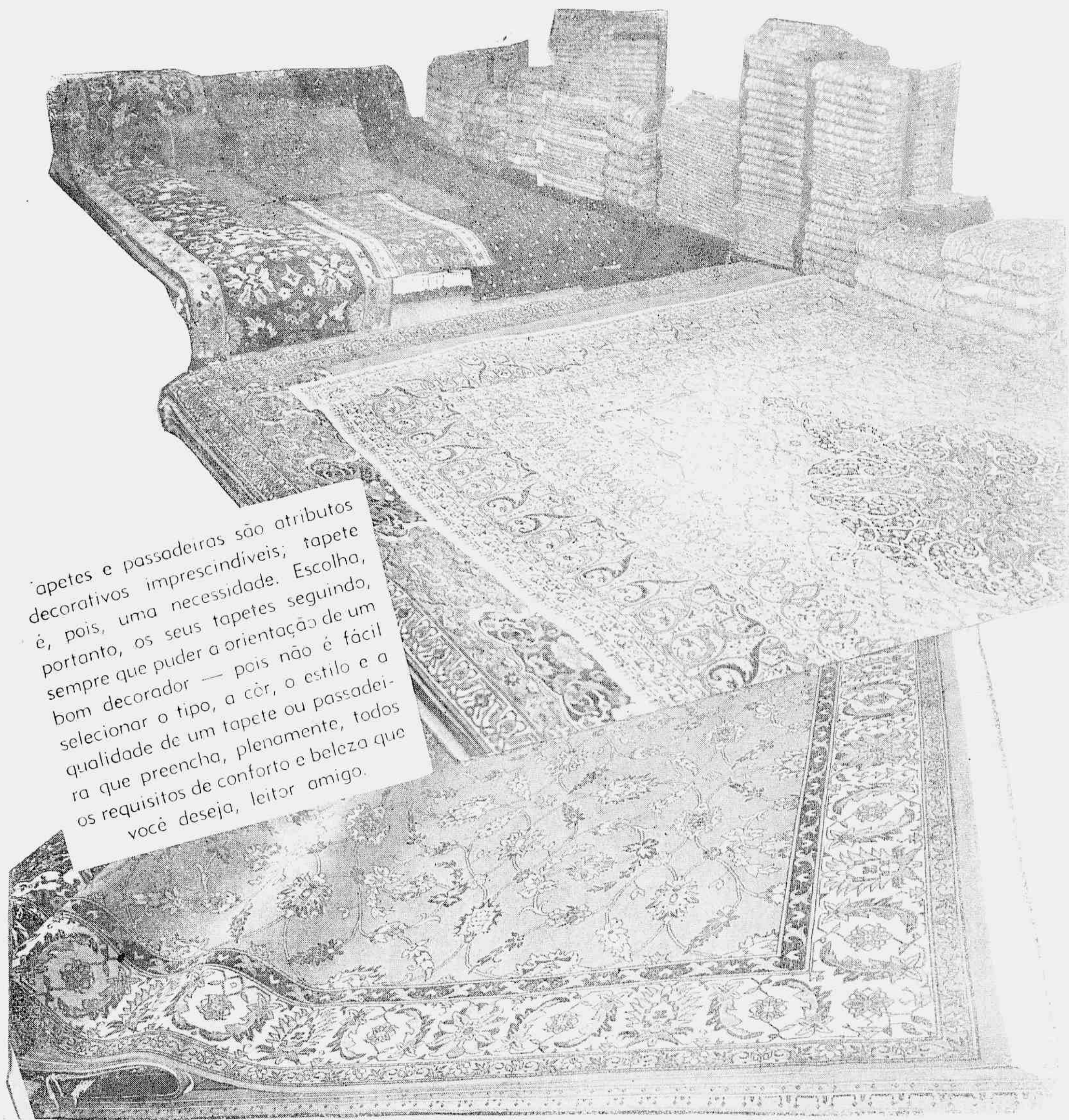


DEPURE O SEU SANGUE

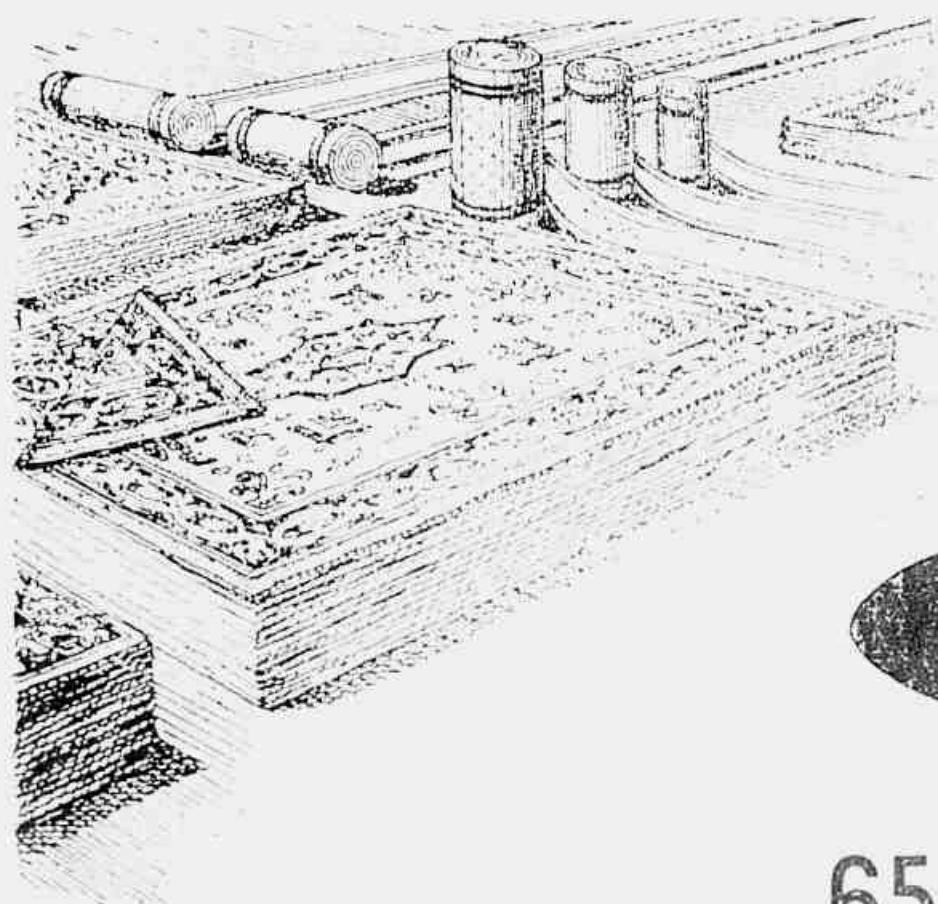
Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

**SALSAPARRILHA DE
BRISTOL**

(Medicação auxiliar no tratamento da SÍFILIS)

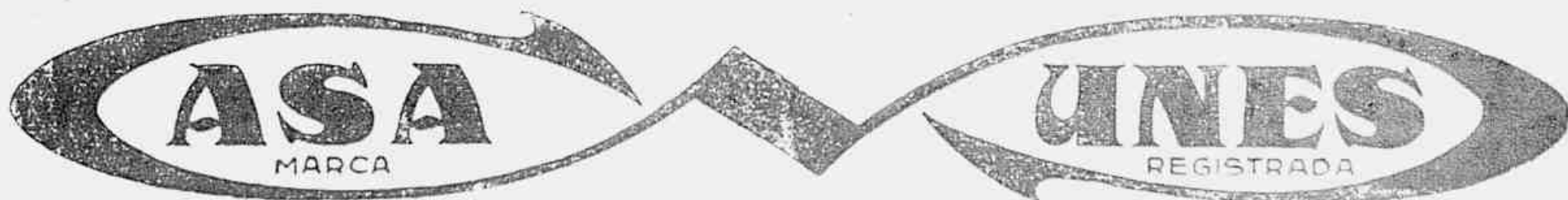


Tapetes e passadeiras são atributos decorativos imprescindíveis; tapete é, pois, uma necessidade. Escolha, portanto, os seus tapetes seguindo sempre que puder a orientação de um bom decorador — pois não é fácil selecionar o tipo, a cor, o estilo e a qualidade de um tapete ou passadeira que preencha, plenamente, todos os requisitos de conforto e beleza que você deseja, leitor amigo.



“QUINZENA DOS TAPETES”

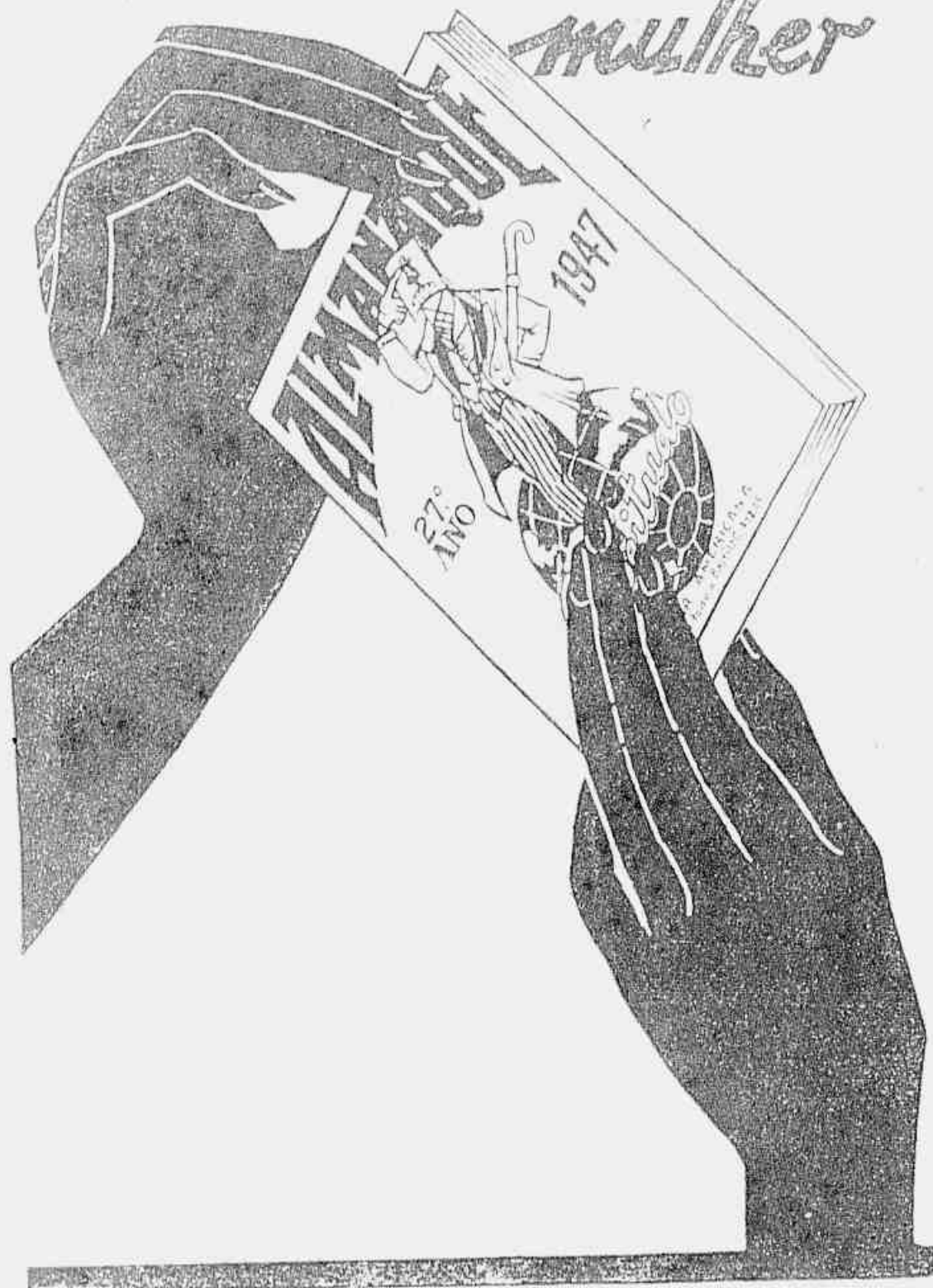
Uma tradição que se renova, para a apresentação dos TAPETES E PASSADEIRAS DE QUALIDADE, ingleses, franceses, portugueses, orientais, indianos, etc., recentemente importados. — Cores e desenhos exclusivos. GRANDES REDUÇÕES DE PREÇOS



65 — Rua da CARIOCA, 67 — Rio

FUNDADA
EM 1912

*Nas mãos delicadas da
mulher*



NOVA EDIÇÃO DO PRECIOSO LIVRO DOS MIL ASSUNTOS

OFERECE LEITURA VARIADA E INTERES-
SANTE PARA GENTE DE TODAS AS IDADES:

HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS

Um belo romance, contos, novidades, história,
anedotas, literatura.

ESPORTES * CINEMA * RÁDIO * INFOR-
MAÇÕES COMPLETAS SOBRE O ANO.

ESTÁ À VENDA EM TODA PARTE O

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1947

PREÇO : CR\$ 12,00 EM TODO O BRASIL

Pedidos à

Cia. EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 * Rio